

www.autoresespiritasclassicos.com

Herculano Pires

Parapsicologia Hoje e Amanhã



Herculano Pires



Conteúdo resumido

Este livro revela as estreitas relações existentes entre Ciência e Religião. Essas relações se tornam cada vez mais evidentes na acelerada evolução científica do nosso tempo. Não se pode tapar o sol com peneira. As conotações aqui apresentadas se constituem de fatos e não de argumentos.

Agora, que os livros de Parapsicologia começam a aparecer em nossa língua, era indispensável um guia como este, no qual o autor explica, em poucas páginas e de maneira clara, o que é e o que não é Parapsicologia.

Além disso, a deformação da Parapsicologia, feita intencionalmente entre nós, em cursos e livros, é denunciada de maneira objetiva e corrigida nestas páginas.

O autor foi professor do primeiro curso regular de Introdução à Parapsicologia ministrado entre nós e é atualmente segundo vice-presidente e diretor do Departamento Teórico do Instituto Paulista de Parapsicologia.

José Herculano Pires foi o que podemos chamar homem múltiplo. Em todas as áreas do conhecimento em que desenvolveu atividades – dentro e fora do movimento doutrinário – sua inteligência superior iluminada pela doutrina espírita e pela cultura humanística brilhava com grande magnitude, fazendo o povo crescer espiritualmente. Herculano Pires foi mestre em Filosofia da Educação na Faculdade de Filosofia de Araraquara e membro da Sociedade Brasileira de Filosofia; presidente do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Estado de São Paulo e fundador do Clube dos Jornalistas Espíritas de São Paulo, que presidiu por longos anos; diretor da União Brasileira de Escritores e vice-presidente do Sindicato dos Escritores de São Paulo; presidente do Instituto Paulista de Parapsicologia (...). E, o que é mais importante: espírita desde os vinte e dois anos de idade, ninguém no Brasil e no estrangeiro mergulhou tão fundo nas águas cristalinas da Codificação Kardeciana e ninguém defendeu mais e com mais competência do que ele a pureza doutrinária (...)

(Do livro
J. Herculano Pires, o Apóstolo de Kardec,
de Jorge Rizzini)

Aos meus alunos do
1º Curso de Introdução à Parapsicologia,
ministrado em São Paulo no correr de 1963.

Aos meus colegas do
Instituto Paulista de Parapsicologia, primeira
instituição científica do ramo a surgir no Brasil.

Sumário

O que é o homem?	5
Primeira Parte – Parapsicologia Hoje	10
1. O que é Parapsicologia.....	10
2. A história de <i>Psi</i>	17
3. <i>Cv</i> – A visão sem olhos.....	24
4. <i>Tp</i> – A linguagem da mente	33
5. <i>Peg</i> – O domínio do tempo	44
6. <i>Pk</i> – A mecânica da vida	56
7. <i>Tt</i> – Janela do infinito.....	67
8. <i>Mec</i> – Mergulho no passado.....	72
9. <i>Gi</i> – Gravação do inaudível.....	83
10. Pesquisas e controle	93
11. Hiperestesia e hipermnesia.....	102
Segunda Parte – Parapsicologia Amanhã	114
1. Palingenesia: síntese dialética.....	114
2. O processo palingenésico	118
3. Da profecia à precognição.....	122
4. Imanência e transcendência.....	126
5. Razão da dialética palingenésica.....	130
6. Carington e a Parassociologia	134
7. Implicações sociológicas.....	138
8. <i>Psi</i> e as transformações sociais	142
9. <i>Psi</i> e a revolução cristã.....	146
10. <i>Psi</i> e a civilização do espírito.....	150
11. <i>Psi</i> e o desenvolvimento moral	154
12. <i>Psi</i> e o problema da crença.....	158
13. <i>Psi</i> e o realismo	162
14. <i>Psi</i> na medicina	166
15. Parapsicologia e Espiritismo	170
16. Os padres mágicos.....	175
Índice Bibliográfico	182
Vocabulário.....	184

O que é o homem?

A pergunta “O que é o homem?” abre esta edição porque corresponde precisamente à encruzilhada a que a Parapsicologia chegou neste momento. A investigação dos fenômenos parapsíquicos revelou à Ciência um homem de novas dimensões. As duas linhas clássicas de interpretação antropológica – ou as diversas Antropologias a que se refere Rhine – encontraram a sua superação dialética na síntese do *homem-psi*.

Tínhamos de um lado a tese do homem espiritual e de outro a antítese do homem animal. As concepções religiosas em geral ofereciam-nos a perspectiva de uma Antropologia espiritualista. As concepções científicas reduziam essa perspectiva às limitações de uma Antropologia materialista. Mas o avanço das próprias pesquisas científicas levou o dilema *espiritualismo-materialismo* à solução que hoje se impõe em todos os campos do conhecimento, particularmente na própria Física. E claro que a Psicologia, sujeita aos postulados físicos como todas as demais disciplinas científicas, não poderia escapar às conseqüências desse processo. O *homem-psicológico* não pôde mais ajeitar-se na rede animal do sensório. Teve fatalmente de *se abrir* no extra-sensório, como o Universo físico *se abriu* no energético.

O *homem-psi* é a réplica do novo microcosmo ao novo macrocosmo. Em vão reagem – e reagirão ainda por algum tempo – certas áreas psicológicas a essa transformação radical do seu campo de estudos. O *homem-psicológico* moderno está irremediavelmente superado pelo *homem-psi* contemporâneo, da mesma forma que o Universo físico foi superado pela nova concepção do Universo energético. Pode-se alegar, como o faz Bertrand Russell, que a energia é também um conceito físico. Mas pode-se responder, com Arthur Compton, que o conceito de energia mudou e mudará ainda mais.

Ao superar o conceito do homem-psicológico, o novo conceito de *homem-psi* não destrói aquele: apenas o amplia. É o mesmo que se dá no tocante ao conceito de Universo, bem como aos seus corolários de *matéria* e *energia*. O conhecimento avança por degraus, é a subida por uma escada. Só os precipitados

pretendem negar inteiramente o passado, esquecidos de que as conquistas recentes se apóiam nas anteriores.

A nova concepção do homem não é materialista nem espiritualista, mas as duas coisas ao mesmo tempo. Segundo a bela expressão de Rhine, o repúdio ao dualismo cartesiano, decorrente do exagero que se pode chamar de *dualismo-absoluto*, desaparece ante a demonstração científica da existência universal de um *dualismo-relativo*. Esse novo dualismo aparece no homem como a relação psicossomática. Os fenômenos parapsíquicos demonstram a dualidade da composição humana.

Assim, o *homem-psi* é um composto de psique e soma. Seria isto uma volta à concepção religiosa de alma e corpo? Sim, mas enriquecida, como sempre aconteceu na dialética do conhecimento. A alma não é mais uma entidade metafísica ou uma concepção teológica: é o moderno psiquismo da concepção científica, mas liberto da sujeição ao corpo. A alma não é mais um epifenômeno, um simples resultado das atividades do fenômeno orgânico. Passou a ser a *mente*, elemento extrafísico do homem, capaz de sobreviver à morte física, mas susceptível de investigação científica em laboratório.

Abrem-se assim novas possibilidades à própria Medicina psicossomática, bem como a todas as Ciências do Homem. Bastaria isto para evidenciar a importância das pesquisas parapsicológicas, como chegou a encarecer o Professor Leonid Vassiliev, da Universidade de Leningrado, pouco antes de seu falecimento, não obstante sua posição materialista. Acessível à pesquisa científica de laboratório, a alma deixa de ser “do outro mundo” para se integrar neste. A sua relação com o corpo físico mostra que ela não é metafísica, no sentido clássico do termo, mas extrafísica, ou seja, apenas não sujeita às leis físicas, como a considerava o materialismo.

Os pontos principais do “momento parapsicológico”, segundo nos parece, são os seguintes:

- a) Pesquisa dos fenômenos relacionados com a morte, pelo grupo do Professor Pratt, da *Duke University*, dando origem

à classificação de um novo tipo de fenômeno paranormal, denominado *teta* (oitava letra do alfabeto grego);

- b) Pesquisa dos fenômenos relacionados com a teoria da reencarnação, como o provam o livro já famoso do Professor Ian Stevenson, da Universidade de Virgínia, Estados Unidos, e os trabalhos do Professor Banerjee, da Universidade de Jaipur, na Índia, embora ainda cercados de cautelas e reservas excessivas;
- c) Pesquisa no mesmo sentido através da hipnose por psiquiatras russos, como o caso do Professor Vladimir Raikov e suas experiências de “reencarnações sugestivas”, embora consideradas puramente do ponto de vista da sugestão hipnótica;
- d) Prosseguimento das pesquisas sobre o problema de padrões de memória na *ESP* (*percepção extra-sensorial*), nos Estados Unidos e na Europa, esclarecedoras de grande número de casos atribuídos à fraude anímica ou mediúnica;
- e) Pesquisas dos cientistas norte-americanos da equipe do Professor Puharich sobre médiuns curadores (ressaltando as realizadas com Arigó) e da Fundação Edgar Cacy, no mesmo sentido. Uma equipe desta fundação esteve em São Paulo fazendo observações em 1969;
- f) Pesquisas sobre gravações de comunicações espirituais em fitas magnéticas, iniciadas por Friederich Jürgenson, de Moinho, Suécia, e desenvolvidas pelo cientista Konstantin Raudive e outros na Alemanha, entre os quais Hans Geisler. Tivemos contato pessoal com o pesquisador italiano Dr. Giuseppe Crosa, de Gênova, neuro-psiquiatra e parapsicólogo, e ouvimos algumas de suas importantes gravações;
- g) Como significativa contribuição dos físicos e biólogos soviéticos, podemos registrar a descoberta do corpo bioplasmático do homem, que se retira do corpo no momento da morte (verificação experimental através de câmaras fotográficas especiais) e cujas pesquisas podem ser conhecidas através do livro *Descobertas Psíquicas por trás da Cortina de Ferro*, de Lyn Schroeder e Scheila Ostrander, Estados Unidos, atualmente em fase de tradução no Brasil.

Essas novidades mostram uma tendência geral do “momento parapsicológico” para a aceitação da tese da sobrevivência do homem após a morte física e sua possibilidade de *ação sobre a matéria*, segundo a tese do casal Rhine e de outros investigadores eminentes da América, da Europa e da Ásia. A reação a essa tendência é intensa, tanto no campo parapsicológico como no científico em geral, mas o rigor das investigações e o comportamento cauteloso dos pesquisadores, todos altamente capacitados, têm evitado os tumultos e as polêmicas estéreis que praticamente barraram o avanço da Metapsíquica.

É assim que a Parapsicologia de hoje se abre em possibilidades para o amanhã. Essas possibilidades não decorrem, porém, unicamente da situação atual. O que as torna mais viáveis é todo o acervo de pesquisas anteriores em que se apóiam: as pesquisas espíritas, as da chamada Ciência Psíquica Inglesa, as da antiga Parapsicologia alemã, as da Metapsíquica francesa, a dos investigadores alemães, italianos e russos – todo um vasto acervo honrado por nomes exponenciais das Ciências em todo o mundo.

O que ainda embaraça o desenvolvimento das investigações é o preconceito. De um lado o preconceito materialista, a que se aferram de maneira anticientífica numerosos expoentes das Ciências na atualidade. De outro lado o preconceito religioso, que se recusa a aceitar a possibilidade de investigações científicas do problema espiritual. Os dois lados se encontram na mesma ojeriza: para o primeiro, falar em natureza espiritual do homem é cair na superstição; para o segundo é violar a santidade do espírito. Mas o desenvolvimento das Ciências sempre se fez *apesar* dessas dificuldades.

O conceito de *homem-psi* já está definitivamente firmado. É uma conquista da Parapsicologia. Nenhuma pessoa medianamente informada da evolução das Ciências nos últimos quarenta anos pode hoje aceitar que o homem seja um animal limitado aos sentidos físicos. Mesmo os especialistas que se apegam aos conceitos de suas especialidades reconhecem que há alguma coisa de novo “no ar”. Sofrem daquela “alergia ao futuro” descoberta pelo Professor Rémy Chauvin, da Escola de Altos Estu-

dos de Paris, mas a sua própria reação é um indício seguro de que o futuro se aproxima.

A situação atual das Ciências é demasiado favorável ao radicalismo. Sua evolução se faz com tamanha rapidez que assusta a uns e exalta a outros. Precisamos usar, mais do que nunca, o bom-senso cartesiano. Temos de ouvir o conselho de Francis Bacon: pôr chumbo nas asas do espírito. Mas não podemos carregar demais essas frágeis asas, para não ficarmos asfixiados no chão. Os assustados se afundam na poeira como avestruzes. Os exaltados voam com asas de cera, como Ícaro. Temos de evitar uns e outros e seguir passo a passo o avanço das Ciências.

Este livro se atém à realidade das pesquisas e seus resultados até o momento, mas não deixa de mostrar as suas conseqüências no futuro imediato. Fechar os olhos diante do Sol que nasce é próprio das toupeiras. Não podemos imitá-las. Somos criaturas humanas, dotadas de razão e pensamento criador. Somos capazes não só de conquistar os espaços siderais, mas também de descobrir a nossa própria natureza. Recusarmo-nos a isso, em atenção a preconceitos, seria renunciarmos à própria inteligência.

Primeira Parte

Parapsicologia Hoje

1

O que é Parapsicologia

Parapsicologia é o processo científico de investigação dos fenômenos inabituais, de ordem psíquica e psicofisiológica. É uma disciplina científica, mas não propriamente uma ciência, pois o seu lugar científico é nos quadros da Psicologia. Os próprios fundadores da moderna Parapsicologia sustentam a sua natureza dependente, embora reconhecendo a necessidade de sua autonomia transitória. É necessário compreendermos isso para não atribuímos à nova disciplina uma posição excepcional no plano do conhecimento, e sobretudo para não lhe darmos um sentido ou um caráter misterioso.

Colocando as coisas em seu devido lugar, podemos dizer que a Parapsicologia é uma nova forma de desenvolvimento das pesquisas psicológicas. A ambição dos parapsicólogos, dos primeiros momentos até agora, tem sido uma só: conquistar para a Psicologia uma área de fenômenos psíquicos ainda desconhecidos. Não quiseram e não querem transformá-la numa ciência independente. O objeto da Parapsicologia são os fenômenos psíquicos não-habituais, mas apesar disso naturais, comuns a toda a espécie humana. E mais do que isso: comuns às demais espécies vivas, pois há também a Parapsicologia Animal.

Embora situada no campo científico da Psicologia, a Parapsicologia liga-se naturalmente a outras áreas das Ciências. Porque os fenômenos parapsicológicos são de ordem vital, psíquica e física. Sua complexidade é a mesma de todas as formas de

manifestações vitais. Por isso, eles podem ser estudados e interpretados de várias maneiras, a partir de diferentes posições. Por exemplo: os parapsicólogos norte-americanos e europeus, da escola de Rhine, encaram os fenômenos como de natureza psicológica; e os parapsicólogos russos, da escola soviética, encaram os fenômenos como de natureza fisiológica. Os primeiros afirmam, atualmente, a natureza extrafísica, ou tipicamente psíquica, desses fenômenos, que nada teriam de material; os segundos sustentam a sua natureza fisiológica, e portanto material.

Essa e outras discrepâncias não invalidam nem prejudicam o desenvolvimento da Parapsicologia, que se processa com a mesma rapidez nos dois campos ideológicos em que se divide o nosso mundo. Porque, cientificamente, pouco importam as interpretações. O que interessa é o desenvolvimento da investigação, a descoberta progressiva, através de pesquisas científicas bem dirigidas, rigorosamente controladas e criteriosamente avaliadas nos seus resultados, da natureza dos fenômenos parapsicológicos. Somente isso poderá levar a Parapsicologia à conquista efetiva da área ou zona de fenômenos psíquicos e psicofísicos até há pouco inteiramente desconhecida, mas já agora bem demarcada nos mapas.

O livro do Professor Joseph Banks Rhine, da *Duke University*, Estados Unidos, *O Novo Mundo da Mente*, apresenta-nos essa área na forma de um mapa bem delineado. Esse mundo, como diz o autor, só é novo para as Ciências. Porque, na realidade, é conhecido do homem há muitos milênios. Talvez desde que o homem existe. As Ciências atuais, que tratam de questões objetivas, deixaram de lado vastas zonas do conhecimento antigo cuja investigação objetiva era difícil, senão impossível. A zona dos fenômenos parapsicológicos foi uma delas. Mas agora, que as Ciências apresentam um grande desenvolvimento em todas as direções do conhecimento, já se torna naturalmente possível enfrentar o perigo e correr os riscos de investigações nessas zonas.

Não é justo, pois, acusarmos os parapsicólogos de medrosos por avançarem vagarosamente, nem os acusarmos de temerários quando arriscam interpretações como a extrafísica de Rhine ou a

materialista de Vassiliev. Os que avançam por zonas desconhecidas devem ter a coragem das afirmações, quando se julgam suficientemente seguros nas suas conquistas. Mas os que ainda não obtiveram os mesmos êxitos têm o direito de duvidar e continuar avançando de maneira cautelosa. Isso acontece em todas as Ciências e em todas as disciplinas científicas e não somente na Parapsicologia. Os que alegam essas divergências como motivo para não tomarem conhecimento das novas descobertas são apenas comodistas. Encontram uma boa desculpa para não se darem ao incômodo de levantar-se de suas confortáveis poltronas, mas continuam cochilando enquanto o progresso caminha com os que andam.

Apesar disso é necessário estabelecer uma diferença entre a audácia dos exploradores legítimos e a impostura dos aventureiros. Estes aproveitam-se das confusões naturais e passageiras do desenvolvimento da nova disciplina científica para mais confundir-la no espírito público, em benefício de seus interesses pessoais ou sectários. É lícito ao investigador honesto, credenciado por seus conhecimentos e sua dedicação à ciência, tirar ilações audaciosas de suas conquistas, mesmo porque o fará dentro dos limites exigidos pelo bom-senso e a honestidade. Mas não é lícito ao aventureiro fazer afirmações infundadas e desonestas, torcendo e distorcendo as coisas para defender a sua opinião pessoal ou de grupo.

A Parapsicologia tem sido vítima desses aventureiros, que o povo não sabe distinguir dos investigadores e dos estudiosos honestos. Costumam dar espetáculos públicos em nome da nova disciplina científica, iludindo as pessoas desprevenidas, como se a Parapsicologia fosse uma nova forma de magia e ilusionismo. Arrastam as pessoas dotadas de sensibilidade especial às salas de espetáculo e as exibem às câmaras de televisão, sem o menor respeito pelo critério científico. Dão cursos de Parapsicologia sobre “comunicações com os mortos” e coisas semelhantes, como se problemas dessa natureza já estivessem resolvidos pela pesquisa parapsicológica, que mal os aflorou ainda, sem chegar a qualquer resultado definitivo. E tudo isso parece ter por finalida-

de o desprestígio da Parapsicologia, com objetivos obscurantistas.

O mesmo já sofreu a Psicologia, em passado recente. O mesmo sofreram outras Ciências e disciplinas científicas. Ninguém pode impedir que a ignorância, a má-fé interesseira, ou mesmo a ingenuidade promovam arruaças desta espécie em zonas pouco policiadas, como as da divulgação científica. Mas é evidente que as pessoas interessadas no conhecimento verdadeiro da Parapsicologia e do que se faz, nos grandes centros universitários do mundo, a seu respeito, não podem deixar-se embair por esses charlatães. Até mesmo nas instituições científicas, dedicadas exclusiva e rigorosamente ao tratamento científico da nova disciplina, eles têm conseguido infiltrar-se, defendendo teses absurdas, sustentando hipóteses duvidosas como verdades comprovadas ou fazendo exposições anticientíficas de *sujets* paranormais.

Os interessados em Parapsicologia devem compreender, antes de tudo, que uma disciplina científica não comporta exposições de tipo teatral. O verdadeiro parapsicólogo, ou simplesmente o verdadeiro estudante de Parapsicologia, jamais se apresentará num programa de televisão ou num salão para dar espetáculos de ilusionismo e malabarismo ou para tentar as conhecidas “demonstrações” de telepatia pelo método de esquina de rua. A Parapsicologia se fundamenta na pesquisa científica de laboratório, arduamente realizada, com todos os rigores necessários do controle científico, obtendo resultados que são submetidos a tratamento matemático para que possam ser legitimamente avaliados. Fora disso, o que temos é simples empirismo, charlatanismo ou ingenuidade.

Os cursos populares de divulgação parapsicológica são benéficos quando dados por instituições científicas idôneas, com a finalidade de esclarecer o público e adverti-lo contra as mistificações. Seus certificados e diplomas têm apenas o valor de um atestado de boa-informação. Esses cursos não formam parapsicólogos. Apenas informam os seus freqüentadores quanto aos problemas e aos objetivos da nova disciplina. É assim, apenas assim, que devem ser encarados. Quando, pois, um pretendo

parapsicólogo se propõe a “ensinar” que a Parapsicologia nega a existência de espíritos, de comunicações espirituais, de princípios religiosos e filosóficos, como o da reencarnação e o da existência de Deus, os seus diplomas e certificados não têm sequer o valor de atestado de informação sobre o assunto.

Convém deixar bem claro que alguns parapsicólogos de renome mundial, sérios e altamente capacitados, chegaram a sustentar, com base nas ilações que tiraram de suas investigações, a supervivência da mente após a morte física. O Professor Whately Carington, da Universidade de Cambridge, responsável pelas famosas experiências de telepatia com desenhos que forneceram as primeiras provas científicas da *precognição*, chegou a formular uma teoria parapsicológica da existência *post-mortem*. O Professor Harry Price, catedrático de lógica da Universidade de Oxford, sustenta a mesma tese, afirmando que a mente humana sobrevive à morte e tem o mesmo poder da mente do homem vivo, de influir sobre outras mentes e sobre o mundo material. O Professor Soal, da Universidade de Londres, realizou com êxito experiências de *voz direta*, nas quais a voz do comunicante vibra no espaço independentemente do sensitivo ou médium. O Professor Rhine, em *O Novo Mundo da Mente*, reconhece que nas experiências examinadas por sua esposa, a Professora Louise Rhine, na *Duke University*, há casos que sugerem a participação de uma entidade extracorpórea.

Enquanto isso, Robert Amadou, na França, sustenta a posição católica segundo a qual os fenômenos paranormais são de ordem inferior, relacionados com o psiquismo animal, de maneira que não podem provar nada a respeito da alma e sua sobrevivência. “A rigor – escreve Amadou –, podemos aceitar que alguns elementos inferiores do psiquismo conservem, depois da morte funcional do corpo, uma existência própria, e continuem, assim, não propriamente uma individualidade ilusória, que durante a vida era tomada pela verdadeira personalidade, mas aquilo que a tradição chinesa denomina de *influências errantes*. Tratar-se-ia de imagens e lembranças que não estariam ligadas a nenhuma consciência, de fatos psíquicos isolados, segundo a expressão do Professor Broad, de fragmentos capazes de inspirar o médium”

(*La Parapsychologie*, 4ª parte, cap. III, A questão da sobrevivência).

Essa posição de Amadou e Broad coincidem com a teoria teosófica de Helena Petrovna Blavatsky da existência dos “cascões astrais” ou corpos espirituais abandonados por almas ou espíritos. Teoria, aliás, considerada absurda por alguns teósofos, como se vê no livro de P. A. Sinnet: *Incidentes da Vida da Senhora Blavatsky*. Sinnet considera essa teoria como simples resultado de uma precipitação de Blavatsky. E acrescenta: “Todos quantos, posteriormente, estudaram ocultismo, sabem hoje que o plano astral desempenha na vida de além-túmulo um papel muitíssimo mais importante do que a errônea teoria dos *cascões* nos fez inicialmente supor” (Cap. VIII: Residência nos Estados Unidos). Mas é evidente que tudo isso nos serve para mostrar que a Parapsicologia em si, como disciplina científica, não nega nem prova a realidade da sobrevivência espiritual e suas conseqüências. A controvérsia a respeito existe no campo parapsicológico como em qualquer outro.

Torna-se necessário, pois, a distinção entre Parapsicologia e interpretações parapsicológicas. A Parapsicologia, como disciplina científica, trata objetivamente dos fenômenos paranormais, encontrando-se ainda na orla da praia desse vasto continente em que se estendem as planícies ou as regiões montanhosas das doutrinas religiosas e ocultistas. As interpretações religiosas e filosóficas dos resultados obtidos pela pesquisa parapsicológica podem ser, de acordo com a posição do analisador, favoráveis ou contrárias à sobrevivência espiritual do homem. Mas é evidente que mesmo nessas interpretações existem as que se orientam pelo bom-senso e a honestidade e as que se desmandam em distorções dos fatos visando a objetivos sectários. Cabe às pessoas de bom discernimento fazerem a distinção necessária.

A Parapsicologia aparece no campo das investigações psicológicas como a conseqüência natural do desenvolvimento da chamada psicologia profunda, a partir de Freud, e da psicologia da forma ou *Gestalt*, a partir de Wertheimer. A Psicanálise iniciou a investigação do inconsciente, que a Parapsicologia

aprofunda, e a *Gestalt* desenvolveu os estudos da percepção, que a Parapsicologia amplia.

Do encontro e da fusão dialética desses dois ramos da Psicologia surgem a teoria e a pesquisa da *percepção extra-sensorial*, considerada esta como captação direta da realidade pelo inconsciente, num processo *gestáltico* de percepção, ou seja, numa forma de percepção global que os sentidos físicos não abrangem. Os limites do psiquismo se ampliam muito além do sensorio comum. A Psicologia se liberta da sua sujeição ao físico e mesmo ao fisiológico, sem entretanto esquecer a realidade do condicionamento psicofisiológico. É o que examinaremos mais adiante.

2.

A história de *Psi*

Há uma pequena letra grega, chamada *psi*, que os nossos estudantes de matemática conhecem muito bem e exerce papel importante na Parapsicologia. Essa letra foi escolhida pelos Profs. Wiesner e Thoules para designar, do ponto de vista puramente científico, os fenômenos paranormais. Por que essa escolha? Porque era necessário dar a esses fenômenos uma designação inteiramente livre de implicações interpretativas. Chamando-os de *psi*, damos-lhes apenas um nome técnico, sem nenhuma intenção ou carga emotiva.

Pelo contrário, quando dizemos que esses fenômenos são espíritas ou espíritóides, metapsíquicos, mesméricos ou hipnóticos e assim por diante, estamos ao mesmo tempo dando-lhes uma interpretação ou pelo menos enquadrando-os numa interpretação já aceita por muitos e rejeitada por outros. Não se trata de dar um novo rótulo a velhos fenômenos, mas de adotar uma terminologia científica livre de compromissos hipotéticos, a fim de que as investigações nesse campo não encontrem novos embaraços.

A escolha foi das mais felizes. E tanto assim que passou logo a ser adotada oficialmente. O I Colóquio Internacional de Parapsicologia aprovou essa designação, juntamente com as especificações feitas posteriormente por Wiesner e Thoules, com a junção a *psi* de outras letras gregas para a designação dos dois campos fundamentais dos fenômenos em causa. Os fenômenos *psi* ficaram assim divididos em dois campos hoje bem conhecidos: o dos fenômenos *psigama* e o dos fenômenos *psikapa*.

Antes de entrarmos em maiores detalhes, façamos um esquema ilustrativo dessa posição dos fenômenos, utilizando-nos dos próprios símbolos gregos que os designam. Os fenômenos *teta* foram recentemente acrescentados:

$$(Psi) \Psi \quad \left\{ \begin{array}{l} \Psi\gamma \text{ (Psigama)} \quad \theta \text{ (Teta)} \\ \Psi\chi \text{ (Psikapa)} \quad \theta \text{ (Teta)} \end{array} \right.$$

A própria designação de *psi* divide-se também em dois campos: chamamos *funções psi* ao desconhecido mecanismo mental

que produz os efeitos paranormais, e *fenômenos psi* a estes efeitos. Temos, portanto, uma relação de causa e efeito bem determinada, que nos oferece uma visão dupla do campo parapsicológico. De um lado estão as *funções psi*, que pertencem à mente e são de ordem subjetivo-causal; de outro lado os *fenômenos psi*, que pertencem ao mundo exterior ou mundo fenomênico, dos efeitos.

Essa divisão corresponde à velha concepção dualista, tão veementemente refutada pelas Ciências. Mas é preciso compreender que se trata de um recurso metodológico, à semelhança dos que são usados em todas as Ciências para facilitar o estudo dos problemas. Na verdade existe em *psi* uma reciprocidade complexa, que o Professor Rhine explica como polaridade. *Psi* é uno, mas tem dois pólos. Se quisermos, *psigama* é o seu pólo positivo e *psikapa* o seu pólo negativo. Essa interpretação arbitrária só deve ser admitida como meio de compreendermos a complexidade de *psi*, que é ao mesmo tempo una e dupla.

Outra explicação do Professor Rhine parece-nos muito útil para melhor compreensão do assunto: não existe em *psi* uma dualidade absoluta, mas relativa. É o mesmo tipo de dualidade que encontramos nas relações psicofísicas. Na verdade, essa dicotomia, que tanta celeuma provocou na Filosofia e na Ciência, pode ser reduzida, segundo pensamos, a termos de teoria e prática. Conseguimos atingir uma concepção monista do universo e do homem, mas ela é sempre uma pura concepção. Teoricamente somos monistas, mas na prática não escapamos ao dualismo.

Assim acontece com *psi*. Concebemos *psi* como uma unidade indivisível: *funções* e *fenômenos*, da mesma maneira que *psigama* e *psikapa*, fundem-se num todo conceptual. Mas praticamente não podemos tratar de *psi* como um todo. Temos de dividi-lo em campos diversos, a começar da distinção inevitável entre *funções* e *fenômenos*. Para melhor compreendermos isso basta lembrar que o *todo* não é simples, mas orgânico. A complexidade orgânica do *todo* explica a necessidade de dividi-lo para compreendê-lo.

A descoberta científica das *funções psi* foi realizada pelo Professor Rhine e sua equipe de pesquisas na Universidade de Duke, Carolina do Norte, Estados Unidos. Praticamente podemos dizer que Rhine descobria a pólvora, pois essas funções e toda a fenomenologia delas decorrente já eram conhecidas das antigas civilizações e até mesmo dos povos primitivos. Em nenhum momento da história humana, e mesmo da pré-história, podemos assinalar o desconhecimento dessas funções e desses fenômenos. A literatura clássica e a religiosa de todos os povos estão repletas de relatos de fenômenos *psi*. E a própria Ciência já havia feito algumas incursões audaciosas por esse terreno, com êxito muitas vezes espantoso.

Mas a verdade é que Rhine teve de provar com enorme dificuldade a sua descoberta. O Professor William McDougall, conhecido psicólogo inglês, pronunciando uma conferência na Universidade de Clark, em 1926, declarou peremptoriamente que a Ciência não deve temer as investigações paranormais, mas enfrentá-las através das Universidades. Em 1930, por sua iniciativa, criava-se o primeiro Laboratório de Parapsicologia do mundo na *Duke University*, e o Professor Joseph Banks Rhine era incumbido de dirigi-lo.

Dado esse primeiro passo, Rhine entregou-se ao trabalho. Começou por reconhecer a antigüidade do conhecimento humano desses fenômenos e o grandioso trabalho de investigação realizado pela Metapsíquica, bem como pelas Sociedades de Pesquisas Psíquicas da Inglaterra e dos Estados Unidos. Prestou sua homenagem a Charles Richet, o criador da Metapsíquica, ao físico William Crookes e aos demais sábios que se haviam dedicado às pesquisas nesse terreno, mas declarou que colocava todas essas investigações e experiências entre parênteses, deixava-as em suspenso, para reiniciar a pesquisa com métodos modernos e o mais absoluto rigor científico.

Não foi nada fácil realizar essa tarefa. As *funções psi* eram tão conhecidas quanto duvidosas. As investigações anteriores haviam sido rechaçadas pelo mundo da Ciência. Rhine entregou-se exclusivamente à aplicação do método estatístico, iniciando a investigação com fenômenos simples, em experiências rudimen-

tares. Era necessário provar, sem qualquer possibilidade de dúvida, que os fenômenos existiam. Provar para a Ciência, para os homens de Ciência, para os Tomés do método experimental. E foi isso o que realmente ele conseguiu fazer. Mas depois de quantos sacrifícios, quantos esforços, quanta paciência! Havia o fantasma da fraude, consciente ou inconsciente; o problema do acaso, a suspeita da credence. Mas Rhine aplicou pacientemente o método escolhido, usando o cálculo de probabilidades para exclusão do acaso e os recursos técnicos modernos para exclusão da fraude e dos efeitos da credence.

As *funções psi* que foram objeto do interesse imediato da pesquisa, na *Duke University*, eram a clarividência e a telepatia. Mas a clarividência esteve em primeiro lugar. Num período de dez anos, através dos trabalhos na *Duke* e em várias outras Universidades norte-americanas e européias, já então interessadas na pesquisa de *psi*, foi ela o objeto das mais rigorosas e exaustivas experimentações. Em 1940, como declara Rhine: “A clarividência estava firmemente comprovada”. Mas a telepatia continuava em dúvida. A tendência geral era de considerar este fenômeno como simples aspecto da clarividência. Foram necessárias experiências especiais de telepatia pura a fim de comprovar-se cientificamente a sua existência.

O conjunto dessas experiências, que constitui a mais audaciosa e volumosa realização de pesquisas científicas de todos os tempos – para o simples fim de verificar a existência ou não de alguma faculdade humana – acabou demonstrando de maneira irrefutável que possuímos a capacidade de *percepção extra-sensorial*. Assim a Ciência ratificava o conhecimento vulgar do passado, do mais remoto passado humano. *O homem pode perceber por outra via que não a dos sentidos físicos. E o mais importante é que pode “adquirir conhecimentos verdadeiros sobre a matéria por vias não materiais”*.

Essa conquista científica era da mais alta importância, destinada a ampliar de maneira imprevisível o campo até então bastante restrito da Teoria do Conhecimento. E essa ampliação se fazia particularmente no plano do autoconhecimento. A própria concepção do homem e dos seus poderes teria de ser modificada,

não no sentido de uma destruição do que já havíamos conquistado, mas no sentido de um acréscimo de enorme significação.

Rhine não teve dúvidas em afirmar, logo que os dados da pesquisa lhe forneceram os elementos necessários, que a *percepção extra-sensorial* não era de natureza física. Essa afirmação equivalia ao mesmo tempo a uma evolução e uma involução – segundo os preconceitos científicos – na interpretação do homem. Evolução porque avançava além das fronteiras físicas das Ciências; e involução porque, nesse avanço, fazia-nos retroceder às concepções místicas do passado, àquelas mesmas concepções dogmaticamente impostas que por tanto tempo haviam impedido o desenvolvimento científico.

Quais as razões de Rhine? Primeiro, a própria natureza da *percepção extra-sensorial* – que não depende dos sentidos físicos – demonstrava a sua independência das leis físicas. Depois, as grandes experiências de telepatia à distância provaram que essa forma de percepção não estava condicionada pelo espaço. E depois, ainda, as provas de *precognição (Peg)* e *retrocognição (Reg)*, surgidas espontaneamente no desenvolvimento das experiências, provaram uma coisa ainda mais espantosa, ou seja: que essa percepção não estava sujeita ao condicionamento do tempo. O homem pode perceber o que acontece não apenas no presente, o que existe não somente no “aqui” e no “agora” existenciais, mas também as coisas e os fatos do futuro e do passado. *A adivinhação e a profecia estavam provadas cientificamente.*

É fácil compreendermos a reação dos meios científicos a essas declarações. A Parapsicologia estava ameaçada do mesmo descrédito que havia asfixiado a Metapsíquica e a Pesquisa Psíquica do século anterior; e isso apesar da sua prudência, dos métodos rigorosamente científicos de que se utilizara, apesar de se haver restringido a pesquisas de fenômenos rudimentares, na periferia do grande mundo desconhecido dos fenômenos paranormais. E foram precisamente os psicólogos os que mais se opuseram, os que mais obstinadamente rejeitaram os resultados apresentados por Rhine e seus colaboradores e continuadores.

Ficou célebre a *enquete* realizada em 1938 entre os membros da *American Psychological Association*. Dos 515 psicólogos consultados, apenas 360 responderam, e desses, somente 16,6% mostravam-se dispostos a reconhecer que estava demonstrada a existência da *percepção extra-sensorial*, ou pelo menos a sua possibilidade. A consulta havia sido feita pelo Professor Lucien Warner. Pelos dados acima vemos que apenas uma sexta parte dos psicólogos de renome, que responderam à *enquete*, admitiam a existência ou possível existência dos fenômenos *psi*. Não obstante, 89% consideravam a investigação como legitimamente científica e 78% a consideravam como enquadrada no procedimento da Psicologia.

Na verdade, mais de dois terços desses psicólogos – que opinaram a respeito – não haviam lido jamais qualquer informe oficial sobre as pesquisas. E Rhine acentua que um em cada três declarou basear-se apenas em “raciocínios *a priori*”, o que vale dizer, como Rhine comenta, que “mais de 30% desses psicólogos “sabiam de antemão”, sem nenhuma espécie de prova, que *a percepção extra-sensorial não existe*”. Não poderia haver maior prova da existência do preconceito científico, ou seja, da atitude anticientífica dentro da própria Ciência.

Surgiram posteriormente a *Questão Matemática* e a *Questão Experimental*. A primeira se constituía de uma série de críticas ao procedimento matemático de controle e apuração das experiências. A segunda, de críticas ao procedimento metodológico. Rhine submeteu o procedimento matemático ao exame da reunião anual do *American Institute of Mathematical Statistics*, de 1937, e as condições experimentais à reunião anual, de 1938, da *American Psychological Association*. Esses dois congressos aprovaram a legitimidade dos procedimentos experimentais e matemáticos das pesquisas parapsicológicas, pondo fim àquelas duas questões.

Chegamos assim ao termo desta pequena história de *psi*, pois daí por diante só os teimosos continuam a duvidar do que não examinaram. Não obstante, é bom lembrar que só tratamos de *psi* como *percepção extra-sensorial*, ou seja, como *psigama*. Resta a

história, não menos comovente, de *psikapa*, de que trataremos logo mais.

A moral da história, como se vê, é a de que o processo do conhecimento se desenvolve em espiral. Da mesma maneira porque a Ciência teve de enfrentar o preconceito religioso, a autoridade dogmática, para impor a sua verdade, a Religião tem hoje de enfrentar o preconceito científico para fazer que os seus direitos sejam reconhecidos. E isso acontece ainda mesmo quando os problemas referentes à natureza espiritual do homem não são colocados de maneira axiomática, mas como resultados evidentes da própria investigação científica, realizada com o maior rigor metodológico.

É a alergia ao futuro a que se refere o Professor Rémy Chauvin. Um exemplo dessa doença que ataca os cientistas é o livro do Professor Otto Lowenstein, *Os Sentidos*, publicado na Inglaterra em 1966. Um quarto de século após a vitória da Parapsicologia nas próprias Universidades inglesas, o Professor Lowenstein, no final do volume, põe em dúvida toda a pesquisa extra-sensorial, reclamando para ela o rigor que figura nos relatórios que não quis consultar. O Professor Lowenstein continua fechado, como um pássaro cego, na gaiola dos cinco sentidos físicos. Como muitos outros cegos que não querem ver.

3.

Cv – A visão sem olhos

Podemos ver sem os olhos? Eis uma questão que, se proposta a uma reunião de sábios, há alguns anos, poderia mandar-nos para um hospício. Hoje, porém, podemos não só formulá-la, mas também respondê-la afirmativamente, dentro de qualquer instituição científica das mais respeitáveis. Porque a *função psi*, pertencente ao campo de *psigama*, geralmente designada por Cv – que é a clarividência – está cientificamente provada desde 1940. Há mais de um terço de século, portanto, o mundo científico sabe da existência dessa possibilidade da visão sem olhos.

Mas isso não impediu que, ainda há alguns anos, ilustre professor de medicina publicasse entre nós verdadeiro calhamaço em que negava a existência dessa função e de qualquer outra da mesma natureza. Nem impedirá que, neste mesmo momento, outros livros semelhantes, por autoridades científicas do mesmo gabarito, sejam publicados no Brasil e no Exterior. Porque o preconceito científico é tão cego e surdo como o preconceito religioso, de cujas entranhas nasceu, como já vimos no exemplo do capítulo anterior.

Por sinal que o preconceito religioso continua a criar grandes obstáculos ao desenvolvimento das pesquisas e particularmente à verdadeira interpretação dos seus resultados. O caso da clarividência é típico. Esta função não foi apenas a primeira a ser comprovada cientificamente, mas também a única que ofereceu condições de verificação experimental, sem muita possibilidade de confusão com outras funções. A única, enfim, que pôde ser comprovada como pura, sem mistura com as demais. Mas, apesar disso, foi justamente a telepatia, a mais sujeita a confusões, que serviu para a criação de uma escola parapsicológica que pretende reduzir a clarividência e todas as demais *funções psi* exclusivamente a ela. O expoente mundial dessa posição é Robert Amadou, na França, cujo facciosismo se desmascarou no seu pequenino livro *Os Grandes Médiuns*.

As pesquisas de clarividência foram relativamente fáceis, pois era fácil excluir a possibilidade telepática. Para tanto, bastava colocar o *sujet* em relação com objetos materiais desconhecidos de qualquer pessoa. Por exemplo: um maço de cartas de baralho especial, embaralhado mecanicamente. Ninguém sabia em que ordem as cartas se encontravam. Se o *sujet* era capaz de revelar essa ordem nas séries de experiências realizadas, de maneira a excluir qualquer possibilidade de acerto por acaso, ficava demonstrado que a telepatia não participara do fenômeno. Excluir a telepatia não era difícil. Mas já o mesmo não se passa com a experiência de telepatia pura, quando se quer excluir a possibilidade de interferência clarividente.

Essa posição cômoda da clarividência foi completamente transtornada quando os fenômenos de *precognição* se infiltraram nas experiências. Para grande número de parapsicólogos os termos do problema se inverteram. Amadou chega a declarar peremptoriamente: “A telepatia está perfeitamente comprovada; a clarividência, não”. E é com base nessa afirmação que ele reduz todas as *funções psi* a uma só, a telepática, servindo-se do princípio de economia de hipóteses. Para negar, por exemplo, a clarividência na experiência do maço de cartas, a que acima nos referimos, Amadou apela à telepatia precognitiva. Quer dizer: o sensitivo devia perceber a ordem das cartas na mente do experimentador por meio da *precognição*, ou seja, vendo no futuro o momento em que o experimentador tomaria conhecimento dessa ordem.

Mas o problema não é tão simples como parece. A hipótese de telepatia precognitiva, para explicar o teste de clarividência com o maço de cartas, choca-se com a dificuldade para explicar a *precognição*. Rhine considera essas explicações como fantásticas e sustenta a realidade da clarividência. Aliás, o número de experiências e a variedade de condições das mesmas, provando a existência da clarividência, acabou favorecendo a posição de Rhine. Por outro lado, a explicação das *funções psi* como um todo – e particularmente de *psigama* como forma sincrônica de funções subjetivas da mente – permite-nos compreender a existência dessas contradições no campo das explicações. A *percep-*

ção extra-sensorial, como adverte Rhine, é um complexo de *funções psi* que em geral se entrelaçam da mesma maneira que se entrelaçam os nossos sentidos físicos, apesar de sua especificidade orgânica, para obtermos todas as sensações de um objeto.

Por isso mesmo não é estranhável que muitos psicólogos tenham adotado posições semelhantes à de Amadou. O Professor Whately Carington, da Universidade de Cambridge, procurou também explicar todos os fenômenos *psigama* pela telepatia. Construiu, aliás, uma curiosa teoria de *associacionismo paranormal*, de certa maneira ligado à velha psicologia associacionista, que explicaria essa redução. Voltaremos a tratar dessa teoria logo que estudarmos o problema da possível mecânica do processo telepático.

O famoso psicólogo inglês Gardner Murphy, debatendo com Rhine o problema, afirmou que os casos espontâneos de clarividência estavam sempre ligados a pessoas e não a objetos ou locais. Com isso queria dizer que a percepção de um fato, de um objeto ou de um local, nada mais era que uma captação telepática. Amadou considera esse argumento como “de peso”, como importante, a favor da hipótese de sua preferência.

Mas ainda aqui é necessário advertir que a constância da ligação pessoal não é absoluta. E mesmo que o fosse, não significaria muita coisa, pois é evidente que vivemos, todos os seres humanos, envoltos numa atmosfera psíquica. O centro de nossos interesses mais profundos e vitais é sempre a criatura humana, pois ninguém vive isolado, nem poderia, isoladamente, desenvolver as condições da espécie, que são essencialmente psíquicas. Natural, portanto, que as visões à distância não sejam aleatórias, mas estejam sempre ligadas a interesses humanos.

Há casos, porém, que fogem ao esquema telepático. Poderíamos lembrar o famoso caso das manifestações de Hydesville, nos Estados Unidos, com as irmãs Fox, que deu origem às investigações espíricas. Esse é, na verdade, um episódio-marco do desenvolvimento das pesquisas psíquicas no mundo. Por isso mesmo dos mais combatidos e deturpados. Entretanto, conserva até hoje o seu extraordinário valor probante. Do ponto de vista espírico, trata-se da prova da sobrevivência espiritual, com a

perfeita identificação do espírito comunicante. Mas do ponto de vista parapsicológico, o que ali nos interessa é a prova da clarividência, sem qualquer possibilidade de implicações telepáticas, a menos que se admita a tese do Professor Harry Price, de Oxford, e do Professor Wathely Carington, de Cambridge, de que a mente sobrevive à morte do corpo e pode agir sobre a mente dos vivos. Nesse caso, porém, voltaríamos à tese espiritualista.

Vejam os que nos oferece o caso das irmãs Fox, com as manifestações de Hydesville, fazendo-se exclusão da tese espiritualista e suas correspondentes parapsicológicas.

Hydesville, entre 1843 e 44, era um vilarejo do Estado de New York. Num casebre das proximidades vivia um casal da família Bell. A mulher viajou e o marido ficou só em casa. Apareceu um mascate que pediu pouso. Entrou para dormir e desapareceu para sempre. Em 1847, tendo o casal Bell tomado rumo ignorado, a casinha foi alugada por um casal da família Weeckmann, que em breve a abandonou em virtude de ocorrências paranormais, pancadas noturnas nas paredes e no solo, que não os deixavam dormir. Nesse mesmo ano, o metodista John Fox foi morar no local com sua família. Os fenômenos continuaram e as meninas Margaret e Kate, de quinze e onze anos, respectivamente, pareciam ligadas aos mesmos.

A 31 de março de 1848 a menina Kate estabeleceu conversação com as misteriosas pancadas ao pedir que elas se repetissem de acordo com certos números. Dali por diante, através de um código convencionado, estabeleceram-se as conversações. Parapsicologicamente a menina responderia, pelo inconsciente, através de *psikapa*, produzindo os fenômenos de psicocinesia: as pancadas nas paredes. Essas pancadas informaram que se tratava de Charles Rosma, vendedor ambulante que havia sido assassinado no local por latrocínio. Indicou onde o corpo e o seu baú haviam sido enterrados. Mas a escavação revelou apenas a existência de restos de um cadáver, com fragmentos de ossos e cabelos. O baú não foi encontrado.

Em 1904, *cinquenta e seis anos depois*, em virtude de um temporal, ruiu uma parede falsa da casa, no cômodo do porão indicado pelas pancadas. Não se sabia da existência dessa pare-

de, construída paralelamente à outra. Descobriu-se, graças a isso, o esqueleto de Rosma e o seu baú de lata, com a alça para carregá-lo às costas. Estava provada a legitimidade da informação. E o que é mais curioso, como notou Emma Hardinge, escrevendo para o *Modern American Spiritualism*, estava provado que o esqueleto e o baú haviam sido colocados inicialmente no local indicado pelas pancadas, de onde foram removidos posteriormente, quando as notícias do desaparecimento do mascate puseram em perigo de suspeita a família Bell.

O que há de importante nesse caso, do ponto de vista parapsicológico, é o fato da *percepção extra-sensorial* de Kate haver-se enganado. Como e por que ela não viu o local em que realmente se encontravam o esqueleto e o baú, mas sim aquele em que os mesmos haviam sido colocados primitivamente? A informação telepática explicaria o caso: ela teria captado o episódio no inconsciente dos Bell *em algum lugar*, ou o pensamento dos Bell estaria ainda voltado para o local do crime. Mas como explicar que essa captação fosse limitada ao momento da primeira inumação? Todo o complicado processo da retirada posterior do esqueleto e do baú do local primitivo, de sua transladação secreta para o esconderijo, da construção da parede falsa, teria sido escamoteado pela informação ou pela captação telepática? Poder-se-ia admitir que o desejo de furtar-se à prisão fosse tão poderoso no casal Bell que *anulasse* a seqüência culposa na mente de ambos?

O Professor Stanley De Brath, citado por Ernesto Bozzano no livro *I Morti Ritornano*, declara: “Se a informação fosse de origem subjetiva, devia-se naturalmente presumir que o subconsciente da médium teria de conhecer o local em que realmente estava o cadáver”. Concluiu De Brath, como Bozzano, que a única explicação possível é a espiritual: “Pois é razoável presumir que o sepultamento no porão devia corresponder à última lembrança terrena do assassinado”. Parapsicologicamente, parece-nos que a explicação clarividente é mais lógica do que a telepática, pois a sensitiva podia ter a sua atenção atraída para os restos do cadáver que ficaram no local primitivo, e ali se fixado. Os casos de fixação dessa natureza ocorrem até mesmo nas experiências de laboratório.

Outro caso, ainda mais enfático – pois ninguém na Terra sabia do que se havia passado – mostra-nos como é possível, no próprio campo das relações humanas, a ocorrência de fenômenos de clarividência pura. Isso, do ponto de vista parapsicológico, na linha da investigação científica, sem implicações das teorias da supervivência. O Professor Ernesto Bozzano relatou o caso ao filósofo Henry Bergson, que o considerou, se rigorosamente autenticado, como “uma das melhores provas de sobrevivência”. Vejamo-lo.

O Professor Lawrence Jones escreveu à *Society for Psychical Research* contando o seguinte e sua carta foi publicada no *Journal of S. P. R.*, número 366-7, de 1918. O irmão do missivista, Herbert Jones, era Bispo de Lewes e Arquidiácono de Chichester. Numa visita pastoral ao condado de Sussex, Inglaterra, ficou sabendo do caso através do pastor do presbitério em que se hospedou. Esse pastor foi procurado por um homem que pediu a sua ajuda num caso de *infestação*. A esposa do consulente era filha de um rico que morrera na paróquia, e que agora lhe aparecia em sonhos, reclamando que haviam construído o seu túmulo sobre a sepultura de outra pessoa. As aparições eram tão freqüentes que a mulher estava a ponto de enlouquecer. Interrogado, o coveiro respondeu que o engano era simplesmente impossível. O caso foi dado por encerrado. Mas o homem voltou logo mais, afirmando que a *infestação* continuava. Diante disso resolveram providenciar uma verificação legal, constatando-se que, realmente, haviam construído o túmulo sobre uma cova vizinha. O engano foi corrigido e as manifestações desapareceram.

Bozzano ressalta a importância teórica desse caso, pois ninguém havia dado pelo engano. O próprio coveiro e os parentes do morto estavam seguros de que tudo correria de maneira normal. Parapsicologicamente não havia nenhuma possibilidade telepática. Só a clarividência podia ser invocada, como explicação do fenômeno. Acentua ainda Bozzano que “todas as circunstâncias convergem eficazmente para uma demonstração da natureza positivamente extrínseca da insistência dos sonhos, sempre idênticos”. Essa observação é perfeitamente válida para a

clarividência, pois no caso o estímulo da *percepção extra-sensorial*, afastada a explicação espiritual, só poderia vir do próprio objeto material. A linguagem onírica em que essas percepções são geralmente traduzidas produziram na sensitiva, filha do falecido, as reações do sonho insistente.

Camille Flammarion relata também alguns casos semelhantes. Um dos mais impressionantes é o de um casal francês que perdera um filho na guerra de 1914-18 e cujo corpo desaparecera no campo de batalha. Finda a guerra, o casal se pôs a procurar o possível túmulo sem encontrá-lo. Por fim, conseguiu a informação de que devia estar num cemitério de dois mil túmulos, em Dieppe. Mas como procurá-lo? Inesperadamente, a mãe, olhando desolada pela janela, viu o filho surgir detrás de uma árvore, acompanhado de dois soldados. Um deles parecia russo, o outro, alemão. A visão foi persistente, a ponto de convencê-la da realidade. O corpo foi encontrado depois numa tumba colocada entre a de um soldado russo e a de um alemão.

Nesse caso, que Bozzano reproduz em seu livro citado, a informação não podia ser telepática, pois os cadáveres haviam sido removidos em massa, como desconhecidos. Só foi possível o reconhecimento pelos pais e particularmente pelas insígnias da farda e pela dentadura do cadáver. O estado emocional da mãe provocou a eclosão de suas faculdades clarividentes. Afastada a explicação espiritual, só podemos admitir a da clarividência.

Mais recente, porém, aliás recentíssima, é a ocorrência de que dá notícias o médico e parapsicólogo norte-americano Andrija Puharich, em seu livro *The Sacred Mushroom (O Cogumelo Sagrado)*, Edição Doubleday, 1959. O Dr. Puharich recebeu informação mediúnica, por um pintor holandês residente em New York, e escrita em egípcio arcaico, faraônico, e ao mesmo tempo em inglês atual, da existência de uma espécie de cogumelo nos Estados Unidos do qual podia extrair princípios ativos que atuam como alucinógenos, a exemplo da mescalina e do ácido lisérgico. A história é comprida e cheia de incidentes curiosos. O importante é que os caracteres egípcios foram reconhecidos por especialistas, o nome da entidade que os transmitiu, Ra Ho Tep, autenticado historicamente (2.700 anos a.C.), o cogumelo encon-

trado “por acaso” nas proximidades de uma estrada no vale do rio Hudson. Eram apenas nove exemplares da *amanita muscaria*, numa zona em que não existe essa espécie. Puharich procedeu à extração dos elementos indicados e produziu o unguento receita-do por Ra Ho Tep, para aplicações experimentais. Caso semelhante ao da famosa médium Rosemary, em Londres, com o Dr. Wood, quando – pela primeira vez no mundo moderno – foi gravado um discurso em egípcio faraônico, reconhecido pelos especialistas como válido.

Excluídos os elementos históricos do caso, para concentrar-nos apenas no episódio dos cogumelos, temos evidentemente um fato de clarividência que não pode ser explicado pela telepatia. Os nove exemplares, e únicos, dos cogumelos sagrados, usados nos templos egípcios para fins religiosos, encontravam-se no meio do mato, em local não cultivado e distante de habitações. Puharich foi conduzido até o local sem saber como, por simples intuição, chegando mesmo a admitir que “por acaso”. Qual, e de onde a transmissão telepática? No caso de Rosemary, a que acima nos referimos, houve também uma curiosa comprovação histórica de tipo clarividente, uma vez excluída a tese mediúnica. Rosemary referiu-se a uma personagem do tempo de Amenhotep II, que não constava dos registros históricos. Mas os dados e as circunstâncias mencionadas foram de tal ordem que a pesquisa intensiva provou a veracidade da informação.

Mencionamos apenas estes fatos, entre milhares deles, registrados nos anais das pesquisas psíquicas, para oferecer alguns elementos significativos de comprovação da clarividência através de casos espontâneos, que confirmam as conclusões de laboratório da equipe de Rhine. Tanto a mulher do caso do Professor Lawrence Jones, quanto a mãe aflita do relato de Flammarion, ou o pintor holandês do caso de Puharich, como a menina Kate Fox só podiam ter visto o que relataram pela visão sem olhos. A telepatia é incapaz de explicar esses casos. Não obstante, como já advertimos, em muitos casos as duas funções, a telepática e a clarividente, agem em conjugação. Para esses casos de percepção global existe a classificação técnica de *Fenômenos GESP*, ou seja, fenômenos de *General Extra Sensory*

Perception, que em português teria a sigla de *PESG - Percepção Extra-Sensória Geral*. Rhine criou essa designação em virtude das dificuldades de separar um fenômeno do outro e da conveniência de realizar experimentos de conjugação, que se mostraram mais produtivos.

O livro da Professora Rhine, *Canais Ocultos da Mente*, oferece numerosos casos atuais de clarividência pura. Poderíamos citar também alguns casos de nossa experiência e outros, de natureza espontânea, em que figuramos como sujeito. Preferimos citar esses casos históricos, registrados por famosos cientistas, porque a sua autenticidade requer maior dose de má vontade para ser posta em dúvida.

4.

***Tp* – A linguagem da mente**

Há uma tendência parapsicológica para o mentalismo que decorre das dificuldades da aceitação científica dos fenômenos e do perigo das implicações psicológicas. Quanto às dificuldades, resultam, como já vimos, dos preconceitos científicos que impedem os parapsicólogos de usarem uma terminologia de ordem mais ampla. No tocante à Psicologia, as referências ao psiquismo integral poderiam estabelecer confusões. Viram-se assim os parapsicólogos limitados a uma estreita faixa do continente psíquico e fizeram o seu acampamento na zona mental.

A impressão que se tem, aos primeiros contatos com os estudos parapsicológicos, é a de que o homem está sendo reduzido às suas faculdades mentais. Esse exagero deverá ser contido se não quisermos ver o triunfo, mais hoje, mais amanhã, daquelas correntes menos expressivas da Parapsicologia que cortam as próprias asas com medo de se perderem no infinito e acabam por se perder na poeira da estrada. O homem não é apenas uma estrutura mental. É um ser espiritual, um organismo psíquico. A mente é a sua cabina de comando. Por isso mesmo recebe ordens e expede comunicações do psiquismo em que a afetividade e a volição, ou seja, as regiões profundas do sentimento e da vontade se fazem traduzir em signos dinâmicos, que são os pensamentos.

Quando tratamos a telepatia como a linguagem da mente não queremos cair no mentalismo, mas apenas dar a essa *função psi* o seu devido lugar nas relações psíquicas em que se resolve toda a vivência humana. Assim como temos a *linguagem do cérebro* na palavra, temos a linguagem da mente no conceito. E assim como a palavra não tem apenas o sentido convencional do signo, mas também a sua carga emotiva e o seu impulso volitivo, o conceito está sempre carregado pelo poder do espírito. Um pensamento é um vetor poderoso que deflagra um acúmulo de energias psíquicas.

A *telepatia*, segundo a própria etimologia da palavra, não quer dizer apenas a *transmissão* de um sinal, mas de um estado

psíquico. Aliás, a expressão usual de *transmissão* não está bem aplicada. Frederic Myers foi muito feliz ao cunhar a palavra *telepatia* que exprime perfeita e integralmente o fato a que corresponde: o *pathos* individual comunica-se à distância. É assim que a mente consegue estabelecer a sintonia emotiva com outra ou com outras mentes. *Transmissão* e *captação* telepáticas são expressões hipotéticas e impróprias que a Parapsicologia moderna deverá superar, na progressiva compreensão da profunda complexidade do fenômeno.

As relações mentais não se processam da mesma maneira que as relações orais, porque estas se passam no plano físico e aquelas no extrafísico. A teoria da *sincronicidade*, pela qual o psicólogo Karl Jung pretendeu explicar as relações não causais dos fenômenos paranormais tem a sua correspondência na teoria da *associação*, com a qual Whately Carington tentou explicar as relações não físicas entre as mentes. A primeira estabelece a relação emocional das ocorrências parapsíquicas; a segunda, a relação analógica das estruturas conceptuais. Para Jung o mundo psíquico, regido pelos *arquétipos* fundamentais, tem por lei de relação a *sincronicidade*, pois a causalidade é lei do mundo físico. Para Carington, as mentes não são emissoras nem receptoras, no sentido de uma ligação do tipo telegráfico ou radiofônico, mas apenas perceptivas e analógicas. As idéias ou imagens, que ele denomina *psícons*, formam as estruturas mentais que se relacionam entre si, segundo a lei da associação por semelhança.

Essas duas teorias foram intensamente criticadas pelos parapsicólogos das várias escolas e geralmente rejeitadas, por não favorecerem a continuidade da experiência de tipo físico em Parapsicologia. É claro que elas apresentam inconvenientes e são dificilmente compreensíveis. Mas é também evidente que abrem perspectivas para uma compreensão mais profunda de *psi*. Na proporção em que as pesquisas forem revelando, como acentua Rhine, a especificidade do psíquico, as suas leis próprias irão se impondo acima das leis físicas que lhe pretendem aplicar. As teorias de Jung e Carington representam precognições (e é curioso que Carington tenha formulado a sua teoria com base na telepatia precognitiva) talvez em linguagem onírica, simbólica,

da futura colocação extrafísica do problema de *psi*. No momento, servem para lembrar que as hipóteses físicas não se aplicam ao esclarecimento dos casos paranormais.

Assim, o possível mecanismo da telepatia exige maior compreensão da própria natureza de *psi*. As mentes se comunicam por uma linguagem não articulada, mas de sintonia, não simbólica, mas analógica. Enquanto conversamos oralmente com uma pessoa podemos estar ou não mentalmente sintonizados com ela. Se estivermos, a conversação será agradável e produtiva, porque as frases orais são acompanhadas pela permuta de imagens mentais. Podemos dizer mais do que as palavras exprimem, e perceber mais. Esse é um fato já conhecido em Psicologia, mas que somente a Parapsicologia vem esclarecer.

Os estados afetivos, como já se comprovou experimentalmente, facilitam as comunicações telepáticas. Isso prova que a sintonia mental se estabelece com mais facilidade através da reciprocidade emotiva. Daí a importância da simpatia e da disponibilidade, que Soal verificou e aplicou em suas experiências. Daí também a importância das drogas, da hipnose, do álcool e da cafeína (ambos em pequenas doses), e o resultado favorável das experiências de Urban com indivíduos tratados com eletrochoques e narcoanálise, pois todos esses elementos, de acordo com as condições peculiares de cada *sujet*, ajudam a torná-los mais disponíveis. Não que esses elementos exógenos despertem as *funções psi*, mas apenas porque predispõem o indivíduo ao exercício dessas funções, conduzindo-o a um estado psicofisiológico adequado.

Estes fatos corroboram a tese do dualismo-relativo de Rhine, tão combatido e criticado pelos parapsicólogos materialistas e até mesmo pelos espiritualistas do tipo de Amadou. Porque reafirmam a necessidade ou pelo menos a conveniência de um certo alheamento do *sujet*, de um certo desprendimento das suas tensões físicas para que ele mergulhe mais facilmente no extrafísico, liberando as *funções psi* da pressão orgânica do cérebro e do peso da rotina. O estado de aceitação dos fenômenos tem também o mesmo efeito, porque predispõe o *sujet*, favorece a sua entrega. Não é o fato, em si, de aceitar ou acreditar que é impor-

tante, mas as conseqüências psicofisiológicas dessa atitude mental. Porque Soal e Goldney confiam mais nas mulheres e nas crianças para as experiências de *psi*? Precisamente porque são em geral menos alienadas aos interesses e às tensões do ambiente rotineiro, e por isso mesmo mais acessíveis ao desprendimento necessário.

Amadou não admite a tese de Rhine sobre a natureza extrafísica de *psi*. Não obstante aceita a existência do sobrenatural e estabelece uma dicotomia teológica da natureza humana. Sua posição é a mesma dos sacerdotes que acusam os espíritas de confundirem ocorrências paranormais com a comunicação de entidades espirituais, mas sustentam a validade dos milagres de suas igrejas. Para Amadou as *funções psi* pertencem ao corpo e ao psiquismo fisiológico. São, portanto, materiais. O espiritual nada tem a ver com esses fenômenos, tanto assim que os animais possuem *funções psi*.

Com esse golpe interpretativo ele devolve a Parapsicologia ao Pavlovismo, a Betcherev, a Watson, a toda a escola russo-norte-americana da *psicologia sem alma*. E tira à Parapsicologia o seu papel mais importante, assinalado por Rhine, que é o de realizar a primeira incursão das Ciências além da concepção materialista do universo e do homem. E isso no momento preciso em que a própria Física rompe o seu arcabouço material, avançando no campo energético em direção a dimensões conceptuais claramente espiritualistas. Um duplo peso parece esmagar o raciocínio de Amadou: o da teologia católica e o da filosofia tomista. Daí a sua predisposição para aceitar a telepatia como a única realidade *psi*, endossando a tese ingênua de Murphy de que os fenômenos de clarividência, estando sempre ligados a criaturas humanas, só podem ser telepáticos.

Lamentando que o problema da telepatia ainda não tivesse encontrado a solução necessária, Rhine comentava em seu livro *New World of the Mind (O Novo Mundo da Mente)* que talvez fosse necessária uma conceituação melhor da mente para aprofundar-se a questão. Essa nova conceituação decorre do próprio desenvolvimento das experiências de *psi*, em quase todo o mundo. O trabalho paciente e persistente de Rhine e os amplos

resultados por ele colhidos, com sua admirável equipe de pesquisadores, entre os quais figura a sua própria esposa, o autorizam a fazer afirmações como as referentes ao caso da clarividência e da telepatia. Por outro lado, Rhine, acusado de idealista, não tem *parti-pris*. Sua posição é a do cientista leal que se dedica à investigação na busca da verdade, mas não esquece também o seu dever de sinceridade e coragem interpretativa.

As experiências realizadas pela *Duke University* comprovaram suficientemente a realidade de *ESP* e de *Pk*. A telepatia faz parte integrante do primeiro grupo. O que Rhine entende que deve ser esclarecido não se refere à existência ou não da telepatia, mas à sua natureza, ao seu processo. O que sabemos até agora não nos autoriza a aceitar o velho conceito de telepatia telegráfica. A teoria de Carington, a que já nos referimos, justifica essa posição prudente de Rhine. Enquanto isso, as investigações prosseguem e os resultados são de tal maneira animadores que a telepatia é hoje objeto de uma verdadeira corrida, semelhante à atômica e à espacial, entre os Estados Unidos e a Rússia.

Já são bastante conhecidos os trabalhos de Vassiliev, professor de fisiologia da Universidade de Leningrado e diretor do seu Laboratório de Parapsicologia. Bastante conhecidos no sentido de saber-se de intensas atividades ali desenvolvidas, particularmente no tocante à telepatia, mas pouquíssimo conhecidos quanto aos processos e aos resultados. Sabe-se, por exemplo, que à semelhança do que ocorre em Duke, onde Pratt se dedica à Parapsicologia Animal, em Leningrado quem o faz é o entomologista A. Fabry. Em entrevista concedida a uma revista russa e reproduzida na França, Vassiliev fez referência ao trabalho de Fabry e às experiências realizadas por ele sobre as comunicações de animais à distância.

A teoria telepática de Vassiliev, na linha fisiológica do pavlovismo, é a da transmissão energética por ele chamada de “meio de ligação rádio-biológica”. A maneira de Amadou – curiosa coincidência de posições do espiritualismo dogmático e do materialismo marxista – Vassiliev considera *psi* como sendo apenas “uma sobrevivência de aptidões rudimentares, herdadas pelo homem de seus ascendentes animais”. Pergunta o que faria

o homem de hoje com poder de “sugestão mental à distância”. considera ainda – em contradição com os parapsicólogos ocidentais e com as experiências feitas a respeito – que *psi* se manifesta entre os doentes psíquicos ou nervosos, “como uma espécie de atavismo”. E acentua a importância das pesquisas a respeito, por interessarem ao melhor conhecimento dos processos vitais. Informa que milhares e milhares de experiências serão feitas na Rússia. Em 1963, Vassiliev publicou um livro com uma tiragem de 120 mil exemplares, intitulado: *Sugestão à Distância*. Em 1959 já havia publicado *Fenômenos Misteriosos do Psiquismo Humano*, e anteriormente outros livros, inclusive sobre hipnotismo.

Em 1919, Betcherev publicou *Telepatia com os Animais*, seguido de mais alguns trabalhos, anos depois, sobre “reflexos coletivos” e “atividades cerebrais”. Kajinsk lançou, em 1923, um trabalho sobre telepatia, intitulado *Transmissão do Pensamento*. Sobre o mesmo assunto, Arkadiev publicou um estudo intitulado: *Hipótese Eletromagnética da Transmissão do Pensamento*. Mais recentemente, notícias russas divulgadas na França e na Inglaterra deram conta de experiências de Vassiliev com barreiras eletromagnéticas e eletrônicas para impedir o processo telepático, sem o conseguir. Outras experiências foram feitas, com diversas formas energéticas, sem nenhum resultado, o que levou o sábio russo a informar que o pensamento é um tipo de energia desconhecida. Essas experiências soviéticas confirmam as de Rhine, demonstrando a inexistência de barreiras físicas para a telepatia.

A posição da Parapsicologia soviética, como se vê, é a mesma da corrente telepática ocidental. Não aceitando a natureza extrafísica de *psi*, que seria contrária à filosofia oficial marxista, Vassiliev e depois dele Koogan empenharam-se no estudo de um processo rádio-emissor para o fenômeno telepático. Nesse ponto há evidente atraso em relação aos novos conceitos do processo telepático que se desenvolvem nos meios ocidentais e que têm, na posição de Rhine em face das questões de clarividência e telepatia, uma demonstração prática. O reconhecimento da natureza não-física de *psi* permite à escola de Rhine investigar a

estrutura superior do processo, sem nenhuma sujeição aos princípios e às leis da Física. Essa possibilidade representa a abertura de uma brecha na concepção materialista do Universo e *ameaça* restabelecer a legitimidade da Psicologia como ciência da alma, ou seja, do psiquismo autônomo. Leonid Koogan, que hoje substitui Vassiliev e se interessa especialmente por investigações para a aplicação da telepatia na Astronáutica, segue a mesma linha pavloviana daquele, contrária à natureza extrafísica de *psi*.

A mais insistente acusação que se faz atualmente a Rhine é a de filosofar sobre os resultados da sua pesquisa científica. Pierre Duval, ainda há pouco, acusou-o, na França, de autor “demasiado americano” de uma filosofia simplista da eficiência. E acrescentava que a tarefa da Parapsicologia não é a de provar se o homem é espírito ou não. Rhine poderia responder que a sua rejeição ao esquema simplista da telepatia-telegráfica jamais seria possível, se ele permanecesse na linha materialista ou na espiritualista dogmática. É a sua capacidade de pensar, de analisar, de tirar ilações e pesquisar, não só no campo objetivo, mas também no subjetivo, que lhe permite enfrentar com independência o problema telepático. A concepção do cientista como uma espécie de *robô*, cuja função é apenas a de fornecer dados ao pensamento alheio, é muito mais simplista que qualquer filosofia da eficiência.

Por todas essas razões, demos, neste capítulo, o título de *Tp - A linguagem da mente*. É com essa linguagem que a Ciência renovada poderá transformar o mundo. Rhine compreendeu isso e recusou-se, por intuição e por compreensão posterior do problema, a enquadrar a linguagem universal do espírito nos esquemas frios da cibernética. A telepatia não é um processo mecânico, de natureza física. É uma função mental, não isolada, mas ligada ao conjunto *psigama* e estreitamente relacionada com a clarividência. Com ela falamos a linguagem do espírito, entramos em novo tipo de relações, abrimos as perspectivas de um futuro imprevisível para a Humanidade. Não se pode tratar desse assunto com a frieza e a isenção empregadas no estudo da estrutura atômica. Como assinalou Richet: “Estamos diante de problemas que não se relacionam apenas com o nosso bem-estar

físico, mas com a nossa evolução moral e espiritual, com a destinação do homem no Cosmos”.

Um exemplo disso – e no campo da prática, tão ao gosto dos que censuram o pragmatismo de Rhine – nos é dado pelo grupo de jovens astrônomos norte-americanos que, junto ao Monte Palomar, desenvolveram o *Projeto Ozma*, captando sinais de duas estrelas indicadas pelo astrônomo chinês Su Schu Huang, em 1961, nas constelações da Baleia e de Eridan. Essas estrelas, segundo aquele astrônomo, devem ser habitadas e possuir civilizações superiores. Mas o grupo de jovens observadores não se contenta com os meios físicos de pesquisa e incluiu no projeto uma equipe de telepatas. Podem os espíritos práticos rir à vontade desses jovens pesquisadores. A verdade é que eles representaram nas encostas do Monte Palomar os verdadeiros anseios de uma humanidade que se liberta do “aqui” e do “agora”, para alcançar o “amanhã” e o “depois”. A telepatia é a única linguagem de que podem servir-se para dialogar com as estrelas.

Seria loucura o que eles fizeram? Não, porque as experiências de Rhine já provaram que, para a telepatia, as distâncias não existem e o tempo não oferece empecilhos. As mentes se comunicam num plano superior ao do condicionamento físico de espaço e tempo. A série de experiências realizadas entre Durham e Duke, nos Estados Unidos, e Zagreb, na Iugoslávia, provou suficientemente que *ESP* – como Rhine prefere dizer – independe do espaço. O *sujet* era o próprio Professor Carlo Marchesi, que procurava identificar, em Zagreb, as cartas escolhidas pela equipe da *Duke University*, do outro lado do oceano, numa distância de mais de quatro mil milhas. Os resultados foram positivos, tendo-se realizado novas experiências, também positivas, entre os mesmos experimentadores.

Outra prova curiosa da natureza puramente psíquica das *funções psi* resultou desses contatos de Duke com Zagreb. O Dr. Marchesi visitou o Laboratório de Duke depois das experiências à distância e submeteu-se a experiências de proximidade, que deram resultados muito inferiores. A sua percepção, a quatro mil milhas, era mais precisa. Rhine lembra que as condições psicológicas do visitante eram desfavoráveis, o que vem confirmar as

observações já feitas em Duke de que são essas condições, e não as de ordem física, “as que determinam a proporção de acertos do sujeito”. Outras observações de Rhine a respeito são as seguintes: Marchesi captava em Zagreb os símbolos das cartas Zener dispostas numa mesa em Duke, formando um conjunto tão diminuto que fisicamente seria impossível diferenciá-las na distância; entre o percipiente e o objeto havia numerosas barreiras físicas, além das milhas oceânicas, e que eram as cadeias de montanhas e a densidade atmosférica, fatores incidentais inevitáveis, e os próprios edifícios em que se abrigavam os experimentadores e o percipiente. Qual a energia física suficiente para realizar essa façanha, vencendo tranqüilamente todas as barreiras e comunicando ao percipiente as impressões sutis do experimento?

O Professor Wathely Carington realizou também um curioso experimento na Inglaterra, utilizando-se de desenhos em lugar das cartas Zener. Os percipientes estavam na Holanda, na Escócia e em Duke, Estados Unidos. Carington *emitia* do seu gabinete na Universidade de Cambridge. Os resultados foram altamente significativos e as contagens melhores foram obtidas pelos percipientes que, em número de doze, *captavam* em Duke, na maior distância através do oceano. Essas experiências mostram que *psi* não é também afetado pela gravidade e pelas variações atmosféricas.

Não são loucos os jovens astrônomos do Monte Palomar. Podemos mesmo dizer que há mais facilidade no contato da sua equipe telepática com as estrelas distantes do que dos seus instrumentos de energia física. No famoso experimento Wilkins-Sherman, controlado por Gardner Murphy, entre as regiões do Pólo Norte, em que aviadores russos se haviam perdido e New York, onde Sherman aguardava comunicações do explorador Wilkins, os resultados foram notáveis. O rádio-operador do *New York Times*, Reginaldo Iversen, declarou que Sherman tinha um conhecimento telepático mais exato da situação de Wilkins do que ele podia obter através das suas “ineficazes tentativas para manter contato por meio da rádio-comunicação de ondas curtas”.

Seria preciso dizer mais? A natureza extrafísica do processo telepático se comprova através de experiências extensas e intensas. As comunicações entre Wilkins e Sherman duraram cinco meses, entre dezembro de 1937 e abril de 1938. Nesse longo período Sherman recebia, três vezes por semana, as comunicações telepáticas de Wilkins, e as enviava a Murphy e a outro controlador. As comunicações radiotelegráficas por ondas curtas foram constantemente interrompidas. Murphy podia controlar, apesar disso, o noticiário do jornal com as informações recebidas de Sherman. Todo o registro dessa experiência foi publicado num livro: *Thoughts Trough Space (Pensamentos Através do Espaço)* sob os nomes de Hubert Wilkins, o explorador polar, e Harold M. Sherman, o pesquisador telepata. Em 1944 foi publicada uma tradução na Argentina.

Harold Sherman publicou recentemente, nos Estados Unidos, um curioso livro que se tornou best-seller, intitulado: *How to make ESP work for you (Como pôr ESP a seu serviço)*, tratando precisamente das aplicações práticas da *percepção extra-sensorial*. Não se pode negar que ele tem experiência suficiente para isso. Resta saber, entretanto, se em todos os casos de telepatia se poderiam obter os resultados seguros do seu caso pessoal com Wilkins.

Enquanto isso, chegam da Rússia novas informações auspiciosas. A revista moscovita *Saber e Força*, segundo comunicado da *France Press*, enviado de Moscou a 2 de fevereiro de 1966, publicou importante reportagem sobre experiências telepáticas realizadas com a presença de cientistas até há pouco infensos à pesquisa parapsicológica. Os resultados foram de tal ordem que o Professor Smilga, famoso físico, declarou peremptoriamente: “A telepatia existe, não há mais possibilidade de dúvidas a respeito.” Outros cientistas, entre os quais o Professor Kitaigorodsky, que numerosas vezes haviam manifestado o mais completo ceticismo no tocante às experiências parapsicológicas, declararam-se satisfeitos com as demonstrações realizadas. Kitaigorodsky afirmou, ao terminar uma das sessões experimentais: “Do ponto de vista da ciência contemporânea os fenômenos parapsicológicos são inexplicáveis.” Outro famoso físico sovié-

tico, o Professor I. E. Koogan declarou: “Já está superada a fase de sensacionalismo em torno da telepatia. Já não nos cabe discutir se ela existe ou não, mas tratar de descobrir as suas origens”.

A revista soviética informa ainda que foi criada uma secção especial para fenômenos telepáticos, integrando a série de pesquisas em desenvolvimento, na Universidade de Moscou, sobre radiotécnica e comunicações elétricas. A nova secção pertence ao campo de investigações biológicas e tem por fim aprofundar os estudos sobre a utilização das transmissões telepáticas. Como se vê, essas notícias confirmam plenamente o interesse dos cientistas russos pela telepatia, como nova forma provável de comunicação à distância, e comprovam o pleno reconhecimento científico da telepatia pelos meios soviéticos.

O que opõem a tudo isso os nossos cétricos, que vêm a Parapsicologia pelo espelho côncavo do Padre Quevedo e seus companheiros de espetáculo? O mesmo sorriso de desdém dos *sábios* que tripudiaram sobre Pasteur? Parece que já é tempo de nossas Universidades encararem a sério essa nova dimensão das Ciências, estabelecendo centros de pesquisa a cargo de investigadores competentes. Até quando continuarão acalentando a sua ignorância do assunto?

5.

Peg – O domínio do tempo

Os hipnotizadores conhecem a técnica de regressão da memória, pela qual podem fazer um *sujet* voltar no tempo até a vida intra-uterina. O fato de dizer-se *regressão da memória* provoca algumas confusões. Há pessoas que perguntam: *Como lembrar a vida intra-uterina?* Mas a regressão produzida pela hipnose não é apenas da memória: é também vivencial. O *sujet* regressa às condições de sua vida nos anos anteriores apresentando sintomas físicos dos males que sofria. A memória não está apenas no consciente. Temos um porão da memória, do qual podemos tirar mais segredos do que pensava o sagaz Dr. Freud.

Prova disso foi o que fez o Cel. Albert De Rochas, diretor do Instituto Politécnico de Paris, dedicado experimentador do hipnotismo. Certa vez, depois de haver levado um paciente até a vivência intra-uterina, resolveu mandá-lo para mais fundo no tempo. E o que aconteceu foi espantoso: o paciente se transformou numa personalidade diferente, que vivia na encarnação anterior! De Rochas não se atemorizou e fez centenas de experiências, conseguindo levar alguns *sujets* a três vidas passadas. Fez a comprovação de alguns casos possíveis e publicou um livro a respeito: *Les Vies Successives*.

Agora, nos Estados Unidos, um banqueiro hipnotizador repetiu a façanha. A paciente, regredindo no tempo, declarou chamar-se Bridey Murphy e ter vivido na Irlanda do século XVI. As pesquisas feitas confirmaram boa parte de suas declarações. Mas o que aconteceu com De Rochas tinha também de acontecer com Morey Bernstein, o hipnotizador que foi posto a ridículo por meio mundo. A Associação Médica Americana refutou oficialmente a experiência e desmoralizou-a. Jacques Bergier, na França, descobriu a fraude de Morey e o pôs em má situação. Entre outras coisas, aconselhou os leitores norte-americanos de Morey a lerem Charcot.

Acontece que Charcot, chegando um dia à Salpêtrière, apresentou aos discípulos uma mulher histérica, de nome Alcina, e

depois de hipnotizá-la mandou-a ao quadro-negro para escrever na língua que os presentes quisessem. Os Profs. Pannás, grego, e Matias Duval, membro da Academia, ditaram frases em grego antigo e moderno. Alcina escreveu-as sem vacilar. Então, Charcot disse que desejava evocar o espírito de Galeno, o famoso médico grego. E Galeno veio e escreveu em grego do seu tempo, em resposta a uma pergunta de Charcot:

“O corpo humano ainda não chegou à sua perfeita conformação. Os sistemas da circulação e da enervação estão suficientemente unidos e relacionados no plano da economia, mas o sistema linfático sofrerá uma evolução de grande proveito, principalmente para a longevidade humana. Em alguns animais inferiores, de vida muito longa, poderiam fazer experiências probatórias desta assertiva.”

Diante disso, Charcot voltou-se para os presentes e disse: “Senhores, não queirais adiantar-vos à nossa época. Não procureis nenhum raciocínio que vos possa dar a explicação clara e verdadeira das nossas experiências. Contentai-vos com a observação experimental que acabais de presenciar”.

Esta pequena mas significativa história é contada por Frederico Vives, que freqüentou as sessões de Charcot. Reproduziu-a por extenso (pois ela é bem maior) Santiago Bossero, num estudo que publicou na Argentina sobre o problema das vidas sucessivas. Temos aqui, pelas mãos de Charcot, outra oportunidade de enfrentar o problema de domínio do tempo. Quem era essa pobre mulher idiotizada que Charcot mandava marchar de um lado para outro, segundo conta Vives, e que no entanto escrevia em grego antigo e moderno ou em outros idiomas clássicos? Voltava ela ao passado?

Alguém descobriria, por certo, uma fraude de Charcot, em conluio com a paciente. Porque há pessoas que só sabem ver fraudes e tolices por toda parte, reservando-se para si mesmas o duplo direito à honestidade e à esperteza. Uma espécie de dialética da impostura. Mas a verdade é que desde todos os tempos, fatos como esses ocorrem na Terra com idiotas e sábios, com santos e bandidos, com tímidos e sagazes. Porque fatos são fatos

e não pedem licença para acontecer. Que fez com esses fatos a Parapsicologia? Negou-os, remeteu-os de novo ao porão do inconsciente, fichou-os no arquivo da estupidez humana?

Nada disso. A Parapsicologia, de início, nem tomou conhecimento deles. Era assunto para mais tarde. Os experimentadores desejavam lidar com coisas mais simples. A telepatia, por exemplo, que por sua aparente afinidade com o telégrafo sem fio era mais alegre e menos compromissada. Mas aconteceu que um dia a demonstração experimental de que a telepatia não era condicionada pelo espaço despertou o interesse pela sua relação com o tempo. Além disso, os *desvios de percepção* nos experimentos de *ESP* começaram a afetar os seus resultados. Carington foi obrigado a enfrentar o problema da *percepção do futuro*, porque nas suas experiências com desenhos vários percipientes captavam os desenhos *ainda por fazer*.

Peg ou *precognição* é o que se pode chamar um fenômeno atrevido que se infiltrou no trabalho dos experimentadores e obrigou-os a examiná-lo. Daí por diante muita coisa se modificou na Parapsicologia. Para começar, os conceitos vigentes sobre telepatia foram abalados. Mas, por outro lado, houve coisas agradáveis. O Professor Soal, por exemplo, que sempre teve de lutar muito para conseguir um pouco no terreno das pesquisas, havia concluído de maneira negativa o rigoroso exame de seus experimentos com 160 sujeitos, em que obtivera 128.350 respostas sem que pudesse ultrapassar a barreira do acaso. Um fracasso. Mas Carington o adverte quanto aos desvios e Soal resolve cuidar do problema, verificando que dois sensitivos, Mrs. Stewart e Mr. Shackleton, eram precognitivos.

O primeiro não pôde trabalhar com Soal, mas o segundo se colocou à sua disposição. As experiências se realizaram durante a guerra de 39-45. Um bom período para se cuidar do futuro, principalmente em Londres. Per sinal que Shackleton não era apenas precognitivo mas também retrocognitivo. Nos *desvios* examinados por Soal ele havia adivinhado ora a carta anterior, ora a posterior. Não acertava nunca no alvo, mas acertava muito mais do que isso. Atirando no que via, matava o que não via: o

passado e o futuro. Um sensitivo deslocado no tempo e que por isso mesmo era mais valioso.

O ditado popular que usamos acima aplica-se bem a este caso, pois as experiências de Soal não eram feitas com as cartas Zener, mas com as suas próprias. Uma série zoológica. Soal havia se cansado de lidar com as figuras geométricas de Zener e criara as suas próprias figuras, utilizando animais. Os leitores por certo já conhecem este problema das cartas e dos dados, a menos que nunca se tenham interessado por Parapsicologia. Por isso, não tratamos deles até aqui. Mas agora somos obrigados a repetir o que se encontra em todos os livros de informação parapsicológica. E começaremos pelas cartas Zener, que foram as primeiras, hoje mais conhecidas por cartas *ESP*.

Foram inventadas pelo Dr. Zener, colaborador de Rhine, para substituir as cartas de baralho comum usadas nas experiências. Apenas cinco figuras em maços de 25 cartas, para facilitar o cálculo de probabilidades. Em cada maço o sensitivo tem a probabilidade de acertar cinco por acaso.

As figuras são estas:



E foram exatamente estas figuras que o Professor Marchesi captou em Zagreb quando os experimentadores as distribuíram na mesa de Laboratório de Duke. Projetadas através do oceano, essas figuras impressas em cartas de baralho agiram como projéteis mentais. No caso de Shackleton as cartas eram estas outras, de que não damos as figuras por dificuldades gráficas:

E – Elefante	N.º de cartas:	5
G – Girafa	Idem	5
P – Pelicano	Idem	5
Z – Zebra	Idem	5
L – Leão	Idem	5
Total do maço		25

Essas cartas são coloridas, pois Soal se enfastiara das figuras negras e geométricas de Zener, atirando ao mar os seus maços. Curioso: tudo é dramático nesse episódio, com um experimenta-

dor pouco feliz nos experimentos, mas rigoroso na elaboração das provas, na sua realização e na avaliação dos resultados. Dir-se-ia que a fleugma britânica de Soal chocou-se com aqueles cartões severos que lhe vinham precisamente da América turbulenta. Sua reação foi completa: jogar as cartas ao mar, escolher figuras de animais para as novas cartas e mandá-las fazer coloridas (reação à frieza geométrica e à severidade da cor negra). Talvez um fundo de fetichismo nessa substituição dos signos de Zener por animais dramáticos, tanto em si mesmos quanto na expressão dos desenhos (que deviam ser bem individualizados) e nas cores vivas.

O maior rigor possível com esse carnaval zoológico nas experiências realizadas. O Agente e Mrs. Goldney, que auxiliava no experimento, sentavam-se frente a frente numa sala e Shackleton e Soai noutra sala. Mrs. Goldney usava cartas numeradas e o Agente tinha diante de si, de costas sobre a mesa, cinco cartas dispostas por Soal e cuja ordem era desconhecida. Mrs. Goldney mostrava um número ao Agente, através de uma abertura especial, feita num velador que os isolava um do outro. O Agente pegava a carta correspondente, na ordem de disposição, ao número mostrado, olhava a carta e emitia a figura, colocando de novo a carta na mesa. Mrs. Goldney só falava para dar sinal ao percipiente na outra sala e pedir-lhe que anotasse a resposta. Ela ignorava completamente qual era a carta indicada pelo número que exibira ao Agente. O percipiente anotava com a simples inicial do animal a sua percepção. As iniciais diferenciadas têm a finalidade de facilitar a experiência e dar-lhe maior segurança.

Essas experiências deram resultados positivos, Shackleton havia agido de acordo com as suas curiosas faculdades, captando sempre as cartas anteriores ou posteriores à que lhe era transmitida. Mais tarde, Soal conseguiu realizar algumas experiências com Mrs. Stewart, sendo bem sucedido. Depois da guerra, Mrs. Stewart realizou novas experiências com Soal, que verificou esta coisa curiosa: ela havia perdido o dom de profecia. Não adivinhava mais a carta seguinte, mas a chamada carta 0, que corresponde ao presente, a *carta objetivo*. Com essas experiências Soal doutorou-se pela Universidade de Londres.

Shackleton era um homem de 36 anos quando procurou Soal para oferecer-se como *sujet*. Já conhecia as suas faculdades precognitivas desde os vinte e poucos anos, mas jamais fizera qualquer tipo de experiência científica. Usara algumas vezes as suas faculdades para objetivos práticos, sendo bem sucedido. Por exemplo: ganhar nas corridas de cavalos. Embora a faculdade não seja infalível, um sensitivo como Shackleton pode constituir verdadeira ameaça nesses casos. Outra particularidade desse sensitivo era captar de um golpe o caráter das pessoas que lhe eram apresentadas. Soal teve oportunidade de verificar a realidade dessa percepção.

O leitor há de estranhar, se não estiver habituado ao assunto, a desproporção entre a grandeza dos fatos de *precognição* relatados no início deste capítulo e a aparente insignificância desse jogo de adivinhação de cartas. Mas essa desproporção é a diferença de garantia. Por ela é que se pode aferir a existência ou não da faculdade. Milhares e milhares de experiências desse tipo, com métodos diversificados pelos vários experimentadores, levam à comprovação científica ou não da realidade dos fenômenos. No jogo de cartas de Shackleton estavam sendo julgados, perante a Ciência, todos os profetas do passado. A heresia científica não poupa sequer os profetas bíblicos.

Nossas referências à pouca sorte de Soal decorrem de uma curiosa situação vivida por ele. De 1934 a 1939 todas as suas experiências foram negativas. E isso no mesmo período em que Rhine obtinha os melhores resultados. Foi esse, certamente, um dos motivos da sua reação dramática à frieza geométrica das cartas Zener. Conta-se que Soal chegou a pensar que a América tinha melhores condições para as experiências de *psi* do que a Inglaterra. Certa vez teve a oportunidade de experimentar Mrs. Eileen Garret, que obtivera resultados notáveis em trabalhos com Rhine. Inútil experiência. Com Soal, as suas faculdades excelentes pareciam embotar-se.

Como se vê, a advertência de Carington quanto à possibilidade de acertos por desvios salvou-o do desânimo, ou pelo menos da decepção que havia sofrido. A revisão dos dados, provando a existência de resultados altamente significativos, deu-lhe estímulo.

lo para o prosseguimento das pesquisas. Este exemplo vale como explicação de muitos casos de abandono de pesquisas, particularmente na fase metapsíquica. Não foram poucos os cientistas, e entre eles o casal Curie, que abandonaram o trabalho por acharem difícil a obtenção de resultados satisfatórios. Acredita-se na existência de indivíduos negativos, diante dos quais os melhores sensitivos nada conseguem. É possível que existam, não por motivos misteriosos, mas por falta de conhecimento da maneira porque devem tratar os sensitivos, ou mesmo por falta de habilidade para esse tipo de experiências. O próprio Soal verificou e advertiu que as experiências devem realizar-se em ambiente de simpatia e cordialidade, evitando-se toda e qualquer forma de constrangimento para os sensitivos.

Não são os fatores materiais, mas os psíquicos, como acentuou Rhine no caso de Marchesi, os que prejudicam a ação do sensitivo. Na proporção em que as pesquisas forem se desenvolvendo e exigindo atividades mais complexas, fornecerão elementos para a revisão de muitas acusações de fraudes do passado. A experiência quantitativa tem os seus limites, como acentuou Ehrenwald, pois os fenômenos provados por ela devem e precisam submeter-se a investigações qualitativas. A complexidade desse novo tipo forçará o estudo mais aprofundado das questões de ambiente e de relações do sensitivo com os pesquisadores e de influência negativa dos métodos de coerção, aplicados intencionalmente no passado.

Os problemas implícitos na verificação de *Peg e Reg* (*pre-cognição e retrocognição*) são numerosos, pois a constatação dessa possibilidade humana de dominar o tempo traz implicações filosóficas e religiosas. Embora a profecia tivesse existido sempre, a verdade é que ela foi encarada, no passado, com uma atitude teológica de aceitação reverente do fato como uma graça. A constatação científica do fato modifica por completo essa situação. Não se trata mais de uma graça, mas de uma faculdade humana, suscetível de experimentação e controle científico. Uma faculdade normal de que todos podem dispor, em menor ou maior grau, pois nós todos a usamos freqüentemente sem disso nos apercebermos.

Quantas vezes prevemos, com referência a nós próprios ou aos nossos amigos, acontecimentos e situações que realmente ocorrem anos mais tarde. Quantas vezes contrariamos as nossas intuições, descrendo de nossa *precognição* e nos saímos mal em negócios e empreendimentos vários. Nos afazeres diários da vida a *precognição* a curto prazo é uma constante da nossa percepção. Ela se entrosa de tal maneira na trama das percepções sensoriais que mal a distinguimos, a não ser quando se nos oferece uma ocorrência extraordinária. Manejamos um objeto, um aparelho de barbear, por exemplo, e percebemos que vamos dar um corte no rosto. Antes que possamos evitá-la, a ocorrência se verifica. Foi tão curto o lapso de tempo entre a percepção e a ocorrência, que em geral não notamos o fato precognitivo.

A teoria psicológica da *imago* pode servir de explicação para as antevisões pessoais. Carregamos conosco, em nosso inconsciente, a imagem dupla do que *podemos ser*. Essa dupla imagem tem uma face negativa que decorre de nossas tendências da mesma ordem, e uma face positiva pintada com as cores de nossas melhores aspirações. Se nos entregamos às más tendências, afrouxando a vontade, a face negativa da *imago* se impõe. É fácil percebermos, então, com grande antecedência, as situações amargas em que iremos cair. Se, pelo contrário, incentivamos as nossas boas tendências e empenhamos a vontade na sua realização, os fenômenos de *precognição* otimista não serão difíceis. Existem, nesses casos, implicações diversas como a da simples dedução. Mas a *precognição* não é de natureza dedutiva e geralmente contraria o desenvolvimento normal das coisas. Assim, mesmo quando a *imago* positiva parece estar em realização, podemos ser surpreendidos por uma *precognição* negativa. Nesse caso a *virada* da nossa *imago* pode começar por uma *precognição*.

Já no tocante aos objetos exteriores a explicação se complica muito mais. E essa complicação exige, muitas vezes, uma concepção estrutural do tempo, como a formulada por J. W. Dunne, em *Experimento com o Tempo*. A teoria da duração, de Henri Bergson, e do tempo como fracionamento daquela – sucessão de imagens fracionadas da duração, como as fotos de um filme em

projeção – também pode auxiliar-nos. Se existe uma estrutura do tempo, que poderia ser o *fluir da duração* do conceito bergsoniano, é lícito supor que a mente possa percorrê-la, libertando-se do condicionamento existencial do *aqui* e do *agora* em que nos encontramos. E há algumas experiências curiosas a respeito. Hornell Hart, em *The psychic fifth dimension*, trabalho publicado na revista da Sociedade Americana de Pesquisas Psíquicas, em 1953 (páginas 3 a 32), propõe o estudo dos fenômenos de projeção consciente do *eu* para solução do problema da supervivência do homem. São esses os momentos excepcionais da libertação existencial, que geralmente implicam fenômenos de percepção sincrônica do tempo.

Exemplo curioso nos é dado pelo recente livro do médico Andrija Puharich, *O Cogumelo Sagrado*, a que nos referimos atrás. Conta o autor que, a 13 de dezembro de 1954, após três dias de intensa atividade física, sem dormir ou descansar, recolheu-se ao seu quarto e atirou-se à cama sem trocar a roupa. O cansaço era enorme e logo adormeceu. Mas, tão logo o fez, viu-se a si mesmo como um espírito liberto do corpo, flutuando no espaço. Via o próprio corpo na cama, sem lhe dar maior importância. Pensou então que poderia visitar alguém nesse estado de libertação. Logo se dirigiu à casa da Sra. Garret, em New York, e depois saiu à procura da Sra. Alice Bouverie, que encontrou na ampla sala de uma casa estranha, que não conhecia. Quis fixar alguma coisa do ambiente, para verificação posterior, se possível. O brocado doirado das paredes já lhe havia chamado a atenção e nele fixou-se. A seguir sentiu que precisava voltar com urgência ao seu quarto, no Estado de Maryland, e acordou com as pancadas de sua filha na porta.

Puharich verificou, depois, a exatidão do que vira na casa da Sra. Garret e nessa estranha visita à Sra. Bouverie. A casa desconhecida era da mãe da Sra. Bouverie e a sala fora perfeitamente descrita, mas as paredes eram forradas de branco. Não obstante, quarenta anos atrás, os brocados das paredes tinham o doirado excitante que o médico vira no seu *desprendimento*. Mencionamos este episódio por ser recente, ocorrido com um médico-eletrônico e pesquisador parapsicológico. Mas há numerosas

ocorrências semelhantes nos anais da pesquisa psíquica. O tempo percebido se mistura com fragmentos do passado ou do futuro, à semelhança do sincretismo bizarro de certos sonhos.

No caso, o Dr. Puharich estava diante de cenas reais do momento de seu *desprendimento*, numa sala real e atual, mas cujas paredes lhe mostravam o aspecto de quarenta anos passados. Haveria algum motivo particular, nas preferências do médico, para que a sua percepção *estrutural* do tempo – naquele recorte da *estrutura* que era a sala no presente – fizesse a fase anterior ressaltar nas paredes com o doirado que tanto o interessou? Seria um caso de percepção seletiva? A mente poderia, assim, selecionar os componentes da estrutura do tempo? E não estaria esse fenômeno ligado aos da seleção mnemônica, já bem estudados no caso da memória?

Todas essas perguntas revelam a complexidade dos problemas levantados pela Pesquisa parapsicológica. Neste caso particular do Dr. Puharich, com a projeção do *eu* (por ele mesmo posta em dúvida apesar de toda a evidência do fenômeno) o detalhe da cobertura da parede suscita ainda outra questão curiosa. Não haveria, na *percepção extra-sensorial*, um princípio de *pregnância* semelhante ao da *gestalt* ou psicologia da forma? A cobertura física atual das paredes era de pano branco. Mas por baixo dela estava a cobertura anterior, doirada, como uma espécie de resíduo físico. Esse resíduo, que pertence ao passado, ressaltaria no conjunto da percepção como uma forma *pregnante*. Mas parece evidente que a *pregnância*, no caso, não seria da forma e sim das condições psíquicas da percepção, ou seja, das disposições psíquicas do percipiente. Isso explicaria muitas incongruências da *vidência*, tomadas quase sempre como fatores negativos. E confirmaria a referência de Rhine ao condicionamento psíquico e não físico do percipiente.

Alguns expositores de Parapsicologia pretendem estabelecer limites para a *precognição* e *retrocognição*. Alegam que há uma diferença fundamental entre os profetas e os percipientes atuais, pois aqueles *viam* a longo prazo, e estes unicamente a curto ou a curtíssimo prazo. É uma maneira ingênua de tratar o problema, pois não seria possível fazermos experiências científicas atuais,

com resultados imediatos, jogando com séculos ou milênios. Não se conhece nenhum limite para essa forma de *psi*. Os limites arbitrários não são fixados apenas por ingenuidade, mas também pelo interesse sectário. Os expositores que seguem a linha tomista de Amadou, fazendo distinção, também arbitrária, entre o psiquismo e o espírito, querem salvar assim as suas posições religiosas, esquecidos de que a investigação científica já invadiu o domínio religioso por muitas outras brechas.

O que a investigação parapsicológica vem demonstrando não atenta contra a religião e a crença na sobrevivência espiritual do homem, mas também não endossa as posições dogmáticas do sectarismo religioso. Os espiritualistas não dogmáticos nada têm a temer. Muito pelo contrário, só têm de se rejubilar com o avanço de um tipo de pesquisa que invade o campo do espírito, reajustando a concepção espiritual do homem à mentalidade científica.

Os fenômenos de *precognição* e *retrocognição* lembram uma afirmação enfática de Krishnamurti: “Nem o tempo nem o espaço existem para o homem que conhece o eterno”. Em termos bergsonianos, para escaparmos à idéia estática de eternidade, poderíamos substituir a expressão *o eterno* por esta outra: *a duração*. Aldous Huxley, profundamente místico, estabelece também uma divisão entre o campo do paranormal e o da mística, à maneira de Amadou. Todos esses intentos são justificáveis. Mas parece evidente que se o homem é espírito, e como tal se *projeta*, não apenas na existência, mas na duração, as suas funções psíquicas são espirituais. Podemos estabelecer, sem dúvida, uma diferença de graus entre vários tipos dessa percepção, mas não estabelecer uma dicotomia de natureza teológica, que só serviria para criar maiores confusões no momento em que nos esforçamos para clarear o caminho.

O tempo é uma estrutura conceptual e de natureza relativa, como queria Einstein, relacionando-o com a ação dos campos gravitacionais. Concebemos o tempo segundo a intensidade do campo em que nos encontramos. Assim, fora da Terra estamos fora do tempo terreno e podemos entrar na órbita de outra forma de tempo, mais acelerado ou mais lento que o nosso. Lá ou aqui,

onde o homem estiver, *Peg* é o seu instrumento de domínio do tempo. Graças às suas *funções psi* ele pode *andar* na estrutura do tempo e percorrer o seu império em todos os sentidos. Basta pensarmos um pouco nessa possibilidade para compreendermos o profundo interesse, mesmo do ponto de vista prático, das pesquisas parapsicológicas sobre os fenômenos de *precognição* e *retrocognição*.

É bom não esquecer que as pesquisas físicas e as experiências astronáuticas já alteraram, por sua vez, a concepção clássica do tempo, não só na Ciência como no próprio senso comum. Quanto mais avançam essas pesquisas, mais o homem atual se aproxima de uma nova compreensão do tempo e mais fácil se torna a explicação dos fenômenos parapsíquicos de percepção do passado e do futuro.

Estamos num mundo de novas dimensões. Um mundo que cresce em todos os sentidos, desde o demográfico até o conceitual. O avanço das Ciências e das Técnicas revoluciona profundamente o campo geral do Conhecimento. Seria inútil opor sofismas lógicos à realidade experimental do domínio do tempo pela mente. Os fatos são fatos.

6.

***Pk* – A mecânica da vida**

Os Profs. Thouless e Tischner, respectivamente inglês e alemão, consideram, como o faz Rhine e toda a sua escola, absolutamente comprovada a existência de *Pk* ou *psikapa*, na sua modalidade de psicocinesia ou psicoquinesia. E vão além, pois procuram explicar através dela a mecânica da vida. *Pk* é a ação da mente sobre a matéria, sem qualquer forma de intermediário. Ação direta. Rhine explica assim o fenômeno: “*A mente, que não é física, servindo-se de vias não-físicas, age sobre o mundo físico*”. E isso tem dado muito pano para manga. Podemos trocar toda essa questão em miúdo, dizendo simplesmente o seguinte: o pensamento age sobre a matéria.

As experiências de laboratório, para verificação da existência ou não desses fenômenos, começaram na *Duke University* em 1934. Somente nove anos depois, em 1943, os pesquisadores resolveram dar a público os resultados obtidos. Os dados dessas experiências, como afirma Rhine, estão até hoje à disposição dos estudiosos que pretenderem examiná-los, naquela Universidade. Além disso, as pesquisas a respeito se multiplicaram por todo o mundo. A conclusão de Rhine é decisiva: “*A mente possui uma força capaz de agir sobre a matéria. Produz sobre o meio físico efeitos inexplicáveis por qualquer fator ou energia conhecidos pela Física*”.

Mas Robert Amadou põe em dúvida a existência do fenômeno. Não se satisfaz com as experiências de laboratório realizadas até agora. Pretende que novas e mais intensas pesquisas sejam efetuadas. A cisão teórica do campo parapsicológico aumenta com o problema da psicocinesia. Mas, ao mesmo tempo, a variedade de experiências realizadas no mundo oferece resultados positivos a favor da existência do fenômeno, aliás já investigado em maior profundidade na fase metapsíquica. E Rhine propõe a observação dos fenômenos que podemos chamar de comuns ou naturais e que comprovam a ação da mente sobre a matéria. Esses fenômenos, conhecidos em todo o mundo – como os de cura de verrugas, bicheiras, hérnias etc. por simples benze-

dura – aparecem como formas de comprovação natural ou espontânea das experiências de laboratório.

Assim como as experiências de *psigama* foram feitas com cartas de baralho, as de *psikapa* começaram com o jogo de dados. E isso por motivos circunstanciais, como logo mais se verá, mas também pela maior facilidade que os dados oferecem, à semelhança das cartas, para a boa verificação do fenômeno e a precisa avaliação dos resultados. Muitas críticas foram feitas, e ainda o são, a essa preferência de Rhine pelos dados. Correm por conta da incompreensão e da prevenção, quando não do sectarismo científico ou religioso que atuam invariavelmente em questões desta natureza.

Paralelamente às experiências de Duke, outros tipos de investigação foram idealizados e realizados em várias partes do mundo. Na França, Chevalier e Hardy realizaram experiências com gotas d'água, através de engenhosos mecanismos. As gotas caíam sobre uma lâmina, sendo cortadas ao meio, e os *sujets* agiam no sentido de desviá-las da queda natural, atraindo-as para si ou afastando-as. Hardy construiu outros mecanismos, o primeiro para acender lâmpadas elétricas por ação mental num complicado aparelho eletrônico; o segundo para mover uma pequena balança de precisão ou prolongar os seus movimentos pela influência do pensamento.

As experiências mais tocantes foram realizadas pelo casal Paul Vase, na França, e por Nigel Richmond, na Inglaterra. Os primeiros realizaram experiências semelhantes às dos faquires indianos sobre a germinação e crescimento de plantas. Obtiveram resultados favoráveis, pois a ação da mente acelerou a germinação e o desenvolvimento de sementes especiais, enquanto a parte não submetida à influência mental cresceu de maneira normal, lentamente. Richmond dirigiu os movimentos de paramécios ao microscópio, em direções determinadas. E Richard da Silva experimentou com sucesso impedir o desenvolvimento de bactérias em solução de ágar-ágar.

Todas essas experiências, e muitas outras, foram postas em dúvida por falta de métodos rigorosos de registro e controle dos resultados. Mas outras pesquisas foram e continuam a ser feitas.

Em Atenas, por exemplo, o Professor Tanagras observou o fenômeno de *pirovasia* (andar sobre as brasas de uma fogueira com os pés nus), chegando a conclusões curiosas a respeito. Posteriormente, formulou uma teoria da união dos fenômenos de telepatia e psicocinesia para explicação de alguns fatos de *precognição*. Esse fenômeno misto, que ele denominou de *psicobolia*, seria produzido da seguinte maneira: a previsão de um desastre, por meio de um sonho, poderia despertar no inconsciente do *sujet* as forças psicocinéticas, que agiriam à distância sobre o objeto, produzindo o efeito sonhado. Não se trataria, entretanto, de uma verdadeira previsão, e sim de uma sugestão provinda do sonho e realizada pelo poder psicocinético.

Aliás, essa teoria de Tanagras, aparentemente absurda, obrigou os pesquisadores a tomarem cautelas especiais nas experiências de *precognição* para evitarem as possíveis influências psicocinéticas. Por outro lado, foram formuladas teorias de efeito contrário, explicando a psicocinesia pela *precognição*. O zoólogo C. B. Nash, seguido de outros experimentadores, sugeriu que os fenômenos psicocinéticos não seriam mais do que *precognições*. O *sujet* não dirigia a caída dos dados da maneira que *queria*, mas da maneira que *previa*. Rhine considera que a melhor experiência para anular essa hipótese foi realizada por Thouless, na Universidade de Cambridge, já várias vezes citada nestas páginas.

Cada uma dessas hipóteses ou teorias obrigava os pesquisadores a realizar numerosas experiências com o fim de verificar a sua possibilidade ou anulá-la. Em geral, o curioso dessas hipóteses é que *elas admitem efeitos muito maiores que os comprovados pelas experiências, para negarem efeitos infinitamente menores que os pesquisadores procuram alcançar*. A teoria da *psicobolia* é um exemplo disso. Também a da ação psicocinética sobre o embaralhamento mecânico de cartas, para negar a *precognição*. Supunha-se a possibilidade de influência psicocinética na máquina de embaralhar, de maneira que as cartas seriam dispostas na ordem determinada pelo *sujet*. Assim, não haveria *precognição*, mas psicocinesia. É fácil compreendermos que a ação mental sobre a máquina, com a enorme precisão suposta no

embaralhamento de cartas, *representaria um resultado psicocinético muito superior a todos os obtidos experimentalmente até então*. Mas a finalidade dessas hipóteses era precisamente apurar os meios de investigação, permitindo uma definição precisa de cada tipo de fenômeno.

As objeções à existência da psicocinesia decorrem de uma alegação única: as experiências realizadas até agora são ainda muito poucas para autorizar as conclusões de Rhine e sua escola. Quando Rhine contesta com os resultados das experiências, rigorosamente anotados e tratados, surgem evasivas desta natureza: os dados empregados não eram do tipo mais indicado; houve muitas experiências com dados defeituosos ou pelo menos que se podem supor defeituosos, pois não eram fabricados especialmente; houve resultados que, nas revisões, mostraram a ocorrência de erros de registro. A todas essas evasivas Rhine e sua equipe respondem com o relato minucioso das experiências e sustentam a realidade da psicocinesia, experimentalmente comprovada, não obstante admitam a necessidade de que as experiências continuem e se intensifiquem.

Ao contrário da telecinesia – movimentos de objetos à distância, aportes, levitações de objetos e pessoas, inclusive dos próprios sensitivos –, que constituiu um dos campos mais vastos de experiências na Metapsíquica, a psicocinesia é considerada como ação da mente sobre a matéria sem qualquer intermediário físico, como acentuamos no início do capítulo. Ficam assim excluídas as hipóteses metapsíquicas da ectoplasmia. Para Richet esses movimentos eram produzidos por meio de um elemento físico: o ectoplasma, emanção orgânica do médium. O Professor Crawford, catedrático de mecânica da Universidade Real de Belfast, na Irlanda, chegou a realizar numerosas experiências sobre a mecânica do ectoplasma.

As investigações de Crawford foram consideradas como esclarecedoras do processo. Richet as incluiu em seu *Tratado de Metapsíquica*. Crawford realmente provou, através de experiências minuciosas e rigorosamente controladas, com as repetições e diversificações necessárias, a existência daquilo que William Crookes chamou de *força psíquica*, ou seja, de emanções do

corpo do sensitivo em condições variadas, diminuindo o peso deste quando em grande quantidade. Por exemplo: colocado o sensitivo sobre uma balança de controle-relógio, verificou-se que o peso do mesmo diminuía ao levitar-se um objeto pesado, como uma grande mesa ou um piano, e aumentava com a soma do peso do objeto quando este era leve, como uma cadeira ou uma banqueta. Isso demonstrava que a força emanada do médium tomava a forma de um pseudópodo, erguendo os objetos leves como se faz com o braço, mas apoiando-se no solo, em forma de alavanca, para o caso dos objetos pesados.

O Coronel Albert De Rochas, que foi diretor do Instituto Politécnico de Paris e notabilizou-se pelos seus trabalhos experimentais sobre a exteriorização da sensibilidade e da motricidade em processos hipnóticos e para-hipnóticos, fez importante comunicação ao Congresso Internacional de História das Ciências, realizado em 1900, em Paris, sobre a levitação. Remontou o estudo da levitação aos gregos, referindo-se aos pequenos tratados de Heron e Filon sobre *Autômatos* e *Pneumatômatos*, por ele mesmo traduzidos para o francês e publicados em Paris pela Livraria Masson, em 1882. Isso demonstra a razão de Rhine ao afirmar que os fenômenos parapsicológicos são novos apenas para as Ciências modernas.

Os estudos e as pesquisas de Eugene Osty e Gustave Geley, no Instituto de Metapsíquica de Paris, sobre a *força psíquica* de Crookes, que é o mesmo ectoplasma de Richet, revalidaram modernamente as velhas observações gregas, mas acabaram sendo postos de lado pela evolução técnica do nosso tempo. Tendo em vista a posição atual da Ciência em face desses fatos, a Parapsicologia age com prudência, tratando preliminarmente da psicocinesia como ação direta da mente sobre a matéria, através de pesquisas em plano rudimentar. Daí o apelo ao jogo de dados, à queda de gotas d'água, à movimentação dos pratos de pequenas balanças de precisão. As próprias experiências com plantas e bactérias, por implicarem menor complexidade, são realizadas apenas por alguns experimentadores mais audaciosos, que em geral as interrompem, temerosos das conseqüências que os seus trabalhos podem acarretar-lhes no campo profissional.

Há uma história da *acomodação científica* que ainda um dia será escrita em todos os seus pormenores.

As experiências de *Pk* em laboratório são, portanto, limitadas e condicionadas, como o são as de *percepção extra-sensorial*. Rhine já advertiu que esse condicionamento e essa limitação, exigidos pelo método científico – e não podemos esquecer que este método corresponde às condições da pesquisa material – determinam uma redução dos fenômenos. Os casos espontâneos, ocorridos no mundo inteiro, revelam sempre maior densidade. Daí o interesse, por exemplo, que a Dra. Louise Rhine vem dedicando ao exame sistemático desses casos, devidamente colhidos e comprovados por processos especiais. O método científico só nos permite colher *uma parte mínima dos efeitos*, em fenômenos provocados, pois desde que estes são de ordem psíquica manifestam natural suscetibilidade em situações experimentais. Soal foi dos primeiros a observar que a criação de um ambiente de familiaridade entre pesquisadores e sujeitos favorecia a produção mais abundante dos fenômenos. Essa familiaridade não quer dizer afrouxamento dos meios de controle experimental, mas apenas a diminuição de constrangimentos para o sujeito.

A concepção do fluido é hoje uma heresia científica, ao menos provisoriamente. Foi afastada do magnetismo e do hipnotismo e a Parapsicologia também a põe de lado, ou pelo menos entre parênteses, como vemos no caso da psicocinesia. O ectoplasma figura na mesma pauta de condenação e a *força psíquica* de Crookes, embora ainda sobreviva nas doutrinas energéticas da telepatia, entre russos e franceses, é considerada em geral como suspeita. Carington, com sua teoria das estruturas de psíquons, e Jung, com sua teoria da *sincronicidade*, procuram substituir a concepção energética. Mas parapsicólogos do renome científico de Thouless, Soal, Price, Tischner, Pratt e outros tendem a admitir que a ação psicocinética, integrada nos processos vitais, dispõe de meios específicos de manifestação.

Para Thouless e Tischner, como acentuamos no início do capítulo, a psicocinesia explica a mecânica da vida. Sua manifestação é de natureza dupla. Interiormente ela se manifesta na mo-

vimentação do corpo. A mente age através do sistema nervoso sobre os músculos, produzindo assim os efeitos motrizes. Exteriormente age sobre o mundo material através de meios ainda não-conhecidos, que para Rhine são extrafísicos, mas para Vassiliev, na Rússia, são de natureza física ainda não identificada. Soal, por exemplo, realizou na Universidade de Cambridge experiências bem sucedidas de *voz direta*. Trata-se de um fenômeno espiritual bem conhecido que implica a psicocinesia e a telecinesia, pois temos a levitação da corneta de papelão ou de metal, a sua movimentação no ambiente e a produção de uma voz aparentemente autônoma, que parece soar sem ligação com o aparelho vocal do sensitivo.

Seja-nos permitido lembrar aqui algumas experiências pessoais que justificam a nossa posição favorável à ectoplasmia. Em 1938, em Cerqueira César, na Sorocabana, realizamos experiências com o médium Ciro Milton de Abreu e sua esposa D. Adelaide. Reuníamos-nos numa sala retangular, de seis metros de comprimento por quatro de largura, com apenas duas portas: uma de passagem interior e outra para a rua. Pequeno grupo: Dadício de Oliveira, então assessor do coletor federal local; sua esposa, D. Catarina de Oliveira; Maria Virgínia Ferraz Pires e Bonina Amaral Simonetti Pires (esposa e mãe do autor) ; às vezes, o médico Dr. Adalberto de Assis Nazareth e sua esposa e mais duas ou três pessoas. O médium, ferroviário da E. F. Sorocabana, era porteiro da estação local; ele e esposa dotados de sensibilidade variada. Tentamos experiências de *escrita direta* com lápis e prancheta, sobre papel em branco, folha rubricada pelos presentes, fechada à chave na gaveta de uma mesa colocada à distância do grupo. Portas fechadas à chave, ambiente de luz vermelha, todos perfeitamente visíveis. Local tranquilo sem ruídos. Na primeira experiência e nas seguintes, durante meia dúzia de sessões, obtivemos apenas pequenos ruídos e sinais levemente luminosos sob as cadeiras dos médiuns, quando em transe. Depois, obtivemos a grafia, em letras grandes e mais ou menos trêmulas, no papel, dentro da gaveta fechada, da palavra: *Paz*. Na sessão posterior, a escrita *aumentou*. Obtivemos: *Paz, continuem*, com a mesma letra graúda e trêmula. Depois disso,

infelizmente, por motivo de doença na família dos médiuns, não pudemos prosseguir. Mudanças posteriores dissolveram o grupo.

Mais tarde, visitando a cidade, tivemos oportunidade de assistir a um trabalho realizado com quase as mesmas pessoas e com o mesmo médium, na sala de frente da residência do Sr. Dadício de Oliveira. Aliás, o próprio médium insistiu para que participássemos de algumas sessões, pois nada percebia durante os trabalhos e os relatos que posteriormente lhe faziam pareciam suspeitos. Tinha receios de estar fraudando inconscientemente, sem que os participantes do trabalho o percebessem. Maior era a sua desconfiança diante do entusiasmo revelado por todo o grupo. Presenciamos então a um dos fenômenos mais curiosos de ectoplasmia de que já tínhamos notícia pela leitura de livros especializados. Na sala escura, mas não totalmente, pois não dispunha de forro e a luz filtrava levemente pelas telhas – o médium em transe, cercado pelo grupo – a emissão de *ectoplasma* começou com leve característica: luminosidade sob a sua cadeira, seguida da expansão, com cheiro cada vez mais acentuado de ozona, de um leve nevoeiro que se adensava progressivamente. Quando a sala estava completamente tomada por esse nevoeiro leitoso, começaram curiosos fenômenos de *explosão ectoplásmica*, semelhantes, em proporções relativas, a descargas elétricas na atmosfera. Pequenos relâmpagos estrelejavam no ambiente, cortando o ar de um lado para outro, sempre em sentido descendente, produzindo odor mais forte de ozona. Esses efeitos duraram por mais de duas horas, de maneira que pudemos observá-los à vontade.

Noutra sessão o mesmo médium foi levitado de forma estranha. Sentado numa cadeira, encostado à parede, foi arrancado da mesma e deslizou pela parede até o teto, sendo colocado em pé no alto da parede. Acesa a luz, vimo-lo equilibrando-se no alto, mas de corpo curvado para a frente, o que dava a impressão de que ia cair. Ficou nessa posição por dois minutos cronometrados. A seguir, apagamos a luz elétrica e ouvimos imediatamente novo ruído de arrasto, como se o seu corpo fosse levado de arrastão. Ele era colocado de pernas entrançadas no madeirame do teto e de cabeça para baixo. Acesa a luz, pudemos vê-lo assim durante

um minuto. Apagada a luz, em apenas dois ou três segundos (foi impossível o cálculo exato, dada a rapidez do fenômeno) o médium se encontrava de novo na cadeira, sentado e em transe, de cabeça deitada para trás, apoiada na parede, exatamente como se achava antes do início dessa seqüência de movimentos.

Os fenômenos de *voz direta* obtidos mais tarde, em Marília, com o médium Urbano de Assis Xavier, e em São Paulo com a médium D. Hilda Negrão, esposa do jornalista Odilon Negrão, confirmaram esses efeitos telecinéticos. Em todas essas experiências, realizadas em pequenos grupos familiares e em ambientes fechados e restritos, sem a menor possibilidade de fraude – mormente tendo-se em conta a amplitude dos efeitos – tivemos oportunidade de verificar a realidade dos fenômenos metapsíquicos de que somente agora, e timidamente, a Parapsicologia vem tomando conhecimento. Compartilhamos da opinião de Wathely Carington, de Soal, de Price e de Thoules de que esses fenômenos não revelam apenas a emanção de uma *força psíquica* do médium, mas também a existência de uma *entelêquia* de Shi (segundo a expressão de Soal) ou da alma humana, do espírito humano. Só poderíamos admitir o contrário se as experiências provassem o contrário – o que até agora não foi feito –, enquanto as provas a favor, como se vê pela opinião dos parapsicólogos citados, continuam a produzir-se, mesmo com as limitações extremas da pesquisa científica de tipo quantitativo.

A psicocinesia é assim o primeiro passo da Parapsicologia para a redescoberta da telecinesia, com suas inevitáveis implicações energéticas. Se para a *percepção extra-sensorial*, que por sua própria natureza psíquica (ou puramente psicológica, como pretende Rhine) podemos admitir a ação direta da mente sem intermediário, pelo menos de natureza física, já o mesmo não se dá com a psicocinesia, porque os fenômenos psicocinéticos, sendo objetivos, exigem a participação de elementos orgânicos. A mente pode agir diretamente no plano mental, mas no plano material ela necessita de instrumentos. A tese de Rhine, de ação direta da mente sobre a matéria, parece menos aceitável que a de Tischner, que considera essa possibilidade somente no plano das relações alma-corpo, exigindo para as ações exteriores um

instrumento orgânico. Esse instrumento, como já o demonstrou a pesquisa metapsíquica, só pode ser o pseudópodo de ectoplasma que Richet denominou *Alavanca de Crawford* em homenagem ao injustiçado pesquisador de Belfast.

Neste ponto incidimos na teoria da polaridade de Rhine, que tenta explicar a psicocinesia como o pólo oposto de *percepção extra-sensorial*. Quer dizer: a polaridade de *psi* revelando-se nos efeitos recíprocos, subjetivos e objetivos. O simples fato da percepção representa, segundo Rhine, uma ação da mente sobre a matéria e vice-versa. Isso justifica a sua tese da ação direta em psicocinesia. Mas se percebemos diretamente, isso só acontece na *percepção extra-sensorial*, pois a percepção normal se verifica *através dos sentidos físicos*. E toda ação mental depende, para se efetivar no mundo físico, da mediação de elementos materiais, ao menos pelo que sabemos até agora. O problema é bastante complexo, como vemos, e seria inoportuno tentar aprofundá-lo aqui. Parece-nos suficiente advertir que a comprovação já feita em tantas experiências científicas ou leigas, experimentais ou ocasionais, da existência do ectoplasma, deve servir para uma posição mais cautelosa no tocante à teoria dos fenômenos psicocinéticos.

Por que todos esses trabalhos são relegados ao esquecimento? Pelo fato de um Paul Heuzé ou um Silva Mello contestá-los, sem as credenciais científicas e o acervo de experiências de um Zöllner, de um Aksakof, de um Paul Gibier, de um Osty ou um Geley? As experiências de Crookes, como afirmou Richet: *são de granito*. Não obstante, pretendem contestá-las com suposições ridículas.

Remy Chauvin, diretor de laboratórios do Instituto de Altos Estudos de Paris, formulou recentemente a teoria da *alergia ao futuro*, para explicar essas contradições. Essa forma de *alergia* tem impedido o desenvolvimento de pesquisas que se destinam a abrir novos horizontes para o homem. Os que se apegam ao presente, ao acervo de conquistas já realizadas pelas Ciências, lançam mão de todos os recursos para evitar o avanço do conhecimento em rumos que lhes parecem perigosos. Simples manifestação cultural do instinto de conservação.

Segundo Chauvin, a própria evolução da cultura exige a ação contraditória das forças de impulsão e retenção. As primeiras impõem a cultura em direção a novas conquistas, as segundas retêm a cultura em seu estado atual. Esse jogo de forças, existente em todas as coisas, estabelece o equilíbrio de cada entidade, permitindo-lhe evoluir sem prejuízo das conquistas já consolidadas. Mas quando as forças de retenção sobrepõem as de impulsão, o processo evolutivo está ameaçado. O mesmo acontece no caso inverso. Nas Ciências atuais as forças de retenção (a inércia) estão ameaçando as de impulsão (a cinética) em vários campos. A maioria dos cientistas prefere acomodar-se.

7.

***Tt* – Janela do infinito**

As pesquisas de clarividência e telepatia levaram os investigadores à descoberta da *precognição*, mas não ficaram nisso. Os fenômenos *psi* se encadeiam, de maneira que puxar um deles é arrastar os demais. A trama do paranormal é como uma rede que vai surgindo do fundo do psiquismo como das águas de um mar. E essa rede traz os seus peixes.

O grupo de pesquisas dos fenômenos *teta* surgiu na *Duke University*, sob a direção do Professor Pratt, em virtude das interferências de *casos de morte* nas investigações dos *casos de vivos*. E o *Boletim Teta* se impôs aos leitores do *Journal of Parapsychology* como uma necessidade de informação específica. Mas quais são esses *casos de morte*?

Já vimos que eles estão presentes em todas as investigações, tanto do passado como do presente. São uma constante do campo de fenômenos paranormais. Um dos exemplos mais esclarecedores, a respeito, é o livro da Professora Louise Rhine, *Canais Ocultos da Mente*. Os casos de avisos de morte são os que mais impressionaram os investigadores. Mas há também os casos de aparentes manifestações de espíritos de mortos que não se referem propriamente a mortes recentes. Fugir à investigação desses casos seria temer a verdade que a Ciência procura.

Os Profs. Soal e Bateman, em seu livro a duas mãos, *Telepatia, Experiências Modernas*, lembram no prefácio que as pesquisas de laboratório, por meio de cartas, correspondem às exigências de comprovação quantitativa das ciências atuais. E explicam: “Podem argumentar que certos médiuns, como a Sra. Piper ou a Sra. Blanche Cooper, revelaram possuir minucioso conhecimento da vida de seus consulentes, que não poderiam ter conseguido pelos meios normais. É verdade, mas poucas vezes demonstraram isso a pedido ou respondendo a perguntas: fizeram-no de maneira espontânea. Médiuns como elas quase sempre falham na adivinhação das cartas, na percepção de desenhos ou em simples experiências telepáticas. Apesar de sua maior capa-

cidade paranormal, não têm, no geral, inclinação para trabalhos experimentais de cunho estatístico. E é esta, atualmente, a única espécie de trabalho capaz de impressionar os cientistas ortodoxos”.

Essa declaração equivale a uma confissão de que o campo dos fenômenos paranormais é muito mais vasto e cheio de oportunidades do que o limitado espaço de um laboratório. Mas a pesquisa de campo, como o levado a efeito pela Sra. Rhine, só poderia ser feita depois das infindáveis séries de experiências intramuros. Grande número de parapsicólogos, à maneira de Soal e Bateman, do casal Rhine, de Pratt, Carington, Price, Tischner e outros, sabe que os fenômenos espontâneos, como sustenta o Professor Jean Ehrenwald, são mais ricos e mais carregados de significação que as “secas” experiências de laboratório. Mas é necessário oferecer figos secos aos céticos, para que eles acreditem na existência de figos frescos.

Os fenômenos *teta* se acham naturalmente mesclados aos tipos da classificação parapsicológica já nossa conhecida. A impossibilidade, porém, de atribuí-los simplesmente à clarividência ou à telepatia, de um lado, e de outro lado à psicocinesia, exigiu para eles uma classificação especial. Recorreu-se à letra grega *theta*, oitava letra do alfabeto grego, por ser com ela que se escreve a palavra morte. Assim, a frieza da designação científica, puramente esquemática, foi amornada pelo sentido simbólico.

Mas aconteceu com os fenômenos *teta* uma coisa curiosa. Não foi possível reduzi-los ao campo de *psigama* ou de *psikapa*. Ele se revelou nos dois campos, de maneira que os pesquisadores se viram obrigados a incluí-lo no esquema com dupla designação: *teta psigama* e *teta psikapa*. Os primeiros são os fenômenos puramente subjetivos, percebidos individualmente pelo sujeito. E mesmo quando percebidos por outras pessoas, não têm nenhuma objetividade. São aparições, vozes, estrondos, barulhos diversos sem nenhum motivo exterior. Os segundos são objetivos: a queda de um quadro, o partir de um vaso, a derrubada de um móvel e assim por diante.

A importância desses fenômenos está em ligação com fatos reais. Sua significação é evidente e conhecida desde a mais

remota antigüidade. As crônicas históricas da Grécia e Roma, sem contar o enorme acervo proveniente das civilizações orientais, estão repletas de casos dessa natureza. Não há dúvida quanto à existência do fenômeno conhecido como *aviso de morte*. Mas, cientificamente esse fenômeno não existia. Todos os relatos a respeito eram relegados ao campo da superstição, atribuídos à imaginação. Mesmo agora não se pode afirmar que esses fenômenos, com a significação de *avisos de morte*, tenham existência científica, estejam incluídos na fenomenologia admitida pelas Ciências.

Claro que depois das pesquisas parapsicológicas a existência desses fenômenos ficou provada cientificamente, pelo menos como possibilidade. A explicação científica seria a da clarividência ou da telepatia, e para os objetivos, na área parapsicológica que os admite, como prova da psicocinesia. Mas existe para muitos casos aquela impossibilidade de explicação “sem uma presença extrafísica” a que aludem o casal Rhine. Daí a necessidade de pesquisas especiais quanto à tipologia própria desses fenômenos, determinada pela significação intrínseca e evidente que os caracteriza.

Os casos de manifestações mediúnicas de pessoas falecidas são mais complexos, mais difíceis de sujeitar às exigências da metodologia científica dominante e sua investigação será deixada para mais tarde. Apesar disso, algumas experiências têm sido feitas corajosamente e é grande o número de livros publicados a respeito, na Europa e nos Estados Unidos, como se pode ver pela seção bibliográfica do *Journal of Parapsichology*. Estamos numa época de audácias e muitos investigadores se atrevem a avançar no terreno perigoso. O próprio Rhine, como se sabe, pois o declara em seus livros, considera esse problema como de simples metodologia. Descobrendo-se o método conveniente, como ele fez com a clarividência e a telepatia, e posteriormente com a psicocinesia, não haverá dificuldades para o empreendimento de pesquisas sistemáticas.

Os cientistas norte-americanos que investigam o caso Arigó declararam em São Paulo, em reunião com representantes do Instituto Paulista de Parapsicologia, e outros elementos dos

nossos meios universitários, que esperam obter resultados positivos nesse sentido. Guardam, porém, absoluto silêncio quanto ao método empregado. Usam complicada aparelhagem e dedicam longo tempo a observações pessoais junto ao médium em transe. A insistência com que vêm realizando os trabalhos, fazendo viagens constantes e dispendiosas ao Brasil e permanecendo semanas inteiras em Congonhas parece demonstrar que têm obtido êxito. Aliás, isso foi confirmado por declaração que fizeram à imprensa e mais recentemente em contatos pessoais com o autor e outros estudiosos brasileiros.

Os casos de reencarnação não se incluem nos fenômenos *teta*. Parecem mais afastados do interesse dos investigadores por exigirem a prova anterior do pressuposto, ou seja, da própria sobrevivência do homem após a morte. Não obstante, os cientistas que se interessam por eles, como o Professor Banerjee, acreditam que se conseguissem provar cientificamente a reencarnação, a prova da sobrevivência estaria implicitamente feita. E o curioso é que Banerjee possui um arquivo de centenas de casos de reencarnação que conseguiu comprovar em doze anos de pesquisas. Mas prefere chamá-los de “casos de memória extra-sensorial”, por não dispor de condições científicas oficiais para a sua imposição ao mundo das Ciências.

Vejam os praticamente o que se passa: Banerjee pode provar que cerca de quinhentas crianças demonstraram possuir lembranças de uma vida anterior e que os seus relatos foram objetivamente comprovados pela pesquisa. Isso parece suficiente para a maioria das pessoas, mas não para os homens de Ciência, que levantam dúvidas e formulam hipóteses explicativas as mais diversas. Banerjee precisava dispor de meios seguros para desfazer essas hipóteses. Mas quando um cientista diz que a criança simplesmente captou as supostas lembranças pela clarividência ou pela telepatia, ou se põe a falar de “memórias das células” e outras coisas mais improváveis que a própria reencarnação, ele só pode refutá-lo servindo-se da lógica. Foi o que aconteceu com as pesquisas de Albert De Rochas no campo da regressão da memória, no século passado.

A necessidade de segurança criou para as Ciências uma espécie de rede de aço no tocante às exigências metodológicas. Os cientistas que pretendem romper as malhas dessa rede enfrentam dificuldades muitas vezes insuperáveis. Mas a própria evolução científica tem modificado essas exigências, com a criação de condições novas na investigação, uma vitória que para Richet fora impossível. Talvez a investigação dos fenômenos *teta* venha abrir novas possibilidades dentro em breve.

8.

***Mec* – Mergulho no passado**

Tudo quanto escrevemos nos capítulos anteriores a respeito da progressão irresistível das pesquisas paranormais confirma-se neste capítulo. Fomos obrigados a acrescentá-lo a esta nova edição, não apenas para atualizá-la no campo da informação, mas também para sancionar as previsões formuladas no tocante ao avanço das pesquisas. Podemos dizer, ainda, que este capítulo prova a exatidão da segunda parte do volume, que tantos estudiosos demasiado sistemáticos, e sobretudo opiniáticos, haviam considerado como temerária. As perspectivas da Parapsicologia, que desdobramos ali, tornaram-se realidade, em grande parte, muito mais cedo do que esperávamos.

Mec é a sigla de *memória extracerebral*, o mais recente fenômeno a entrar no campo das pesquisas de *psi*. Com ele, esse campo de pesquisas se amplia de súbito, rompendo a aparente estagnação em que parecia haver caído. E assinala-se a contradição: representando um mergulho no passado, *Mec* é, na verdade, um salto no futuro. A colocação científica do problema de *Mec*, simultaneamente na URSS e nos EUA, por cientistas de reconhecida capacidade e probidade, valeu por um rompimento inesperado das barreiras do preconceito que impediam o avanço das pesquisas e chegavam mesmo a ameaçar a Parapsicologia com a repetição da aparente derrota infligida pelos adversários à Metapsíquica. Podemos agora dizer que esse perigo foi afastado, exorcizado pela audácia dos pesquisadores modernos.

A expressão *memória extracerebral* surgiu simultaneamente com outras, como: *paramemórias* e *reencarnações sugestivas*. É evidente a superioridade teórica da primeira designação, que se emparelha perfeitamente com *ESP* (*percepção extra-sensorial*) e ao mesmo tempo rejeita a suspeição de causas puramente sugestivas, que torna anticientífica a última designação. Por sinal que esta última surgiu na Rússia, onde é evidente o interesse ideológico de contestação do significado do fenômeno. Quanto à expressão *paramemórias*, que também se ajusta à nomenclatura

parapsicológica, perde entretanto para *Mec* no tocante às exigências de clareza e precisão.

Memória extracerebral é um tipo de memória que não pode estar no cérebro, pois este pertence à existência atual do indivíduo, surgiu com o seu corpo, *nesta vida*, como a *tábula rasa* dos empiristas – disco virgem para as primeiras gravações sensoriais – enquanto a referida memória corresponde a uma possível existência anterior. De onde vem ela? Esse o problema essencial a ser resolvido pelas pesquisas. Era muito fácil e cômodo, até há pouco tempo, resolvê-lo com um simples dar de ombros, negando a sua existência. Mas agora, com as provas científicas da sua realidade, só resta a evasiva simplória da sugestão ou a escapadela provisória pelas vias da *percepção extra-sensorial*. Essas duas vias de escape, entretanto, já se encontram bloqueadas pelas conseqüências teóricas e as evidências práticas das pesquisas.

Podemos dividir em três campos, no momento, a área de pesquisas de *Mec*. De um lado temos o campo ocidental constituído pelos investigadores norte-americanos e europeus; de outro o campo oriental constituído pelos pesquisadores indianos e asiáticos; e por fim o campo soviético, onde se destaca a figura do Professor Wladimir Raikov, da Universidade de Moscou. As pesquisas realizadas no Brasil pelo Eng. Hernani Guimarães Andrade e outros pesquisadores, bem como as da Argentina, enquadram-se naturalmente no campo ocidental.

O pioneiro das investigações no meio universitário, ao que parece, foi o Professor Dr. Hamendras Nat Banerjee, da Universidade de Jaipur, província de Rajastan, na Índia. Desde 1954, segundo ele mesmo nos informou em entrevista pessoal, suas pesquisas vêm aprofundando a questão de maneira sistemática e rigorosa. Vários livros em que apresenta o resultado de seus trabalhos foram editados em inglês pela própria Universidade. Seu fichário de casos excede ao de qualquer outro pesquisador, indo além de um milheiro. Apesar disso, as suas conclusões não são tão positivas como as do Professor Dr. Ian Stevenson, da Universidade de Virgínia, EUA, que parece agir com mais desenvoltura. O Dr. Banerjee dá-nos a impressão de um homem que sofre das restrições naturais determinadas pela sua condição

de indiano. Sua posição científica é mais ou menos afetada pelo preconceito ocidental que sempre envolve as figuras da Índia numa auréola mística. Reagindo contra isso, Banerjee se mostra demasiado cauteloso, embora nem sempre consiga manter essa cautela. Stevenson está livre dessa coação e age de maneira mais decisiva.

O pioneirismo de Banerjee, porém, restringe-se à atualidade. Antes dele temos de assinalar a presença vanguardeira do Cel. e Professor Albert De Rochas, Diretor do Instituto Politécnico de Paris, que em 1924 já lançava o seu livro *As Vidas Sucessivas*, pelos Editores Chacorcan Freres, e o Dr. J. Björkem, que em 1943 publicava em Estocolmo o seu livro *Hypnotiska Hallucinationerna*, pela Editora Litteraturforlaget. Na Inglaterra, embora não estritamente em plano universitário, o livro *This Egyptian Miracle*, do Dr. F. H. Wood, despertou grande interesse, relatando o caso de Rosemary, médium espontânea que *falava* o egípcio faraônico, revelando recordações de uma vida longínqua. Outro livro inglês, recente, e que enquadra o autor nas pesquisas atuais, é o do Dr. Alexander Canon, médico da corte, intitulado *Reencarnação e Psiquiatria*.

Albert De Rochas foi o pioneiro das pesquisas hipnóticas sobre a reencarnação. Sua técnica é hoje desenvolvida pelo Dr. Raikov, na Universidade de Moscou, favorecendo a posição do pesquisador em face do materialismo oficial da URSS. Daí a expressão *reencarnações sugestivas* por ele utilizada inicialmente. Mas Banerjee e Stevenson seguem outro método, preferindo o exame dos casos espontâneos de lembranças de vidas anteriores reveladas por crianças. Segundo esses dois cientistas, os casos espontâneos têm a vantagem da naturalidade, enquanto o processo de *regressão da memória* pela hipnose é artificial e o mais sujeito à suspeita de fabulações inconscientes pelo paciente. Os dois métodos, porém, vão se revelando aos poucos como processos complementares, servindo alternadamente para a comprovação científica da realidade das vidas sucessivas.

Em suas conferências e entrevistas em São Paulo o Dr. Banerjee colocou-se numa posição cautelosa, mas instado por um entrevistador de televisão, no Canal 4, chegou a sustentar a tese

da prova da sobrevivência espiritual do homem através da pesquisa sobre a *memória extracerebral*. O Dr. Stevenson, em seu livro *20 Casos Sugestivos de Reencarnação*, no qual figuram dois casos observados no Brasil, admite que as pesquisas já romperam os limites da simples sugestão, atingindo a evidência, Isto mostra o quanto se avançou no campo da Parapsicologia nestes últimos anos. Mas como poderiam os cientistas chegar à comprovação científica, e portanto irrefutável, de um caso de reencarnação através das manifestações espontâneas ou provocadas da *memória extracerebral*? É o que procuraremos esclarecer a seguir.

O método seguido por De Rochas é ainda o empregado pelos cientistas atuais, mas aperfeiçoado; com exceção, naturalmente, de Raikov, que não se preocupa com a verificação da realidade da reencarnação, mas apenas com o problema em si, estritamente psicológico, da *memória extracerebral*. Raikov, na linha pavloviana da psicologia soviética, pretende explicar o fenômeno em termos biológicos. Mas tanto Banerjee como Stevenson, e os demais cientistas que os acompanham nesse campo de pesquisas, seguem as trilhas de De Rochas: verificação objetiva das lembranças nos locais e meios social e familiar em que teria vivido a personalidade anterior, que agora aparece como reencarnada. Essa verificação, dando resultados positivos, é tanto mais significativa quanto menos as pessoas atuais, em cujo meio vive o reencarnado, tiverem informações sobre os fatos lembrados. Ou seja: quanto mais estranhos sejam para os familiares atuais do reencarnado os locais, as pessoas e os costumes de sua existência anterior.

A esse método de verificação acrescentaram-se técnicas modernas de comparação tipológica, tanto de natureza psicológica como biofisiológica. Banerjee e Stevenson servem-se de fichas tipológicas comparativas. Isso é possível nos casos de reencarnações recentes, particularmente em meios sociais afins, por exemplo: no mesmo país, na mesma família ou em famílias interligadas por relações de amizade. É possível também no caso de personalidades que deixaram marcas na tradição local ou na História, tornando-se impossível em casos de reencarnações que

implicam distâncias maiores de tempo entre a vida anterior e a atual, porque então escasseiam ou desaparecem totalmente os dados da tipologia anterior. De qualquer maneira, essa técnica de comparação tipológica, quando bem aplicada, proporciona elementos valiosos de evidência.

Stevenson, seguindo tentativas feitas no passado por Sir Oliver Lodge e atualmente por C. J. Ducasse, dá grande importância aos padrões culturais, que podem ser confrontados, entre as duas personalidades, mesmo quando colocada a segunda (a do reencarnado) em situação cultural e social diferente da situação do passado. Nos padrões de comportamento, Stevenson dá grande valor às manifestações claras, precisas, de habilidades que o reencarnado não pode ter obtido na vida presente e que o identificam com a personalidade anterior. Nos padrões físicos, corporais, destacam-se os sinais de nascimento e as deformações que podem identificar, ao menos em princípio, a personalidade atual com a personalidade anterior. Em vários casos há também um elemento ponderável a ser considerado: o aviso de reencarnação, que poderíamos chamar de *anunciação*, em virtude dos casos clássicos de anunciações de nascimento nas várias religiões. Lembre-se a anunciação do anjo a Maria, a anunciação do nascimento de João e assim por diante. As anunciações, naturalmente mais modestas, feitas no âmbito familiar, têm inegável significação quando o fato se realiza e as suas circunstâncias confirmam a previsão.

Todo esse processo de verificação dos casos de reencarnação não exclui a multiplicidade de teorias explicativas do fenômeno de *memória extracerebral*. Mas, como em todos os campos da Ciência, e particularmente no setor específico das Ciências Psicológicas, a verificação depende da capacidade e habilidade do investigador, pois o processo é complexo, implicando numerosos fatores sutis (porque psíquicos) e exigindo elevado grau de bom-senso, de conhecimento dos problemas em causa e de capacidade de discernimento. Como assinala Stevenson, é preciso discernir, por exemplo, entre casos de possessão e de reencarnação. Os casos de *possessão* pertencem ao capítulo da mediunidade. Uma criatura atual é “possuída” pelo espírito de outra, que

se manifesta nela como personalidade alternante. O interessante neste caso é a aceitação científica, e já agora pacífica, dos casos de manifestações mediúnicas. A evidência dos casos de reencarnação supera a fase das discussões teóricas sobre a questão da sobrevivência espiritual e da comunicabilidade dos mortos. Stevenson confunde, em certos casos, a possessão mediúnica com a reencarnação propriamente dita, o que prova que ele não é espírita.

Façamos justiça a Allan Kardec e ao Espiritismo, reconhecendo sua prioridade no campo das investigações científicas sobre a reencarnação. A *Revista Espírita* (coleção do tempo de Kardec), hoje editada em português, é um valioso repositório de fatos e uma eloqüente demonstração do esforço de Kardec no campo da pesquisa psíquica, para provar a reencarnação. E os métodos hoje postos em prática pelos cientistas têm as suas raízes mais profundas no Espiritismo. Ao contrário do que dizem as pessoas mal informadas ou mal intencionadas, Kardec não tirou o princípio da reencarnação das doutrinas da Índia. O princípio espírita da reencarnação originou-se das manifestações dos espíritos e confirmou-se nas pesquisas. O próprio Richet, no *Tratado de Metapsíquica*, reconhece que Kardec jamais aceitou um princípio que não fosse confirmado pela experiência, pela investigação de tipo científico. Até mesmo a questão das fichas tipológicas atuais já teve o seu precedente n'*O Livro dos Espíritos*. O meio ali indicado para saber-se o que se foi no passado é o exame das tendências atuais. Essas tendências, vocações e habilidades, revelam no presente as conquistas efetuadas no passado pelo espírito.

Kardec se considerava um druida reencarnado. O mesmo aconteceu com Léon Denis, continuador de Kardec, a quem Conan Doyle chamou um *druida da Lorena*, em cuja província ele havia nascido. Kardec publicou na revista um curioso estudo sobre os celtas e sua religião, o Druidismo. Léon Denis desenvolveu esse estudo num livro dos mais belos e mais curiosos: *O Gênio Céltico e o Mundo Invisível*. Mas ambos, Kardec e Denis, não acreditavam apenas que eram druidas reencarnados na França, território da antiga Gália de Vercingetórix. Eles *sabiam*

que o eram. E sabiam porque? porque haviam constatado as suas tendências, a orientação cultural (o problema dos padrões de cultura) que já traziam em seus espíritos ao nascer, a sua predisposição para o reerguimento dos princípios druídicos (reencarnação, comunicação mediúnicamente, existência dos vários planos espirituais, lei de causa e efeito, conceito de Deus e lei de evolução) através do Espiritismo.

As provas da reencarnação no Espiritismo abrangem todos os elementos considerados pelas pesquisas científicas atuais. São considerados elementos probantes os seguintes: lembranças de vidas passadas, sinais físicos reproduzidos no reencarnado, anúncio mediúnicamente de renascimento (comprovada por sinais ou semelhanças temperamentais e tipológicas), súbito reconhecimento pelo reencarnado de locais em que vivera e de pessoas com as quais convivera (sempre que seguidos de comprovações objetivas), simpatias ou antipatias acentuadas e sem motivos imediatos entre pessoas (excluídos os casos de simples atração ou repulsão fluídica por motivos de disposições temperamentais ou psíquicas). Como se vê, a posição espírita, rejeitada pelas Ciências, é a mesma por elas adotada na atualidade. Há profundas diferenças entre as leis da reencarnação no Espiritismo e nas antigas religiões da Índia e de outros povos, bem como na posição dos espíritas ante o problema e a posição dos indianos, por sinal bem ressaltada pelo Dr. Stevenson em seu livro acima citado. A concepção espírita da reencarnação se liga, de um lado, à do Cristianismo primitivo, e de outro lado à concepção druídica, segundo acentuaram Kardec e Denis.

A concepção cristã da reencarnação encontra-se nos próprios Evangelhos e alguns dos Pais da Igreja, como Orígenes, São Clemente de Alexandria e São Gregório de Nazianza. A concepção celta se encontra nas *tríades druídicas*, exposição da doutrina em estrofes de três versos, largamente estudadas pelos especialistas ingleses, franceses, escoceses e outros. Kardec apresenta essas duas concepções confluindo na Doutrina Espírita, e dialeticamente se fundindo na síntese superior da concepção espírita, o que as investigações científicas estão agora comprovando e referendando. Como se sabe, o princípio da reencarnação vem de

épocas imemoriais. Desenvolveu-se amplamente nas civilizações antigas, como a do Egito, as da Mesopotâmia, da Índia e da China. As tradições religiosas de Israel a registram com o nome de *ressurreição* e os judeus atuais, estudiosos de sua religião, não podem negá-la. Mas o Cristianismo herdou essa tradição e aprimorou-a, apesar de tê-la suprimido (bem como à *pneumatologia* ou manifestação mediúnica) para vê-la renascer nos tempos modernos através do Espiritismo, que Kardec apresentou como uma forma de Renascimento Cristão.

As concepções da reencarnação variaram através dos tempos e dos povos, desde a forma retroativa da Metempsicose egípcia, que Pitágoras adotou, até às formas confusas da ressurreição judaica e cristã (João Batista era Elias, Jesus um dos profetas antigos e ensinava que *é preciso nascer de novo, da carne e do espírito* – ou da água e do espírito, o que dá na mesma, pois a água era símbolo do elemento material para os antigos). Essas variações não militam contra, mas a favor do princípio da reencarnação, como realidade interpretada diversamente por diversas culturas. O que a Ciência faz agora com *Mec* (*memória extracerebral*) é o que já fez com vários outros problemas religiosos e terá de fazer com outros no futuro: racionaliza-os, integrando-os na cultura contemporânea através da pesquisa e da comprovação. O sobrenatural dá lugar ao natural. A lei da reencarnação deixa de ser um princípio abstrato e passa para o plano da realidade concreta (ou pelo menos verificável) à semelhança das leis físicas e matemáticas. Assim, o estudo e a pesquisa de *Mec* representam, sem dúvida, uma das mais recentes conquistas da atualidade no campo do Conhecimento, reintegrando esse campo na sua unidade perdida e reintegrando o espírito no quadro das realidades científicas do século.

A falta de pesquisas intensivas sobre a reencarnação, no Brasil e em toda a América de língua castelhana, decorre principalmente da falta de recursos financeiros e de pessoal habilitado. Nos Estados Unidos, como se vê pelos trabalhos ali publicados – e um dos atestados disso é o livro de Ian Stevenson – os pesquisadores são financiados por indivíduos ou instituições que lhes permitem a tranqüilidade, as condições e o tempo necessários.

Por outro lado, as condições culturais e a preparação universitária dos pesquisadores facilita a habilitação para esse campo específico e difícil de estudos e investigações. Em nossos países latino-americanos escasseiam recursos, condições e preparação.

Stevenson observou em seu livro que as condições psicológicas no Brasil são mais favoráveis do que na própria Índia, onde uma tradição espiritualista de tipo arcaico, fundamentada em pressupostos místicos e eivada de superstições, dificulta o aparecimento dos casos e mais ainda a sua pesquisa. As condições psicológicas do Brasil decorrem de sua formação cultural, na qual Stevenson destaca duas correntes importantes de contribuição, provenientes de fontes e camadas estruturalmente diversas. A primeira é a corrente africana, folclórica, representada pelas religiões primitivas trazidas até nós pelo tráfico negreiro. É a corrente do Sincretismo Religioso Afro-Brasileiro, da mistura de religiões e crenças do continente negro com o Catolicismo e as crenças indígenas de nossa terra. A segunda é a corrente filosófica francesa, que chegou bem mais tarde, somente em fins do século passado, com o Espiritismo e, portanto, com as obras de Allan Kardec. Entre esses dois extremos da estrutura cultural – o Folclore africano e a Filosofia francesa (esta particularmente em suas conseqüências religiosas) – há porém a vasta área de reação da cultura acadêmica européia, de tipo materialista, que levanta uma barreira de preconceitos contra as pesquisas parapsicológicas.

Há inegavelmente um complexo de inferioridade cultural em toda a América Latina, que não lhe permite o arejamento e a desenvoltura com que norte-americanos e europeus enfrentam o momento de transição em que nos encontramos no mundo. A evolução cultural do nosso tempo já superou, e com muita rapidez, a fase de materialismo defensivo que marcou fortemente a segunda metade do século XIX e a primeira metade do século XX. As próprias conquistas da Física abriram novas perspectivas para um renascimento espiritualista mundial. Mas os meios intelectuais – e particularmente os universitários – no Brasil e demais países do continente, não conseguiram ainda vencer a sua repugnância instintiva pelos problemas espirituais. Permanecem

fechados na casca de tatu do materialismo superado, convencidos de encontrarem-se ainda na trincheira da verdade contra a superstição, sem perceberem que a guerra já acabou e a anistia ampla se faz em todo o mundo. Encastelado assim numa posição retrógrada, o nosso intelectualismo acadêmico se vê acuado, principalmente no Brasil, pelas avalanchas de *hordas bárbaras* que aumentam sem cessar, tanto no campo da corrente africana quanto no da corrente francesa. Essa teimosia o levará fatalmente a uma derrocada semelhante à do Império Romano, mas enquanto não se der a queda da orgulhosa Roma Imperial a pesquisa de *Mec* entre nós prosseguirá em ritmo de catacumba, à luz de archotes. Esse aspecto trágico da situação cultural brasileira escapou naturalmente à observação de Stevenson.

Os casos de reencarnação no Brasil, conhecidos particularmente no meio espírita, são numerosos. Mas o interesse existente nesse e em outros meios culturais afins é esterilizado pela indiferença e pela reação dos meios universitários. Essa reação, num país de pouco desenvolvimento cultural, exerce poderosa influência, levando as próprias famílias em que ocorrem os casos de reencarnação a uma curiosa posição de ambivalência: de um lado, elas se orgulham da ocorrência, que as torna objeto de interesse especial dos meios espiritualistas; de outro lado elas se esquivam e disfarçam a situação, com o receio de serem consideradas pelos intelectuais como redutos de superstições, e também com o receio (por sinal muito humano e muito de acordo com o sentimentalismo brasileiro) de exporem os seus parentes reencarnados ao ridículo e lhes criarem situações embaraçosas no futuro. Isso particularmente nos casos de reencarnação com mudança de sexo. Mas apesar disso os ventos do mar largo, que sopram de todos os quadrantes do mundo, e o desenvolvimento cultural acelerado dos últimos anos nos levam a esperar, talvez para mais breve do que se pensa, uma mudança favorável dessa situação opaca para a transparência necessária.

Não é fácil fazer um levantamento geral dos pesquisadores atuais da reencarnação em todo o mundo. Por toda a parte eles se multiplicam sem cessar. Basta correr os olhos em algumas publicações especializadas da Europa e da América, particular-

mente o *Journal of Parapsychology*, para se ver a abundância de estudos publicados a respeito. Mas o livro de Ian Stevenson, *20 Casos Sugestivos de Reencarnação*, oferece-nos, já nos agradecimentos do autor aos que com ele colaboraram, uma lista impressionante de figuras exponenciais das Ciências contemporâneas. Na abertura de um ciclo de conferências na Biblioteca Municipal Mário de Andrade, em São Paulo, o Dr. Banerjee declarou que pôde verificar pessoalmente a existência, na Rússia, de duzentos cientistas empenhados na investigação da *memória extracerebral*. Banerjee tem estado com certa freqüência nos Estados Unidos, na URSS e no Canadá, três países em que essas pesquisas se processam com mais intensidade.

Ian Stevenson é diretor do Departamento de Psiquiatria e Neurologia da Escola de Medicina da Universidade de Virgínia, EUA. Entre os cientistas atuais citados no seu livro podemos destacar os seguintes: Dr. Karlis Osis, eminente Parapsicólogo norte-americano; Dr. Robert Laid-law, Psicólogo e Diretor do Hospital Roosevelt, de New York; Professor C. J. Ducasse, da American Society for Psychical Research; Professor Gardner Murphy, famoso Psicólogo norte-americano; Dr. J. G. Pratt, do grupo de parapsicólogos da Universidade de Duke, EUA; Professor P. Pal, do Itachuna College de Bengala Ocidental; Professor B. L. Atreya, da Universidade Hindu de Benares; Dr. Jamuna Prasad, Diretor do Gabinete de Psicologia do Ministério da Educação da Índia; Dr. William A. Coates, da Universidade do Ceilão e atualmente na Universidade de Rochester, EUA; Dr. Ananda Maitreya, da Universidade de Vidalankara, Índia; Dra. Louise Rhine, esposa e companheira de pesquisas do Dr. Joseph Banks Rhine, *Duke University*, EUA.

Mec pertence ao campo de *psigama* no quadro de classificação dos fenômenos paranormais. Sua própria natureza o inclui nesse campo, pois tratando-se de *memória* não tem nenhuma forma de manifestação exterior. Não obstante, como todos os fenômenos parapsicológicos, suas provas são sempre objetivas. Só podemos saber se estamos diante de *Mec* ou de uma fabulação inconsciente pelo confronto das lembranças do paciente com a realidade histórica e social.

9.

***Gi* – Gravação do inaudível**

As gravações do inaudível ainda não tiveram a sua classificação parapsicológica nem receberam a sua sigla. Mas depois que o Dr. Konstantin Raudive apresentou ao III Congresso Internacional de Parapsicologia de Puchberg seu relatório sobre 30.000 das 80.000 gravações que havia obtido, fazendo-o na qualidade de psicólogo e parapsicólogo, o assunto passou ao campo parapsicológico e está sendo submetido a pesquisas intensivas. Não há mais dúvida quanto à realidade do fenômeno nem quanto à sua qualificação como paranormal. As vozes gravadas provêm de entidades espirituais, muitas delas identificáveis. Foi o que convenceu Raudive. A primeira voz que ouviu, dirigindo-se a ele e chamando-o pelo nome, foi de Margarete, moça que fora empregada de sua mãe por muitos anos e havia morrido há pouco tempo.

Na verdade, a única novidade desse fenômeno é o fato de se gravarem as vozes em fitas magnéticas de gravadores comuns. Para os cientistas esse fato é importante: dá-lhes maior segurança na pesquisa e reveste o seu trabalho de um aspecto novo, atualizado, segundo os moldes da era tecnológica. Mas para os espíritas a gravação de vozes tem seus antecedentes nos fenômenos de *voz direta* e de *escrita direta*. Kardec, servindo-se da mediunidade do jovem Didier, filho do seu editor, obteve vários fenômenos de *escrita direta* e até mesmo de impressão tipográfica por esse processo. Essas experiências foram relatadas na *Revista Espírita* e hoje podem ser lidas na nossa língua, pois a coleção da Revista foi traduzida e editada em São Paulo. Vários cientistas obtiveram resultados semelhantes. São das mais famosas as experiências do Professor Frederico Zöllner, da Universidade de Leipzig, na Alemanha. Era Catedrático de Física e suas pesquisas foram relatadas no livro *Física Transcendental*. Há uma edição paulista com o título de *Provas Científicas da Sobrevivência*, lançada pela EDICEL.

Os fenômenos de *voz direta* e de *escrita direta* incluem-se na classificação espírita de *efeitos físicos*, que corresponde à classi-

ficação parapsicológica de *psikapa*. Decorrem do princípio de *ação da mente sobre a matéria*. E dependem naturalmente da mediunidade, ou seja, das *funções psi* de *sujeitos* paranormais. A fita magnética não exerce nenhuma influência especial no caso. Sua função é a mesma do papel ou da lousa: receber passivamente a influência da voz, que nela se grava como a de qualquer pessoa viva. A aparelhagem técnica moderna substitui o papel e a lousa. Pode-se alegar que a voz gravada é inaudível. Ninguém a ouve no momento da gravação. Mas o mesmo se dá com a *escrita direta*. Usa-se o papel ou a lousa sem necessidade de lápis ou caneta. Ninguém vê os elementos invisíveis que vão grafar as palavras. A tinta do lápis ou da pena só aparece no ato mesmo da escrita. No caso da impressão tipográfica isso é mais tocante. Ninguém vê os tipos, nem a máquina de impressão, nem a tinta usada, nem ouve o barulho da máquina, e não obstante a impressão sai tão perfeita que se pode notar o rebaixo dos tipos no papel. A mensagem impressa não é um texto formal, mas um bilhete, um aviso, uma carta. E o fenômeno pode ser repetido à vontade.

Assim, a gravação do inaudível confirma a tese de que as comunicações espirituais são intrinsecamente de natureza psíquica. Segundo Kardec elas não dispensam o médium, pois só este pode fornecer às entidades extracorpóreas os elementos vitais necessários. Os gravadores registram as vozes inaudíveis quando o pesquisador é médium ou dispõe de médiuns ao seu serviço. O pesquisador italiano Dr. Giuseppe Crosa, neuropsiquiatra de Gênova, tem mediunidade e grava músicas e vozes com facilidade, mesmo quando não está realizando pesquisas. Outros pesquisadores nada conseguem se não dispuserem de médiuns ao lado. Isso parece liquidar o sonho das *máquinas-mediúnicas*, destinadas a substituir a mediunidade humana. Não há máquina que possa substituir o homem, porque o destino das máquinas é servir ao homem.

O descobridor do fenômeno de gravação do inaudível foi o pintor estoniano Friedrich Jürgenson, que durante a última guerra mundial se refugiara na Suécia. Morando numa casa de campo em Mölnbo, próximo a Estocolmo, tentava gravar o canto

dos pássaros para fazer a trilha sonora de um filme. Precisamente às 16 horas e 5 minutos do dia 12 de junho de 1959 (contava então 50 anos de idade) instalou o seu gravador numa tenda armada no bosque e pôs o microfone para fora. Um pássaro cantava. Quando parou, Jürgenson quis ouvir a gravação. Estava perfeita, mas além do canto ouviam-se rumores estranhos de vozes humanas à distância e acordes musicais. Estava descoberto o novo fenômeno, embora Jürgenson, a princípio, não compreendesse do que se tratava.

Coube ao Dr. Raudive, alemão que também se refugiara na Suécia durante a guerra, esclarecer o problema de Jürgenson e colocar cientificamente a questão no campo da Parapsicologia. Jürgenson conta em seu livro *Sprechfunk Mit Westorbenen*, já editado em português com o título de *Telefone para o Além* (Editora Civilização Brasileira) a decepção que sofreu com alguns cientistas, entre os quais o Professor Olander e elementos da Faculdade de Parapsicologia da Universidade de Estocolmo. Björkhem, famoso investigador sueco, professor universitário, foi o único a levar a questão a sério, mas já no fim da vida, sem tempo nem forças para se dedicar ao assunto. Jürgenson havia já desistido de contatos com os cientistas quando de surpresa foi bater-lhe à porta o Professor Konstantin Raudive, formado em Psicologia e Filosofia pelas Universidades de Paris, Upsala e Edimburgo. Um homem arejado, de profundos conhecimentos e com experiência parapsicológica. Foi ele o novo Zöllner da pesquisa psíquica alemã, que em breve se colocou em evidência mundial com suas pesquisas metódicas e suas irrefutáveis gravações do inaudível.

O famoso parapsicólogo alemão Hans Bender, de Friburgo, interessou-se também pelas gravações do inaudível. O médico alemão Felix Kersten, que durante a segunda guerra mundial exerceu grande influência sobre Himmler, também se interessou. O Rev. Leo Schmidt, da Igreja Católica da Suíça, formado em Ciências pela Universidade de Friburgo, destacou-se logo como um dos maiores interessados na pesquisa do fenômeno. O médico Felix Kersten, autor do livro *Conversas com Himmler*, comunicou-se com Jürgenson após a morte, revelando-lhe que morrera

de um colapso cardíaco. O Dr. Kjell Stenson, Chefe da Técnica de Som da Radiodifusão Sueca, interessou-se pelas experiências e divulgou-as, sustentando sua legitimidade. A participação dos técnicos de rádio e TV no controle e aprimoramento das pesquisas tem sido intensa.

As pesquisas de Raudive em Bad Krozingen, Alemanha Ocidental, atraíram numerosos cientistas internacionais. Jürgenson, naturalmente entusiasmado com a sua descoberta, insiste em afirmar que as gravações do inaudível constituem “os primeiros fenômenos paranormais a serem pesquisados por meios fisiotécnicos na história da humanidade”. Um perdoável exagero, pois as pesquisas de Crookes, Zöllner, Richet e outros no passado, e principalmente as pesquisas parapsicológicas atuais, na América e na Europa, bem como na Rússia, têm sido feitas com a utilização desses meios, com o emprego de aparelhagens especialmente construídas. Mas, como acentuamos, os aparelhos, por mais aprimorados que sejam, nunca dispensaram a presença do médium ou sujeito paranormal. São apenas instrumentos destinados a dar maior eficiência às pesquisas e garantir maior exatidão no controle dos resultados.

Maior razão teriam os físicos e biólogos soviéticos ao reclamar prioridade na obtenção de provas concretas da existência do espírito, o que evidentemente não fazem. Não por modéstia, mas porque não podem admitir que as suas provas se refiram ao espírito. Os dogmas fundamentais do Marxismo, que constituem a interpretação materialista do Universo – negando estranhamente a própria dialética em que pretendem firmar-se – excluíram o espírito da realidade cósmica. A dialética hegeliana estava em pé, encarando o futuro, e o Marxismo a virou de cabeça para baixo. Duro trabalho vão ter agora os soviéticos para reerguê-la de novo.

A Física descobre a fonte do Paranormal

A descoberta progressiva da antimatéria, a partir dos idos de 1930 – justamente quando nascia a Parapsicologia na Universidade de Duke – levou os físicos de todo o mundo à descoberta do espírito. Foi precisamente para aprofundar o conhecimento da

antimatéria que o casal Kirlian conseguiu inventar uma câmara fotográfica de alta frequência – ou melhor, que opera sobre um campo imantado de energia de alta frequência – para fotografar além da matéria. A câmara kirlian realizou prodígios. Dotada de aparelhagem ótica, permitiu aos fotógrafos observarem os aspectos surpreendentes de uma nova realidade. A surpresa maior foi a descoberta de que as coisas e os seres não possuem apenas a estrutura material que conhecemos, mas uma estrutura interna e inteiramente desconhecida, de natureza energética. Essa estrutura não é opaca e sem luz, como as da matéria, mas transparente e luminosa. A conclusão preliminar a que chegaram é a de que essa estrutura energética constitui o fundamento, o molde e a fonte vital dos organismos materiais.

“Trata-se – explicaram – de um verdadeiro organismo totalmente unificado, que age como unidade e produz o seu próprio campo eletromagnético, base dos campos biológicos.” Bastaria isso para dar-nos a confirmação da intuição genial de Claude Bernard, o pai da Medicina moderna, quando sustentou a necessidade de um modelo energético para manter a estrutura orgânica do corpo humano, com a especificação estrutural das células ante as mutações e renovações constantes de todo o organismo no decorrer da existência.

Mas o casal Kirlian foi além, ao verificar, em suas experiências, que o brilho do corpo energético não é constante nos seres vivos, revelando maior ou menor intensidade, e que essas variações indicam modificações dos *estados interiores* dos seres, sejam eles vegetais, animais ou humanos. Chegaram mesmo a afirmar que as atividades psíquicas do homem são anotadas no corpo energético em forma de hieróglifos luminosos e coloridos. “Conseguimos inventar – dizem os Kirlian – um aparelho que pode grafar esses hieróglifos, mas precisamos de auxílio para a sua interpretação.” Verificaram ainda que o estado emocional dos pesquisadores influi no objeto a ser fotografado, produzindo essas alterações. Essa descoberta, puramente ocasional, abre uma nova possibilidade no campo da comunicação e confirma os resultados das pesquisas parapsicológicas no tocante às influências telepáticas reciprocamente exercidas entre os homens.

Não há mistérios na existência desses hieróglifos luminosos e coloridos, nem na possibilidade de grafá-los para interpretações posteriores. Esse processo corresponde de certa maneira à gravação das ondas eletromagnéticas do cérebro no eletroencefalograma. Teremos logo mais de construir aparelhos captadores das ondas luminosas do corpo energético para o estudo das condições de saúde. Por outro lado, essa bioluminescência não é de natureza elétrica ou eletromagnética, pertencendo a uma classe de energia ainda desconhecida. Esta última conclusão lembra a de Vassiliev quando afirmou que o pensamento é “uma energia física de tipo ainda não conhecido, produzida pela forma mais evoluída de matéria que constitui o córtex cerebral”.

O relacionamento dessas descobertas com a Medicina se acentua quando as experiências soviéticas revelam que as doenças orgânicas podem ser previstas pelo exame da luminescência do corpo energético. Investigações com vegetais e animais demonstraram essa possibilidade. Alterações mórbidas das plantas começam nas modificações de brilho e coloração de sua estrutura energética, o mesmo se dando no tocante aos animais. Scheila Ostrander e Lyn Schroeder consideram em seu livro *Psychic Discoveries Behind the Iron Curtin (Descobertas Psíquicas por trás da Cortina de Ferro*, Edição Prentice-Hall, New York) que as conseqüências dessa descoberta do corpo energético atingirão quase todas, senão todas as áreas do nosso conhecimento atual. Podemos avançar um pouco mais, admitindo que se trata de uma verdadeira revolução copérnica. Essas duas pesquisadoras universitárias norte-americanas foram à Rússia e entrevistaram os cientistas soviéticos. As declarações dos cientistas equivalem a revelações proféticas, lembram as visões bíblicas do mundo espiritual e particularmente as referências do apóstolo Paulo ao corpo espiritual. Eufóricos, como que se libertando inesperadamente da asfixia materialista, os cientistas afirmam que *o homem não é apenas uma máquina orgânica*. Os tomés do materialismo científico tocaram as chagas do Cristo e estão ao mesmo tempo surpresos e deslumbrados.

O pedido de ajuda do casal Kirlian foi atendido. Biólogos, físicos, biofísicos e bioquímicos soviéticos reuniram-se em Alma

Ata, centro de pesquisas espaciais da URSS, e realizaram pesquisas intensivas com a câmara kirlian. Em 1968 uma comissão designada oficialmente para examinar o assunto, composta de elementos exponenciais das ciências, iniciou trabalhos de investigação planejada no mesmo local, chegando a conclusões definitivas sobre a realidade do corpo energético, a que deram o nome de corpo bioplasmático ou corpo bioplástico. Essa comissão era integrada pelos Profs. Grischenko, Gibadulin, Vorobev, Inyushin, Shouiski e Fedorova. A câmara kirlian teve a aprovação oficial da Academia de Ciências e passou a ser considerada como o mais avançado instrumento de pesquisas científicas da União Soviética. Mas, ao mesmo tempo, abriu-se uma nova frente de luta para o materialismo oficial do Estado. Os cientistas soviéticos estão convocados para a batalha impossível de demonstrar que o corpo bioplástico não passa de um organismo de plasma biológico, talvez de um plasma constituído de partículas ainda desconhecidas.

A propósito, os cientistas definiram inicialmente o corpo bioplástico com as seguintes palavras: “É uma espécie de constelação do tipo elementar, que se aproxima à natureza do plasma, constituída de elétrons ionizados e parece que excitados, de prótons e provavelmente de outras partículas atômicas”. Essa tentativa de explicação lembra a teoria de Paul Dirac, físico inglês, que em 1932 anunciou a existência de um oceano de elétrons livres que constituiria a essência da realidade. Tudo o que conhecemos como real, dizia Dirac, não é mais do que uma película exterior, muito tênue, ocultando-nos o real verdadeiro. O Professor Sonioyukovitch, da Universidade de Moscou, propõe a utilização da antimatéria como energia propulsora de naves espaciais. O elemento propulsor seria a luz ou essa luminescência do corpo bioplástico revelado pela câmara kirlian. E o Professor Lev Landau, Prêmio Nobel de Física, também russo, propõe uma nova Física em face da descoberta da antimatéria. Como se vê, a revolução copérnica da Física está em marcha e o seu ponto culminante é a descoberta do corpo bioplástico.

No tocante à Parapsicologia, essa descoberta vem revelar a fonte dos fenômenos paranormais. O elemento extrafísico do

homem, proposto pelo Professor Rhine, está confirmado pelos físicos e biólogos soviéticos. Isso é tanto mais impressionante quanto foram os parapsicólogos russos, tendo à frente Vassiliev, os mais ardorosos impugnadores da teoria de Rhine. Convém lembrar, a bem da verdade, que Kardec foi o primeiro a sustentar a existência do corpo energético, dando-lhe a designação técnica de *perispírito*. Esse perispírito ou corpo espiritual do homem também existiria nos objetos e nos seres vegetais e animais. Kardec afirmou a natureza mista desse corpo, que seria formado pelo que ele chamou de *fluido universal*, uma espécie de plasma cósmico, substância de tudo quanto existe no Universo, constituído de partículas materiais e não-materiais ou espirituais. Todos os fenômenos mediúnicos – hoje chamados paranormais – procederiam desse organismo que, segundo o Espiritismo, liga o espírito ao corpo.

O avanço da Parapsicologia na descoberta de novas dimensões da realidade – como acentuamos desde a primeira edição deste livro – tem sido amparado pelo avanço da Física. Mais uma vez podemos afirmar que as perspectivas apontadas na segunda parte deste volume estão se confirmando mais rapidamente do que pensávamos. Já agora essas perspectivas, criticadas por alguns estudiosos do assunto como exageros de imaginação, recebem a inesperada sanção dos físicos. Nenhuma das áreas do conhecimento escapará ao impacto das descobertas parapsicológicas, como compreenderam Ostrander e Schroeder. Dentro em pouco veremos o problema do espírito voltar à sua antiga posição: será o problema central das Ciências. E com isso a unidade do Conhecimento estará restabelecida em torno do homem. Porque é ele, como Ser, o problema essencial da Filosofia e como alma o problema central da Religião. *Ser, espírito e alma*, o homem assim encarado, em seus três aspectos, pelas três formas dominadoras do campo do Conhecimento, será realmente a imagem de Deus na Terra.

Mas como, para ser a imagem digna de Deus, o homem deve também ser imortal, os cientistas soviéticos resolveram aplicar a câmara kirlian numa série de pesquisas sobre o fenômeno da morte. O materialismo estaria salvo se as experiências demons-

trassem que o corpo bioplástico morre com o corpo biológico. Observando os momentos finais de moribundos e documentando essas observações com fotografias em seqüência, verificaram que há uma dispersão progressiva de pontos luminosos, como se o corpo bioplástico se desprendesse do corpo físico num fluxo crescente de partículas. Isso tanto no homem como no animal. À proporção em que as partículas se perdem no ar o corpo material perde toda a luminescência, tornando-se opaco. Só então o corpo do animal e do homem se cadaverizam. Ao mesmo tempo, detectores de vibrações biológicas continuam a captar vibrações de campos de força vital à distância do cadáver.

Esse curioso processo de desprendimento das partículas bioplásticas coincide perfeitamente com numerosas observações espíritas, feitas por videntes, junto a leitos mortuários, e com explicações mediúnicas dadas por entidades espirituais. Léon Denis explica em seu livro *Depois da Morte*: “A separação é quase sempre lenta, o desprendimento da alma se opera gradualmente. Começa algumas vezes muito tempo antes da morte e se completa com a ruptura dos últimos laços fluídicos que unem o corpo ao espírito”. Denis foi discípulo e continuador de Kardec. Em *O Livro dos Espíritos* Kardec explica: “A observação prova que no instante da morte o desprendimento do espírito não se completa subitamente; ele se realiza gradualmente, com lentidão variável, segundo os indivíduos”. Nas descrições dos videntes é comum a referência a um desprendimento gradual de elementos do perispírito (ou corpo bioplástico) que vão se juntando aos poucos a certa distância do cadáver.

Conicionados pela concepção materialista, os cientistas soviéticos, ao verificarem esse desprendimento de partículas, perguntam se não é o corpo bioplástico que também está se desintegrando. Falta-lhes o conhecimento das pesquisas psíquicas intensivas sobre o momento do desenlace. Se tivessem esse conhecimento ficariam assombrados ao ver nas suas experiências a confirmação em minúcias de observações já feitas há mais de um século. A captação de campos de força vital à distância do cadáver é suficiente para confirmar o afastamento do corpo bioplástico, que em geral repousa em fase de refazimento.

Tudo quanto acabamos de expor justifica a designação de corpo bioplástico dada pelos físicos soviéticos ao perispírito. O episódio da morte mostra que a primeira parte da expressão, o prefixo *bio*, que quer dizer vida, corresponde precisamente à função vital desse corpo. O sufixo *plasmático*, ou sua simplificação *plasma*, refere-se à função plasmadora desse corpo energético. As experiências soviéticas justificaram amplamente essa parte. Uma delas, relatada no livro das pesquisadoras norte-americanas, refere-se ao enxerto de um braço embrionário no lugar destinado à perna de um animal em desenvolvimento. O braço desenvolveu-se como perna, demonstrando que a influência do campo organizador (ou *plasmador*) é capaz de adaptar a estrutura estranha às exigências do campo. É evidente que a designação de *corpo bioplasmático*, geralmente simplificada para *corpo bioplástico*, resultou precisamente das séries de experiências realizadas pelos cientistas para verificar as funções específicas do corpo energético. Essas funções fundamentais correspondem exatamente às do perispírito na teoria espírita.

10.

Pesquisas e controle

Como se realiza a investigação experimental em Parapsicologia? E qual o procedimento seguido para o controle estatístico dos resultados? Essas são duas perguntas que ocorrem a todo estudante, depois dos primeiros contatos com a nova disciplina científica. Em linhas gerais, ambas estão respondidas desde que o estudante tomou conhecimento da realidade paranormal, porque a Parapsicologia, como todos sabem, é um ramo das Ciências que teve, como primeira tarefa, provar a *existência do seu objeto*. Mas as linhas gerais não satisfazem à curiosidade do estudante, tanto mais quando ele tem a pretensão de, mais hoje, mais amanhã, dedicar-se à pesquisa, participar de algumas experiências ou pelo menos poder explicar como elas se processam.

Antes de tudo e para fazermos justiça ao grande injustiçado que tem sido Charles Richet, autor do *Tratado de Metapsíquica*, Prêmio Nobel de Fisiologia e Medicina em 1913, convém lembrar que foi precisamente ele, o campeão do método qualitativo nas experimentações do paranormal, o primeiro a aplicar também o método quantitativo. Isso ocorreu em 1884. Richet realizou 2.997 experiências com cartas de baralho, obtendo 789 resultados positivos, quando as probabilidades eram de 732. A diferença não foi, como se costuma dizer, significativa. Muitas críticas foram feitas ao seu procedimento. Apesar disso, Richet fez observações interessantes que são válidas até hoje, como a referente à existência de uma influência da fadiga na *percepção extra-sensorial*.

O trabalho de Richet a respeito foi publicado na *Revista Filosófica (Revue Philosophique)*, tomo XVIII, pág. 609, de dezembro de 1884. Intitula-se: “A sugestão mental e o cálculo de probabilidades”. Curioso notar, de passagem, que a denominação dada por Richet ao fenômeno reapareceu em nossos dias numa obra importante do Professor Vassiliev, Catedrático também de Fisiologia da Universidade de Leningrado, sobre as suas experiências telepáticas. Depois de Richet coube ao físico inglês Sir

Oliver Lodge sugerir um processo matemático para avaliação dos resultados de experiências telepáticas, feitas também com cartas de baralho, em 1885.

Mas o cálculo de probabilidades, que é elemento fundamental do controle estatístico das experiências, está vinculado historicamente às cartas de baralho e ao jogo de dados. Galileu Galilei, Pierre Fermat e Blaise Pascal, que criaram essa forma de cálculo, utilizaram-se dos dados como excelente material para suas experiências. Assim como no jogo de dados, também no referente ao baralho, o cálculo de probabilidades serviu para a explicação de muitos problemas aparentemente ocasionais ou casuais dos resultados das partidas. E isso de tal maneira que, bem equacionada a situação, um especialista poderá determinar as razões matemáticas da ruína de um jogador obstinado. Veja-se, a respeito, as explicações de Émile Borel em *Traité du Calcul des Probabilités et ses Applications*.

Esses antecedentes históricos, aparentemente sem importância, mostram que o cálculo de probabilidades estava, por assim dizer, predestinado a servir para a comprovação dos fenômenos paranormais. Por outro lado explicam a razão da sua utilização em experiências elaboradas com dados e cartas de baralho. Como sabemos, Rhine e sua equipe, na *Duke University*, racionalizaram a aplicação desses instrumentos através da criação das chamadas cartas Zener e dos dados especiais para fins experimentais. A propósito, convém lembrar que Fermat e Pascal consideravam os dados, segundo Borel, desde que bem fabricados, como *cubos perfeitos*, constituídos de *substâncias homogêneas* em que *os sinais numéricos das faces não comprometem, por sua leveza, a simetria necessária*. Esta observação responde, com antecedência de três séculos – pois Fermat e Pascal realizaram seus trabalhos na primeira metade do século dezessete –, a algumas objeções que ainda hoje se pretendem levantar à aplicação dos dados. Tanto mais que os dados de Rhine são especialmente preparados para as experiências.

Outra objeção a que Borel responde com absoluta segurança é a de que o cálculo de probabilidades é puramente abstrato e pode provar qualquer coisa que o especialista desejar. Como adverte

Amadou, essa objeção revela apenas que o seu formulador ignora por completo o que se chama *cálculo de probabilidades*. Borel recorre a um exemplo do matemático inglês Lord Keynes para mostrar que o referido cálculo, como todos os demais, sendo de natureza subjetiva apresenta resultados objetivos em suas aplicações a casos concretos. Por outro lado, Keynes demonstra que os erros no cálculo de probabilidades decorrem da falta de conhecimento exato, pelo calculador, do caso concreto a que o aplica. E Borel acrescenta que a probabilidade, em certos casos, pode igualar à unidade, equivalente portanto à certeza. *O valor da probabilidade é relativo à exatidão dos dados postos em equação.*

Por isso mesmo as cartas de baralho aplicadas às experiências de Parapsicologia, como vimos nos casos de Zener e de Soal (cartas de cinco figuras geométricas e de cinco figuras de animais, respectivamente) reduzem ao mínimo os números a serem apreciados e estabelecem com absoluta segurança e clareza a probabilidade de acerto por acaso. E por isso também os dados de Rhine, especialmente fabricados para a experimentação científica, lançados por meio mecânico e tendo os resultados de cada jogo registrados fotograficamente, excluem as dificuldades habituais do cálculo, dando-lhe a segurança requerida para a exata verificação dos resultados da experiência. Aliás, como observam Rhine, Soal, Carington e Amadou, o controle estatístico demonstra unicamente que os fenômenos estudados não podem ser atribuídos ao acaso. O problema da natureza dos fenômenos, de suas causas reais, depende do processo científico de exclusão de hipóteses.

Esclarecidos estes aspectos fundamentais da investigação experimental em Parapsicologia, podemos passar ao exame de alguns casos concretos. Começamos pelo mais discutido dos fenômenos: o de psicocinesia. O próprio Rhine nos ofereceu em *O Alcance da Mente* vários exemplos de experiências com dados, realizadas a partir de 1934. A escolha dos dados não foi preconcebida. Ocorreu por acaso. Um jovem jogador de dados chamou a atenção de Rhine, no próprio laboratório, para a crença de muitas pessoas de que podem agir mentalmente sobre os

resultados. “Vimos – escreveu Rhine – que o lançamento de dados era o procedimento ideal indicado para os ensaios de laboratório sobre a hipótese da psicocinesia”. Uma das razões principais era o interesse dos *sujets*, já naturalmente assegurado. A outra era a aplicabilidade das diversas formas de controle experimental.

Rhine ofereceu-nos o seguinte exemplo de uma série típica de experiência com dados. Explicava-se ao *sujet* o objetivo da experiência. Dava-se-lhe um copo e um par de dados. Escolhia-se, por exemplo, um resultado a ser alcançado: o número 7. Pedia-se ao *sujet* que sacudisse o copo e lançasse os dados sobre uma mesa com toalha. Os resultados eram proclamados em voz alta, depois de atentamente verificados por duas ou mais pessoas previamente escaladas, e o controlador, que podia ser o próprio experimentador, os registrava. Todos os acertos eram assinalados por um círculo em redor. As combinações 6 mais 1, 5 mais 2, 4 mais 3, eram as únicas possíveis, como se sabe. Isso facilitava a verificação dos resultados. Cada série se constituía de 12 lançamentos dos dados. Depois de cada série, os acertos eram computados e fazia-se o cálculo de probabilidades.

Este é apenas um exemplo de experiência rudimentar. Posteriormente os lançamentos foram se complicando. Fizeram-se experiências planejadas com minúcias, aplicando-se maior número de dados. Mais tarde, como sabemos, foram feitos dados especiais com materiais diversos, como madeira, chumbo, aço, materiais plásticos, etc., e inventados aparelhos especiais para o lançamento. Por fim aplicou-se a máquina elétrica, dotada de controle fotográfico dos resultados, jogando-se com grande número de dados. Fazem-se experiências com sessenta e mais dados, objetivando-se os mais variados resultados. Há também as experiências de localização, determinando-se mentalmente que os dados sejam lançados de um lado ou de outro da mesa, quando a máquina só poderia lançá-los na parte central.

Dado este exemplo simples, que pela sua própria simplicidade revela o mecanismo da experiência de psicocinesia com dados, passemos a um caso concreto de *percepção extra-sensorial*. Tomamos um caso de investigação com as cartas

Zener realizado por Naum Kreiman e Dora Ivnick, relatado por ambos no n° 3, fevereiro e março de 1964, volume primeiro dos “Cuadernos de Parapsicologia”, de Buenos Aires. Foram realizadas duas experiências: uma de 50 jogos, em sete sessões, com 6 e 8 jogos por sessão; e outra de 40 jogos, em cinco sessões, com 8 jogos por sessão. Cada jogo consta das retiradas de cartas de um maço de 25. Assim, uma sessão com 8 jogos é aquela em que se utiliza oito vezes o maço.

Em setembro de 1963 os experimentadores conheceram a Srta. I. F., que lhes contou haver acertado numerosas vezes em números de rifa e que geralmente predizia a data de recepção de correspondência de seus amigos e parentes. Convidada a realizar experiências com as cartas Zener, aceitou. Os experimentadores tiveram o cuidado de não utilizá-la apenas como sujeito, para não coagi-la, submetendo-a a uma situação de cobaia. Dessa maneira a Srta. I. F. agiu também como experimentadora. Essa precaução é de grande valor nas experiências e concorda com as observações de Soal quanto à necessidade de não exercer nenhuma forma de constrangimento sobre o sujeito.

Nas duas experiências foi empregado o sistema do *maço cerrado*, embaralhado ao acaso e cortado sem que o sujeito o veja. O *maço cerrado* é um maço compacto de 25 cartas Zener colocado de face voltada para baixo sobre a mesa e tendo o dorso coberto por cartão ou papel branco. O sujeito deve adivinhar as cartas em sua ordem no maço, começando pela de cima ou pela de baixo. Nos primeiros jogos, os resultados favoreciam a posição + 1, ou seja, o sujeito percebia a carta seguinte, e não a que devia perceber. Por sinal que esses resultados estavam de acordo com a sua informação de que acertava em números de rifa e previa a chegada de correspondência. A própria Srta. I. F. declarou: “O passado não me interessa, só me interessa o futuro.” Mas, na quarta sessão, comentando os resultados referentes à carta 0, que é a carta a ser adivinhada, disse: “No começo não acerto muito, preciso *esquentar*, porque os meus maiores acertos se verificam nos últimos jogos de cada sessão.” Na sexta sessão, declarou que os seus maiores acertos se davam através de respos-

tas espontâneas. Em todas as sessões houve o cuidado de evitar o cansaço do sujeito.

Vejam os resultados da quarta sessão, realizada a 26 de novembro de 63: a Srta. I. F. acertou 37 vezes na carta 1. Isso, em oito jogos. Resultado demasiado variável, mas significativo quanto à possibilidade de acertos. Os resultados totais da experiência foram os seguintes: carta 0, obtidos 257 acertos, com apenas 7 além dos previstos como prováveis por acaso; carta + 1, 234 acertos, com menos 6 do que os previstos e portanto aquém dos prováveis acasos; carta - 1, 209 acertos, com menos 31 do que os previstos por acaso.

A avaliação matemática destes resultados escapa à compreensão dos leigos no assunto, pois exige a aplicação da chamada *hipótese binômica*, para cálculo dos desvios de percepção. Nos resultados acima, o chamado *desvio standard*, designado pelas iniciais DS, acusou 14,14 para as cartas 0; 13,85 para as cartas + 1; e 13,85 para as cartas - 1. A *hipótese binômica* (tendo por base a fórmula de Bernoulli) acusa a *razão crítica*, designada pelas iniciais RC, de 2,23. Este resultado acusa um *desvio negativo*, para carta - 1, que, segundo os experimentadores “coincide de certa maneira com as referências do sujeito sobre o passado e o futuro.”

Convém esclarecer que o *desvio negativo* é o desvio inferior aos resultados prováveis por acaso. É por isso que esse desvio concordava com a declaração da Srta. I. F. de que o passado não lhe interessava, mas somente o futuro. O segundo experimento, de 40 jogos, realizado de acordo com as regras do anterior, não deu melhores resultados. A Srta. I. F. teve a oportunidade de dar, ao lado das respostas espontâneas em voz alta e anotadas pelo experimentador, respostas não-espontâneas que ela mesma registrava numa folha de papel aparte, *sem a intenção de coincidir com a carta objetivo*. Todos os resultados desse experimento não excederam as probabilidades do acaso, de maneira que não houve maior interesse.

Como se vê, a técnica das experiências é relativamente fácil e pode variar de acordo com as circunstâncias e os objetivos a atingir. É necessário, porém, que cada experiência seja bem

planejada, em seus mínimos detalhes. No caso que examinamos o *sujet* foi colocado numa ponta da mesa e o operador na outra ponta. Entre os dois havia uma divisão de madeira, que não permitia ao *sujet* ver o operador. Além disso, o maço de cartas estava *cerrado*, ou seja, empilhado, de maneira que ninguém conhecia a ordem das cartas. Não era uma experiência de telepatia, mas de clarividência. O operador indicava por onde a percipiente devia começar, se pela carta de baixo ou de cima, e esta começava a responder. O operador anotava as respostas. Os resultados eram conhecidos depois de cada jogo.

Devemos deixar bem clara a estrutura da experiência, que pode ser dada nos seguintes termos: cada experiência constitui-se de jogos, sendo para cada jogo o uso total de 25 cartas; cada jogo, por sua vez, constitui-se de cinco ensaios, que são as cinco cartas tiradas sucessivamente, ou apenas percebidas no *maço cerrado*. O número de jogos depende do plano elaborado pelo experimentador. Como as figuras do baralho Zener ou do baralho Soal são apenas cinco, a probabilidade de acertar, em cada ensaio, por acaso, é apenas uma. O desvio é a quantidade de acertos a mais ou a menos que a probabilidade de acasos. Assim, quando um percipiente acerta num jogo 20 vezes, o que já aconteceu em diversas ocasiões, o *desvio positivo* é 15, pois dos vinte acertos devemos eliminar os cinco do acaso provável. Quando, em vez de acertar tanto, o percipiente acerta apenas 4 vezes, há um *desvio negativo* de 1.

O *desvio standard* é uma forma matemática de desvio que ocorre de maneira progressiva. Num jogo de cinco ensaios, com 15 acertos pelo percipiente, temos o *desvio positivo* de 10 e o *desvio standard* de 2. Dividindo o primeiro pelo segundo, temos a *razão crítica* de 5. A fórmula matemática do *desvio standard* indica que esse desvio aumenta na proporção da raiz-quadrada do número de ensaios. A probabilidade da ocorrência de acertos por acaso em grandes experiências implica o aparecimento da *razão crítica* por acaso. Existe uma tabela especial com os valores dessa razão que permite encontrar prontamente a probabilidade de acaso sem necessidade de grandes cálculos.

A *razão crítica*, estatisticamente chamada *valor t*, é a diferença entre o desvio verificado, ou seja, entre o número de acertos e o *desvio standard*, ou seja, os resultados previstos, que em português podemos chamar *desvio tipo*. Na tábua ou tabela da razão crítica o valor 5, que consideramos acima num jogo de cinco ensaios, indica uma probabilidade por acaso de apenas 1 em 3 milhões.

Como se vê, o controle estatístico da investigação experimental em Parapsicologia requer conhecimentos especializados. O método está hoje completamente desenvolvido e a sua aplicação aos resultados das experiências assegurou a plena validade das mesmas do ponto de vista das exigências científicas. Desde que as experiências sejam planejadas e executadas com o necessário rigor e o tratamento estatístico procedido por especialistas, como ocorre em todos os grandes centros de pesquisa, *os resultados obtidos não podem deixar a menor dúvida*. Essa a razão porque a Parapsicologia é hoje uma disciplina científica positiva, admitida e exercida em todos os grandes centros universitários.

O Professor José Fernandes, Catedrático jubilado de Física das Universidades de Buenos Aires e La Plata, parapsicólogo de renome mundial, informa em seu livro *Parapsicologia Experimental* que nas experiências com o sensitivo Ronald W. na Sociedade Argentina de Parapsicologia, verificou-se por várias vezes o resultado de 100%, ou seja, 25 acertos em cada jogo de 25 cartas. Casos como esses, também verificados na Europa e nos EUA, dão a esperança de grande certeza em experiências bem realizadas, em condições adequadas. Com isso, temos também a possibilidade de controle das *funções psi*.

No tocante a esse controle é, porém, conveniente não alimentarmos ilusões. As *funções psi* decorrem de processos bastante sutis de percepção cortical em condições psicofisiológicas apropriadas. Essas condições não correspondem às situações habituais dos *sujets* na vida cotidiana. É necessário desenvolver nestes o processo de adaptação a essas condições, para que as *funções psi* sejam exercidas com segurança. Acreditamos que as possibilidades de generalização do uso das *funções psi* dependam das condições gerais de vida e cultura numa civilização menos

conflitiva e agressiva do que a nossa. Em suma: trata-se de possibilidade para o futuro.

11.

Hiperestesia e hipermnesia

Há pessoas que se perdem facilmente no caminho por falta de senso de orientação. Assim, há estudiosos, pesquisadores e expositores de Parapsicologia que facilmente se perdem nos seus trabalhos por falta do mesmo senso. Mas há também os que se fazem de perdidos por mera conveniência. É o caso dos sacerdotes hipnotizadores e malabaristas que tudo fazem para confundir os leigos e aturdir o povo, com o objetivo único de defender as suas posições religiosas, ameaçadas pela evolução das Ciências psicológicas. O outro caso, o das pessoas que de boa-fé se extraviam no caminho, pode ser explicado por uma imagem de Rhine: são exploradores que se esquecem do largo mar, entretidos com os seixos da praia.

Os fenômenos de hiperestesia e de hipermnesia têm servido para muitas confusões teóricas em Parapsicologia. O Padre Oscar Gonzalez Quevedo S. J., em seu livro *A Face Oculta da Mente*, deu grande ênfase aos casos de hiperestesia para acentuar que os fenômenos de *percepção extra-sensorial* podem ser puramente fisiológicos, e portanto sensoriais. Antes dele, centenas de pesquisadores e estudiosos do passado, particularmente na fase metapsíquica, firmaram os pés nesse mesmo terreno e no da hipermnesia, com o mesmo fim, mas com a diferença de serem mais coerentes, pois eram materialistas. Todo o esforço do P. Quevedo se concentra na tentativa de explicação fisiológica dos fenômenos paranormais. Isso o coloca ao lado das correntes materialistas da Parapsicologia e em especial da corrente soviética. O simples título de seu último livro, *As Forças Físicas da Mente*, no momento em que Rhine demonstra que a mente não é física, prova que esse padre é mais materialista do que Marx e Buchner.

A hiperestesia constituiu uma hipótese importante no início do movimento metapsíquico, pois parecia capaz de explicar de maneira natural ocorrências paranormais que eram interpretadas como sobrenaturais. Hoje, nesse sentido, não passa de uma hipótese superada. Sabemos que a hiperestesia é uma condição

fisiológica de *psi*. E que essa condição pode existir em tal intensidade que antecipe com *percepções hiperestésicas* as manifestações extra-sensoriais. Aumentada a capacidade estésica dos nossos sentidos, por influência de fatores diversos, temos a nossa percepção aumentada. Compreende-se que esse fenômeno deva corresponder a uma preparação fisiológica maior ou menor, perceptível ou não, do estado de transe, considerado, como sustenta Amadou, “o estado psicofisiológico necessário para o exercício da *função psi*”.

Podemos colocar a hiperestesia como a primeira fase de um processo de dissociação psíquica que nos leva do simples abrandamento da tensão, de que falava Janet, até ao êxtase. Temos assim uma seqüência gradual bem definida: *hiperestesia – hipermnesia – transe – êxtase*, verificando-se em cada um destes graus do estado paranormal uma seqüência também de graus de intensidade. O êxtase é, dentro desse esquema, o extremo oposto da simples distração. Bozzano demonstrou a possibilidade de transmitirmos mensagens telepáticas e psicográficas inconscientemente – e até mesmo de projetarmos o nosso *eu* à distância – durante simples instantes de distração, de sonolência ou alheamento. (Veja-se *Da Mente à Mente*, Ernesto Bozzano, Ed. Europa, Verona, 1946).

Amadou acrescenta ao que acima citamos que o transe é necessário, mas não suficiente para o exercício da *função psi*. O mesmo acontece com o estado hiperestésico. O indivíduo pode estar distraído ou sonolento sem ter a sua percepção aumentada. Isso nos mostra que a relação de continente e conteúdo é a mesma, tanto no plano físico quanto no psíquico. E isto insere, ao mesmo tempo, a simples *distração* no contexto dos estados paranormais. Ela é, embora fugaz, um instante de situação intermediária, de terra-de-ninguém entre o estado de vigília e o sono, entre a fase normal de integração psíquica e a anormal de desintegração. Do que se deduz facilmente que o aumento de nossas percepções normais, o estado hiperestésico, é o primeiro passo no campo da *percepção extra-sensorial*. Em hipnologia considera-se a distração como um momento do estado hipnótico natural.

Querer reduzir fenômenos típicos de *ESP* a simples casos de hiperestesia, a esta altura do desenvolvimento das pesquisas parapsicológicas, é um pouco mais do que simples temeridade. Mas esta redução arbitrária interessa particularmente aos que desejam negar qualquer possibilidade de fenômenos extrafísicos, única forma possível de transformar a Parapsicologia em nova arma do materialismo ou do teologismo contra os movimentos espiritualistas livres, como o Espiritismo e a Teosofia. A hiperestesia, *fase larval do transe*, é utilizada como possível explicação nova – apesar de centenária – dos fenômenos mediúnicos. Basta isso para compreendermos o retrocesso a que o afã hiperestésico do P. Quevedo pretende levar a Parapsicologia, com ares de inovação científica, devolvendo-a do limiar da prova da sobrevivência, em que já se encontra, ao rés do chão do intermúndio psicofisiológico.

Daí também a sua insistência na velha e superada tese, aliás psicológica – e da mais simplória escola de psicologia de todos os tempos, que é o condutismo norte-americano, derivado do *reflexionismo russo* – de que a *linguagem* do corpo, que é a mímica inconsciente, pode explicar os casos de telepatia. Watson, pai do *condutismo*, também chamado *psicologia sem alma*, sustentava a inexistência do pensamento. O que há é apenas reflexo, segundo a sua teoria do *arco-reflexo*, pela qual o organismo excitado pelo meio físico deflagra a *sensação em arco* que vai ao centro nervoso e volta à expressão mímica em forma de resposta. O P. Quevedo cria então a sua teoria reflexionista a que chama, ingênua ou ironicamente, de *hiperestesia direta do pensamento*. Nada mais nada menos que a velha teoria de Chevreul, endossada no Brasil pelo ateísmo e o materialismo irreduzíveis do Professor Silva Mello, de que o pensamento é captado por videntes charlatães na mímica inconsciente dos seus próprios fregueses (Veja-se *Mistérios e Realidades deste e do Outro Mundo e Religião: Prós e Contras*, A. da Silva Mello, Editora Civilização Brasileira, Rio, 1960 e 1963, respectivamente).

Essas teorias, que se referem apenas aos reflexos do pensamento no processo fisiológico, serviram para a construção de hipóteses e teorias mirabolantes que reduziriam todo o psiquismo

a um novo tipo de mecanicismo materialista. Com elas estamos mais próximos da Cibernética do que da Parapsicologia, mais integrados na concepção do *homem robô* do que na do *homem espírito*. Mas o P. Quevedo não se contenta com esse retrocesso histórico e espiritual e insiste em afundar um pouco mais: vai ao *cumberlandismo*, com o qual explica, ao mesmo tempo, o mistério dos cavalos de Elberfeld e as comunicações mediúnicas. A teoria provém do nome do prestidigitador inglês Cumberland, pai da telepatia de teatro ou falsa telepatia. E tudo isso depois que as pesquisas parapsicológicas já demonstraram a absoluta independência do processo telepático no tocante às relações pessoais, a sua efetivação a grandes distâncias através de *estepes e oceanos*.

Graças a esses malabarismos o P. Quevedo consegue chegar a esta definição de Parapsicologia: “... é a ciência que tem por objeto a constatação e análise dos fenômenos à primeira vista inexplicáveis, mas possivelmente resultado de faculdades humanas”. Como se vê, definição indefinida, que bem revela a sua posição pseudocientífica. Quais os *fenômenos inexplicáveis* em causa? E como fazer-se essa antecipação dos resultados da análise, em termos de possibilidade? Nem científica, nem filosófica e nem mesmo teologicamente essa definição pode ser aceita. É um simples palpite, uma opinião comum. Não foi à toa que Pitágoras afirmou ser a Terra a morada da opinião (Veja-se *A Face Oculta da Mente*, do referido autor, com todas as autorizações eclesiásticas, Edições Loyola, São Paulo, 1964).

A hiperestesia leva à hipermnésia, ou seja, ao aumento do poder mnemônico, ao aumento da memória, como já vimos no esquema do processo paranormal. O P. Quevedo, nesse mesmo livro, cujo título pode ser mais bem compreendido como *A Face Oculta do Padre*, descamba para a *Pantomnesia*, que seria mais bem expressa pelo termo *Pantomímica*, segundo o equivalente teológico da modesta teoria científica da hipermnésia. Não é fácil admitirmos o que o padre afirma no subtítulo do cap. 9.º do seu livro: *Você pode se lembrar de tudo*. Mas o aumento do poder mnemônico, em determinadas pessoas e em circunstâncias especiais, é fato comprovado. E dele se serve o padre, dando-lhe

a amplitude universal da *Pantomímica* para explicar o que a hiperestesia não conseguiu esclarecer e particularmente tentar explicar a *xenoglossia*, ou faculdade de falar línguas estranhas sem conhecê-las. Essa faculdade admirável, bem como a psicografia literária – ainda longe de serem estudadas e investigadas pela Parapsicologia – são *parapsicologicamente* explicadas pelo padre como simples questões de *memória-inconsciente*. Mas como o inconsciente, nesse caso, deve ser também onisciente, o autor chega a esta conclusão pseudocientífica, sacada sem a menor contemplação para com os critérios da pesquisa científica: “*O inconsciente é mais inteligente que o consciente*”.

Nenhuma atenção para o problema das relações dinâmicas do consciente com a inconsciente. Nada sobre a natureza específica de um e outro ou da natureza una de ambos. Nada sobre o que se entende por inteligência, problema sério em Psicologia e que parece não existir para o padre. O que interessa é a conclusão apressada, mecanicista e portanto simplória, não para a finalidade científica do *conhecer*, mas para a finalidade sectária do *dogmatizar*. A hiperestesia passa rapidamente à categoria universal de uma *Pantomímica* e o inconsciente é arvorado, segundo as expressões textuais do autor, em *gênio desconhecido*. E apesar de todas essas incoerências, dessa ingênua charlatanice, desse malabarismo simplório, o livro e os cursos do autor se propagaram entre nós e encontraram acolhida num grande jornal diário e em algumas universidades e escolas superiores.

Diante disso, é claro que não podíamos subtrair-nos ao dever de enfrentar, num livro de esclarecimento e orientação da matéria, o rápido exame que acabamos de fazer das estranhas e absurdas teorias do P. Quevedo, lançadas como semente de joio nos trigais incipientes de nossa formação parapsicológica. Exame, aliás, de apenas alguns tópicos do calhamaço com que ele desacatou os nossos foros de cultura, não obstante tenha recebido a resposta sensata de um curso organizado pelo Instituto Paulista de Parapsicologia, dado por seis professores universitários no grande auditório da Associação Paulista de Medicina.

Ao lado das teorias citadas devemos ainda referir a do Professor Cesário Morey Hossri, da Faculdade de Filosofia de Santos,

divulgada em seus cursos naquele estabelecimento de ensino superior da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e através de dois grandes jornais diários de São Paulo. Trata-se de uma teoria não menos estranha: a do *canhoto corrigido* ou do *ambidestrismo*. Podemos resumi-la nestas explicações textuais do autor: “*Aproximadamente 10% dos indivíduos nascem canhotos e, devido à aversão do meio social ao canhotismo, cerca de 90% são corrigidos; supomos que esta agressão à personalidade ocasiona uma defasagem nas conexões nervosas dos hemisférios cerebrais direito e esquerdo, vindo isto a provocar, posteriormente, o aparecimento do fenômeno alucinatorio de ‘ver’ e ‘ouvir’ fantasmas (alucinações visuais ou auditivas, ou ambas ao mesmo tempo)*”.

O Professor Hossri formula ainda uma teoria da *personalidade paranormal*, na qual inclui o ambidestrismo como uma das características dessa personalidade. Em primeiro lugar parece-nos prematura essa tentativa de caracterização. Existiria uma personalidade paranormal? A própria expressão *paranormal*, como se sabe, foi elaborada para suprir uma deficiência do nosso conhecimento no campo do psiquismo. O *paranormal* é apenas o normal não conhecido, ou *não-habitual*, o *inabitual* de Richet que substitui as antigas expressões de *supranormal* ou *sobrenatural*. Por outro lado, os *fenômenos paranormais* não exigem nenhum tipo especial de personalidade para se produzirem. Os tipos mais diversos, às vezes aparentemente inadequados (por exemplo: indivíduos de aspecto grosseiro, abrutalhado, demasiado apegado às coisas materiais) são sujeitos iguais ou melhores que outros mais delicados e sensíveis, e portanto aparentemente mais adequados. As pesquisas realizadas a respeito, nos Estados Unidos e na Inglaterra, não deram até agora nenhum resultado aceitável.

Rhine trata do assunto em *The New World of the Mind* referindo-se às experiências de Stuart, no Laboratório de Parapsicologia da Universidade de Duke, e às de Humphrey e da Dra. Schmeidler. Todas essas tentativas encontraram dificuldades insuperáveis para uma classificação. E isso por uma razão fundamental: *psi* parece igualmente distribuída, como o *bom-senso*

no *Discurso do Método*, de Descartes. Todos a possuem, embora das mais diversas maneiras. Por exemplo, nas experiências de Humphrey os sujeitos foram divididos em dois grupos: introvertidos e extrovertidos, segundo os testes de desenhos a que eram submetidos. Houve diferenças sensíveis entre os grupos: nas experiências de clarividência, os extrovertidos obtiveram resultados positivos e os introvertidos resultados negativos.

Mas isso apenas demonstrou uma diferença de sentido no desvio da percepção e não a falta de percepção em qualquer dos grupos. O indivíduo *negativo* oferece desvios negativos, sem deixar de ser dotado de *psi*. Rhine chega à conclusão de que as *funções psi*, sendo de natureza fundamental e portanto anterior aos progressos do desenvolvimento da razão e da civilização, constituiriam uma espécie de *substrato comum da humanidade*, não susceptível de avaliação no contexto da personalidade. Assim, a colocação do problema em termos de personalidade parece-nos insustentável, pelo menos até agora.

Em segundo lugar devemos considerar a falta absoluta de dados que nos demonstrem, de maneira convincente, a existência de qualquer relação entre os problemas de canhotismo e o exercício das *funções psi*. E porque essa relação, ao invés de outras como, por exemplo, as de natureza sexual, muito mais chocantes para todos os indivíduos? Qual o motivo por que a simples correção do canhotismo produziria essa *defasagem* dos hemisférios cerebrais, e o atrofiamento das pernas, o nariz de papagaio, a boca torta não fazem o mesmo? O fato de o hemisfério direito dirigir a motilidade esquerda e vice-versa não explica essa suposta *defasagem*. E como explicar-se que a possível *defasagem* dos hemisférios produziria os fenômenos de vidência e audiência? Mas o autor vai muito mais longe, chegando mesmo a afirmar que essa *defasagem* produz os fenômenos de *psikapa*. O problema se complica e nenhuma explicação é dada. O que Hossri nos oferece é simplesmente a afirmação gratuita de um fato em que as únicas conexões possíveis são mesmo as dos hemisférios, que a sua teoria, por sinal, torna avariadas.

Uma das mais famosas e discutidas médiuns do mundo, Eusápia Paladino, que converteu Cesare Lombroso de feroz adver-

sário dos fenômenos mediúnicos em seu admirador, defensor e pesquisador, não era canhota. Nunca se corrigira. E ficava canhota em transe. Como se teria produzido a desconexão dos seus hemisférios? Aliás, Lombroso nos conta, a seu respeito, o seguinte:

“A Condessa de A. (em Veneza, segundo o Professor Faihofer) costurou uma bolsa com uma moeda por baixo das roupas e foi à sessão com a idéia de que a bolsa seria descosturada e transportada, o que realmente aconteceu. Outra vez compareceu com uma jóia oculta na cabeleira esperando que fosse transportada para a cabeça de Eusápia, a quem desejava dá-la, e logo que assim pensou, o transporte realizou-se. Como veremos, os médiuns em transe possuem forças musculares e intelectuais de que não dispõem no seu estado normal, que só podemos explicar, às vezes, pela transmissão de pensamento dos presentes, e em geral exigem uma explicação especial, como o auxílio dos defuntos. Estes transmitem, durante o transe, algumas de suas mais singulares faculdades aos médiuns, como o canhotismo a Eusápia, a levitação e a incombustibilidade a Home, que podia pegar uma brasa sem se queimar e transmitir essa insensibilidade a outras pessoas”. (Veja-se *Fenomeni Ipnotici e Spiritici*, de Lombroso, tradução brasileira de Carlos Imbassahy, Editora Lake, São Paulo, 1960.)

Temos aí o testemunho de um sábio: Eusápia virava canhota algumas vezes, quando a entidade comunicante havia sido canhota em vida. E nas sessões realizadas com ela verificaram-se, como vemos na descrição de Lombroso, fenômenos subjetivos e objetivos perfeitamente conjugados. Bastava a Condessa de A. pensar e o transporte dos objetos se verificava. Como tanto se caluniou esta extraordinária sensitiva (pequena mulher analfabeta e rude, acusada das fraudes mais sutis) é bom lembrarmos que Lombroso só aceitou a realidade dos fenômenos quando Eusápia lhe deu a materialização de sua própria mãe, como ele mesmo nos conta no livro acima citado: *“Eu pensei fortemente em rever minha mãe; a mesa logo assentiu ao meu desejo não expresso e logo apareceu a imagem de minha mãe”*. E noutro trecho, capítulo oitavo da segunda parte do livro: *“Pude verificar uma vez a*

aparição completa de minha mãe”. Tudo isso sem canhotismo corrigido e sem qualquer defasagem dos hemisférios cerebrais.

As relações psicofisiológicas são evidentes em todos os processos de produção fenomênica, tanto subjetiva quanto objetiva, mas sempre mais acentuadas no campo de *psikapa*. Rhine estuda essas relações em seus livros já citados. Muito antes dele, os metapsiquistas empenharam-se nesse estudo realizando importantes pesquisas a respeito. Schrenck-Notzing, à maneira de Geley e Osty, interessou-se pelas relações de conjunto entre o médium e os assistentes, em referência aos fenômenos. Tratando, por exemplo, da exteriorização de forças biopsíquicas e do aparecimento de formações ectoplásmicas, lembra o famoso pesquisador alemão:

“Morselli, Ochorowicz e Crawford supõem que o médium, em contato físico com os assistentes (formação de correntes) possui a faculdade de emprestar dos mesmos certas quantidades de energia, que relinque às suas próprias, de maneira que podemos falar de criações psicofísicas coletivas”. (Veja-se *Les Phénomènes Physiques de la Mediunité*, de Albert Von Schrenck-Notzing, Payot, Paris, 1925.)

Enrico Morselli realizou tentativas de controle com dinamômetros da perda de forças dos assistentes e também do aumento de forças dos mesmos, durante os trabalhos. Essas relações existem, como hoje novamente se constata nas experiências parapsicológicas. Mas não podem ser utilizadas para a formação de teorias gratuitas, sem as pesquisas minuciosas que esse tipo de teoria do Professor Hossri exige particularmente, e sem que tenham, portanto, um precedente de hipóteses com exame e prova. Por outro lado é necessário que um problema dessa natureza seja submetido previamente a especialistas em fisiologia cerebral. Malabarismos como os do P. Quevedo, levados afoitamente a sério nos nossos próprios meios universitários, ou precipitações como a do Professor Hossri (com forte conteúdo susceptível de ridículo) comprometem o desenvolvimento da Parapsicologia no Brasil.

Os exageros no tocante à hiperestesia e à hipermnésia agradam especialmente àqueles que pretendem reduzir toda a feno-

menologia paranormal ao plano fisiológico. Mas a teoria do ambidestramento nem chega a produzir esse efeito de proselitismo. Dificilmente um estudioso sério de problemas psicológicos pode admitir que fenômenos paranormais sejam reduzidos a uma questão de manuseio. Mas no plano da divulgação pura e simples ou da iniciação aos conhecimentos parapsicológicos, e particularmente no plano do ensino universitário, em que essas hipóteses foram amplamente semeadas, os seus efeitos são desastrosos. Encerrando aqui esta primeira parte do nosso livro, esperamos haver contribuído para que o problema parapsicológico seja colocado, entre nós, de maneira mais objetiva e mais livre, sem as implicações deformantes a que acima nos referimos.

Agora que as nossas editoras se empenham na tradução das obras fundamentais de Rhine e das obras informativas de Amadou e outros, é possível que o ambiente se modifique mais rapidamente. De qualquer maneira, temos de advertir quanto às próprias traduções. O aparecimento do primeiro livro de Rhine em português foi decepcionante. O título original de *The Reach of the Mind*, corretamente traduzido em espanhol para *El Alcance de la Mente*, aparece em nossa língua desta maneira ambígua: *O Alcance do Espírito*. E o pior é que em todo o texto a palavra inglesa *mind* conserva a tradução errada de *espírito*.

Rhine não trata do espírito no sentido metafísico que damos à palavra, mas da mente no sentido psicológico de conjunto das funções cerebrais. Ele chega mesmo a declarar que, embora admitindo a natureza extrafísica da mente – por força dos resultados das numerosas experiências realizadas – não é espírita nem espiritualista. É apenas um cientista que admite, à maneira de Einstein, Compton, Eddington e outros, a necessidade de rompermos a concepção organocêntrica do homem, como já rompemos a geocêntrica do Universo.

Felizmente o segundo livro de Rhine em português traz o título certo: *Novas Fronteiras da Mente* (*New Frontiers of the Mind*). Justifica-se o caso da tradução francesa por falta da palavra mente nessa língua. Mas no italiano, em que também se fez a confusão, como no português, ela é injustificável, a menos que as traduções tenham sido feitas do francês e não dos origi-

nais ingleses. Psicologicamente a palavra *mente* tem hoje o sentido específico a que atrás nos referimos.

Enganam-se os que pensam que nos dedicamos à Parapsicologia para defender nossos princípios, nossa posição filosófica. Consideramos essa atitude como desonesta. *Nossa posição filosófica é suficientemente sólida para sustentar-se por si mesma.* A Parapsicologia invadiu a nossa área e tivemos de examinar os seus propósitos. Felizmente eram honestos e pudemos estabelecer uma convivência harmoniosa.

No campo da Parapsicologia estamos em nosso próprio elemento. Os outros é que chegaram depois, e muitos como arrivistas mal intencionados. Podemos dizer sem receio que o terreno é nosso, de direito e de fato. Como Tertuliano no caso das escrituras sagradas, podemos evocar a figura jurídica do usucapião em nosso favor. Muito antes de Rhine e McDougal já estávamos nesse terreno, com Kardec, Richet, Crookes e outros. E sempre com ampla liberdade, por imperativo exclusivo da consciência e na busca livre da verdade, *sem preconceitos nem interesses secundários.* Continuamos, pois, em nossa posição, agora na boa companhia dos parapsicólogos honestos.

Antes de encerrar esta parte voltamos ao problema do canhotismo, em virtude do aparecimento do livro *Destros e Canhotos* do Professor José Quadros França (Edições Melhoramentos, São Paulo, 1969). Esse livro confirma a absoluta carência brasileira de estudos e dados estatísticos a respeito. Hossri supõe, como vimos, 10% de canhotos na população, mas França informa que as estatísticas norte-americanas acusam a média de 12,5% equivalente a 125 canhotos em cada 1.000 pessoas. Hossri supõe 90% de canhotos corrigidos e França declara: “Não encontramos aqui no Brasil levantamentos estatísticos sobre o fenômeno”.

No tocante aos efeitos da correção do canhotismo o Professor França se limita ao problema da gagueira e a conseqüências psíquicas ainda não comprovadas, apenas supostas. Referindo-se a estudo do Dr. Werner Kemper publicado no n.º 51 da *Revista Brasileira de Medicina* (novembro de 1951), França examina a fragilidade das teorias científicas ali expostas sobre o canhotismo. Tudo isto vem confirmar a temeridade da hipótese de qual-

quer relação entre a correção do canhotismo e o desenvolvimento das *funções psi*.

Segunda Parte

Parapsicologia Amanhã

1.

Palingenesia: síntese dialética

Em livro há pouco publicado em Buenos Aires, pela Editorial Victor Hugo, Humberto Mariotti estuda o Materialismo Histórico à luz da Parapsicologia, concluindo pela evidente abertura de perspectivas ontológicas na Ciência contemporânea, graças às investigações da fenomenologia paranormal. Mariotti já teve um de seus livros traduzido para o português e publicado no Brasil. Trata-se de *Dialética e Metapsíquica*, resultante de um debate com o marxista Emílio Troise.

O que ressalta de mais importante neste novo estudo de Mariotti é a sua negação da validade da concepção materialista da História – sem negar a realidade do processo dialético – e a afirmação da importância da palingenesia como um conteúdo histórico que somente a investigação parapsicológica poderá revelar, através do método científico de investigação e experimentação.

Para os que conhecem a maneira cautelosa por que a Parapsicologia avança, passo a passo, nas suas investigações, pode parecer temerária a afirmação de Mariotti. Para os que, porém, sabem ligar historicamente a Parapsicologia à Metapsíquica – o que Mariotti faz com extraordinária lucidez – não há nenhuma temeridade no seu procedimento. Tanto mais que ele não se lança à formulação de qualquer hipótese, limitando-se a mostrar a possibilidade, já revelada pelas conquistas parapsicológicas, de um novo acesso à problemática ontológica no plano científico.

Esse acesso decorre naturalmente da constatação científica das faculdades paranormais. Aliás, o próprio Professor Joseph Banks Rhine alude ao problema, em seu famoso livro *The New World of the Mind*, ao referir-se às pesquisas universitárias realizadas por sua esposa, a Prof^a Louise Rhine. Bem antes, ainda no plano histórico da Metapsíquica, Ernesto Bozzano afirmara que a prova científica da *percepção extra-sensorial* implicava, de maneira logicamente irrevogável, a existência de estâncias ontológicas desconhecidas, capazes de sustentar a validade das teorias metafísicas do homem.

As provas científicas da Metapsíquica foram rejeitadas, não pela negação dos fatos observados ou da validade dos experimentos, mas *pela perplexidade que provocaram*. Entendeu-se que os fenômenos estudados por William Crookes, Charles Richet, Eugênio Osty, Gustave Geley, Schrenck-Notzing, Alexandre Aksakof, Oliver Lodge e tantos outros eram *intrinsecamente impossíveis*. A objeção, como se vê, era filosófica e não científica. Robert Amadou, atualmente, em seu livro *La Parapsychologie*, lembra que os metapsiquistas poderiam responder, à maneira de Galileu, que apesar da impossibilidade alegada os fatos existem. E tanto isso é certo que a Parapsicologia está hoje refazendo meticulosamente, no plano da investigação universitária, em âmbito mundial, os caminhos já feitos pela Metapsíquica. Através do método quantitativo de investigação o procedimento qualitativo da Metapsíquica se comprova. E como acentua Jan Ehrenwald, exige mesmo a volta ao exame qualitativo.

Por falar em Ehrenwald, é bom lembrar que esse psiquiatra propõe, no seu livro sobre a telepatia, a conjugação de três métodos para a investigação dos fenômenos telepáticos, em sua ocorrência no plano patológico. Entende Ehrenwald que as estâncias psicanalíticas da personalidade podem revelar novos aspectos, à luz da investigação parapsicológica. E para tanto afirma a conveniência de se conjugar, nos casos possíveis, os métodos qualitativo e quantitativo e o método significativo da interpretação psicanalítica. Vê-se, assim, que as novas perspectivas ontológicas de Mariotti são uma realidade que se revela também na clínica psiquiátrica.

Mas o que importa, no tocante à palingenesia, é a negação da validade materialista da concepção dialética da História. Lembra Mariotti que a dialética hegeliana não se compadece com nenhuma forma de materialismo, sendo, pelo contrário, a própria lei da *negação da negação* aplicada ao materialismo. Quando se coloca a ênfase do processo histórico, não no seu aspecto material, considerado em si, mas na sua dinâmica, ou seja, no seu processo dialético, o problema se desloca, sob o ponto de vista lógico, para a Metafísica. Passamos a lidar com o abstrato e a reconhecer imediatamente os fundamentos imateriais do processo histórico.

Diante disso Mariotti releva a importância da investigação ontológica, nas perspectivas que se abrem através da Parapsicologia, para a reformulação da concepção dialética num sentido de volta às proposições hegelianas. De nossa parte entendemos que não cabe apenas à Parapsicologia, mas também à Física Nuclear um papel fundamental nesse terreno. Por mais que Bertrand Russel procure salvar a concepção materialista, sustentando que a negação científica da matéria não implica a negação das leis físicas, é evidente que o rótulo que se mantenha para essas leis nada importa e nada significa. A realidade científica atual é a da colocação do problema ontológico entre duas séries de perspectivas que se abrem, cada vez mais amplamente, nas Ciências da Natureza e nas Ciências do Homem, com a negação do *organocentrismo* e a possibilidade do reconhecimento de formas de vida além das que se manifestam nos organismos materiais.

Essa possibilidade abriria, por sua vez, perspectivas extrafísicas para a interpretação do processo histórico. E se a palingenesia puder comprovar-se, como supõe Mariotti, pelo prosseguimento da investigação parapsicológica, teríamos a possibilidade de encarar o problema dos ciclos históricos através do retorno de personagens e circunstâncias ao cenário existencial, uma vez que a precedência histórica da essência, negando também a validade da concepção sartreana, se afirmaria filosoficamente através da Ciência. Aliás, é bom lembrar que, para Sartre, a existência precede a essência apenas no tocante ao homem.

As novas perspectivas históricas reafirmariam os pressupostos hegelianos, oferecendo-nos estas dimensões dialéticas, inteiramente renovadoras das nossas concepções do homem e do universo: o mitológico e o histórico se apresentariam como a tese e a antítese do processo do desenvolvimento humano, que resultaria na síntese da palingenesia. Eis os caminhos que o livro de Mariotti nos aponta e que parecem corresponder precisamente a esta fase de superação cultural que estamos vivendo. Por outro lado essa superação, por sua própria natureza de síntese dialética, não invalidaria o materialismo e o existencialismo, limitando-se a determinar os marcos de validade circunstancial em que os mesmos devem colocar-se, ou seja, dando a cada uma dessas concepções filosóficas o seu lugar no amplo contexto palingenésico.

Dessa maneira teríamos o materialismo histórico situado no plano existencial como a visão objetiva do processo metafísico que determina as transformações sociais. Uma espécie de visão fenomenológica, de natureza descritiva. O existencialismo sartreano (hoje considerado pelo próprio Sartre como um *enclave* do Marxismo) corresponderia a uma visão objetiva e circunstancial de cada avatar da essência, que se renova e se enriquece no *aqui* e no *agora* das etapas da evolução palingenésica.

Mariotti nos mostra o sentido filosófico da revolução parapsicológica nas Ciências. Podemos repetir com Sir Oliver Lodge que se trata de uma revolução copérnica, como veremos mais adiante. Não há motivo para nos admirarmos com a oposição de certos setores ao desenvolvimento da Parapsicologia. Todas as forças conservadoras do processo histórico reagem diante dessa ameaça de desintegração, embora parcial, da cultura atual, da estrutura do conhecimento, segundo a lei de equilíbrio que determina a existência do instinto de conservação nos organismos vivos e nos grupos sociais.

2.

O processo palingenésico

A propósito da tese de Mariotti escreve-nos erudito leitor: “Ao contrário de abrir novas perspectivas na concepção do mundo, a volta à palingenesia, proposta por Mariotti, representaria simples retrocesso histórico à metafísica estóica”. Defendendo arduamente o Materialismo-Histórico, o leitor insiste no caráter retrógrado da posição idealista, que lhe parece “uma fuga romântica à realidade histórica”, fuga essa que permite “a volta, em pleno século de conquista do espaço, a superstições soterradas nos escombros do mundo helenístico”.

Não entendemos por que estranho motivo a volta à concepção palingenésica seria um retrocesso histórico, enquanto a volta ao atomismo de Leucipo e Demócrito representa evidente progresso que permitiu a investigação cósmica. O temor da volta às velhas superstições, ou mesmo às concepções ingênuas do passado, tem sempre marcado as fases de grande desenvolvimento intelectual. Mas apesar dele a volta sempre se afirmou como uma espécie de necessidade histórica. O próprio materialismo-dialético nada mais é que uma readaptação conceptual, não apenas da dialética hegeliana, mas das próprias concepções dos fisiólogos gregos. Nada demais que voltássemos aos estóicos, cuja metafísica se enraíza profundamente em Heráclito, tão querido e exaltado pelos materialistas dialéticos.

Os escombros do mundo helenístico são extraordinariamente fecundos e deles podem brotar, não apenas os cogumelos venenosos das explosões atômicas, mas também os que fornecem alimento e vida ao pensamento moderno. Neste caso, como demonstra Humberto Mariotti em seu livro *Parapsicologia y Materialismo Histórico* (e sopesamos o verbo *demonstrar* antes de usá-lo) encontra-se a concepção palingenésica do mundo, que constitui o centro da metafísica estóica. É evidente que não tratamos de uma simples volta, de um retrocesso puro e simples, mas de um retorno cíclico à maneira dos que verificamos, por exemplo, no caso atômico, na própria questão da dialética-

materialista ou ainda no caso da concepção comunista da sociedade.

Pede-nos o leitor, por outro lado, “um maior esclarecimento do processo dialético da história em bases palingenésicas”. Pareceu-lhe confusa a proposição de que o mitológico e o histórico podem apresentar-se como a forma de contradição da qual resultaria a síntese palingenésica: “mesmo porque – acentua – a palingenesia não seria uma síntese, mas apenas um momento de volta, de regresso ao estado anterior”. Antes de tudo devemos assinalar que não há, no processo dialético, um momento de volta puro e simples, pois toda volta só pode verificar-se como resultado do choque ou da fusão das proposições contraditórias. Não há “regresso ao estado anterior”, mas avanço qualitativo ou enriquecimento histórico, segundo o velho símbolo hindu da “serpente que morde a ponta da cauda”.

No plano do desenvolvimento histórico encontramos duas fases que se opõem, não apenas em sentido cronológico, mas também e principalmente em sentido qualitativo e portanto significativo. A primeira dessas fases é a mitológica, em que vemos a humanidade sair de uma espécie de “indiferenciação psíquica”, correspondente aos períodos primitivos de sua evolução, para tentar a racionalização do mundo através do pensamento mítico, ainda densamente impregnado das emoções primárias. Huntersteiner realizou um belo trabalho, a que deu o título de *Fisiologia do Mito*, mostrando a natureza específica do mito, regido por uma lei fundamental que é a metamorfose. A esta lei, que parece antes imaginária que real, se opõe a concepção progressiva da história, estruturada numa seqüência racional de causa e efeito.

A oposição do mitológico ao histórico é o que poderíamos dizer: um fato evidente por si mesmo. Quando remontamos, por exemplo, à história chinesa antiga – história que não é história, mas apenas mitologia – e vemos o tumulto das dinastias partir da nebulosa divina e nela perder-se, compreendemos claramente a natureza indiferenciada da fase mitológica. Somente a partir da concepção histórica judaica, desenvolvida pelo Cristianismo, a seqüência dos eventos se define como um processo, e o que é

mais importante, de natureza teleológica. Os acontecimentos se delineiam e se encadeiam com precisão cronológica, objetivando sempre um fim, e o processo antes confuso se esclarece e adquire significação. Impõe-se a analogia spenceriana entre o desenvolvimento coletivo e o desenvolvimento individual do homem, a partir da indiferenciação psíquica infantil para as fases de diferenciação progressiva e definição racional do amadurecimento orgânico e psíquico.

O mitológico, numa interpretação dialética, apresenta-se como a tese ou proposição inicial da qual se desdobrará fatalmente a antítese. E isso tanto mais se afirma quando analisamos a natureza sincrética do mitológico, onde não há fronteiras entre o humano e o divino, o temporal e o eterno, o cronológico e a duração. Podemos dizer que a duração ainda não foi segmentada, segundo a explicação bergsoniana. É por isso que a lei do mito é a metamorfose. Não há sucessão cronológica, mas apenas variações na duração. A tese contém em si mesma os germes do desenvolvimento futuro, os elementos que se definirão na fase histórica sob o impacto do deus Marduc da razão, que partirá o caos em dois pedaços para produzir o cosmos.

O processo dialético, entretanto, não se interrompe. Uma vez colocada a oposição, a tese se desenvolve na antítese, mas terá fatalmente de resultar na síntese. A separação dos elementos fundamentais da tese, na produção natural e necessária da antítese, não foi casual, mas causal e por isso mesmo teleológica. Regida por uma causa, dirigia-se a um fim. E este fim, implícito na própria dialética, é o desenvolvimento ou a realização de um estado superior em que os elementos rejeitados pela antítese voltam a incorporar-se no processo, aparentemente interrompido.

Não há outra fase que possamos considerar como uma possibilidade pós-histórica senão a palingenésica. Somente nesta se torna possível a realização da síntese, nos termos da filosofia de Charles Bonnet e de Ballanche ou ainda do próprio Schopenhauer. Eis o momento em que a reencarnação, como um processo não apenas individual, mas coletivo, se impõe nas dimensões estóicas, aclarada pelas conquistas científicas da atualidade. Num mundo de renovações cíclicas, como vemos no desenvol-

vimento dos reinos naturais – aos quais pertencemos – seria estranho que apenas a Humanidade seguisse um sistema linear de evolução através da História. A constatação do processo palin-gênésico no plano social surge como um novo fator de reintegração do homem no complexo da evolução universal.

É evidente que ao considerar a sucessão das gerações vegetais e animais não se leva em conta apenas o elemento físico. Este é informado e impelido pelo elã vital de Bergson. Esse elã, por sua vez, não é apenas vital, mas também anímico e mental, como as primeiras experiências parapsicológicas já demonstraram, confirmando as anteriores pesquisas espíritas e metapsíquicas. A palingenesia não é, assim, apenas uma forma de conservação e renovação da matéria, mas um processo de desenvolvimento das potencialidades anímicas das coisas e dos seres – um avanço do inconsciente ao consciente – como Gustave Geley demonstrou em sua obra famosa

3.

Da profecia à precognição

Em seus estudos sobre as origens e a história das religiões, John Murphy, da Universidade de Manchester, adotou o método cultural que distingue os sucessivos horizontes históricos da evolução religiosa. O primeiro horizonte é o primitivo; o segundo, o anímico, o terceiro, o agrícola; o quarto, o do aparecimento do *espírito de civilização*; e o quinto, que nos interessa neste capítulo, é o horizonte profético. Nessa fase da evolução religiosa do homem, acentua Murphy, um dos fatos característicos é o aparecimento das grandes individualidades, como os profetas hebreus e os fundadores de religiões. Podemos falar, assim, de um período histórico caracterizado pelo desenvolvimento e a influência civilizadora da profecia. Murphy assinala em seu estudo que: “O homem é o produto da evolução, tanto no tocante ao corpo quanto ao espírito”.

A profecia aparece como uma conseqüência da evolução humana e ao mesmo tempo como uma exigência e uma condição dessa evolução. Estamos equidistantes das explicações, ambas simplistas, da teologia e da psiquiatria. Embora Murphy não se interesse pela profecia em si, ele a explica como o desenvolvimento do *espírito de civilização* que liberta o homem das formas primárias de pensar, ligadas aos horizontes primitivo e anímico e já modificadas na fase de desenvolvimento agrícola. A maior capacidade de formar conceitos, de elaborar uma concepção geral do mundo e da conduta humana, de formular preceitos éticos e orientar as coletividades são para ele as condições fundamentais da individualidade profética.

Embora o sentido etimológico de profecia seja o anúncio do futuro, a tradição religiosa consagra-lhe outro. A profecia, como se vê especificamente nos casos de Jesus e de Maomé, bem como no tocante aos profetas bíblicos, é ao mesmo tempo a revelação de ensinamentos divinos e de acontecimentos futuros. No Cristianismo a profecia assume importância fundamental, pois é a pedra de toque da legitimidade do Messias e a própria base da Revelação. A interpretação teológica da profecia tirou-

lhe a naturalidade, convertendo-a numa manifestação mística de cunho sobrenatural. Se isso lhe deu, na antigüidade e na fase medieval, extraordinário prestígio, serviu ao mesmo tempo para desprestigiá-la na época moderna, com o desenvolvimento do pensamento positivo. A profecia passou subitamente para a categoria das superstições, e o que é pior, das manifestações de desequilíbrio ou de perturbação psíquica. O profeta desceu da condição de individualidade superior para a de louco. Daí os livros e as teses como a de Binet Sanglé (*La Folie de Jesus*), interpretando o próprio Cristo como um teomegalômano-histeróide.

Essa e outras teses são ainda do agrado de intelectuais que se orgulham da firmeza e da clareza positivas de suas convicções, relegando ao *lixo do passado* as grandes concepções que representam a matriz histórica do espírito contemporâneo. Mas na proporção em que este mesmo espírito se desenvolve, as interpretações do tipo Binet Sanglé vão *caindo no passado*, para usarmos uma expressão de René Hubert, e rapidamente se transformam em objetos de museu. No caso particular da profecia temos agora a assinalar, além do reconhecimento da sua importância no processo de evolução humana, o reconhecimento científico da sua existência como uma faculdade humana natural, suscetível de experimentação.

Já os Profs. Gustave Geley e Eugênio Osty haviam verificado, através de numerosas experiências do Instituto de Metapsíquica de Paris, na primeira metade do século, confirmando as conclusões anteriores de Frederic Myers, William Crookes, Charles Richet e outros, a possibilidade de comprovação científica da profecia. Agora são as investigações rigorosamente científicas da Parapsicologia, seguidas de experimentações minuciosas, que vêm dar à profecia o direito à cidadania no mundo das Ciências. Com a designação técnica de *precognição*, implicando a existência da *cognição* ou *percepção extra-sensorial*, e ao mesmo tempo a existência da *retrocognição*, também cientificamente comprovada, a profecia é atualmente uma faculdade humana (e ao que parece também das espécies

animais) reconhecida e admitida pela investigação científica em plano universitário e universal.

Chegamos assim, através do estudo de uma faculdade mental ou psíquica (pois o psiquismo, neste caso, não se conforma aos limites de uma definição mentalista) a uma convalidação da hipótese da dialética palingenésica de que tratamos nos capítulos anteriores. O próprio desenvolvimento histórico da profecia, nos termos propostos por Murphy, implica essa dialética. Surgindo naturalmente do processo evolutivo para firmar-se como a característica de uma fase longa e decisiva da história humana, a profecia se revela como uma forma de superação das limitações positivas de espaço e tempo.

A existência dessa faculdade no reino animal, longe de prejudicar, reforça e confirma a natureza dialética do seu desenvolvimento. Ela surge primeiramente como a tese do psiquismo natural que se desenvolve na elaboração das categorias racionais da mente, e por fim eclode na síntese da *precognição*. Com esta, o homem supera o espaço e o tempo, o que vale dizer que supera a História, revelando existir, em si mesmo e no Universo, um conteúdo que, segundo a expressão do Professor Rhine, “transcende a Física”.

Murphy delimita o *horizonte profético* no espaço e no tempo, dando-lhe, de acordo com os seus antecessores na formulação do método cultural, uma posição concreta no processo histórico. Esse horizonte está, segundo afirma, “quase inteiramente limitado ao período que vai do século IX ao século III antes de Cristo, e dentro do Fértil Crescente, como se chama às vezes o espaço que vai da Grécia e do Egito, passando pela Palestina e Mesopotâmia, até à Índia e à China”. Temos assim a geografia e a cronologia do desenvolvimento profético. Mas geográfica e temporalmente localizada a profecia se apresenta como um rompimento dos limites em que se desenvolve, exercendo suas *funções psi* além do espaço e do tempo.

As experiências de *precognição*, como as de telepatia, demonstram que não apenas o tempo, mas também o espaço “nada representam para a *percepção extra-sensorial*”. Quando propomos, portanto, a Palingenesia como uma síntese dialética do

processo histórico, não se pode levantar a objeção de que a Ciência não vai além dos limites de espaço e tempo. Rhine responde que esses limites pertencem à Física e que a Parapsicologia “é o primeiro novo mundo da Ciência a transcendê-los”. Com a prova científica da profecia o homem afirma a sua transcendência. O mundo em que ele se encontra já não se limita ao *aqui* e ao *agora*, mas se abre indefinidamente sobre o *amanhã*, essa categoria filosófica espiritual que se opõe ao exclusivismo das categorias existenciais.

A *precognição* é uma das perspectivas mais desnorteantes da Parapsicologia, porque a verificação científica da sua realidade parece contradizer e invalidar toda a nossa concepção atual do Homem e do Universo. Entretanto, quando a encaramos como um simples aspecto da realidade transcendente que escapou ao empirismo científico, compreendemos que ela não contradiz nem invalida, mas amplia e enriquece a nossa cosmovisão. Se podemos profetizar é que podemos ver no futuro. Isso demonstra que não estamos limitados ao dia-a-dia, à rotina das contingências e das circunstâncias, mas que podemos elevar-nos acima dela. Só o preconceito cultural do *fisicismo* pode repelir essa nova perspectiva do Homem no Universo.

4.

Imanência e transcendência

Ao colocar o problema da transcendência do homem, ou melhor, da sua natureza transcendente, no capítulo anterior, colocamos conseqüentemente o problema da transcendência dos fenômenos *psi*. A ruptura das categorias de tempo e espaço, que verificamos nos fenômenos de *precognição*, apresenta certas semelhanças com a ruptura das leis físicas nos fenômenos de levitação de objetos à distância, ectoplasmia fantasmal ou ideoplástica, *voz direta* ou ruídos sem causa aparente. As primeiras objeções formuladas – não ao estudo e à observação desses fenômenos objetivos, mas à sua própria possibilidade de existência –, basearam-se no aspecto transcendente dos mesmos.

Posteriormente as investigações de William Crookes, Charles Richet e particularmente as de Richet e Imoda, na Itália, e as de Crawford, na Irlanda, mostraram a natureza imanente desses fenômenos. A teoria da *alavanca psíquica*, de Crawford, comprovada por experiências e fotografias, revelou a existência de um liame material entre o sensitivo e o objeto levitado, de maneira que a lei de gravidade não foi sequer arranhada. Restaram, entretanto, as questões de ordem fisiológica, até hoje não explicadas nem suficientemente investigadas.

Verifica-se nos dois casos, mais uma vez, aquilo que poderíamos chamar de condicionamento dialético. Tanto nos fenômenos subjetivos, quanto nos objetivos, podemos ver nitidamente a oposição dialética do imanente e do transcendente, que produz a síntese fenomênica. No caso da ectoplasmia, por exemplo, a ação direta do sensitivo através da emissão fisiológica da alavanca psíquica é puramente mecânica. Foi providencial que os estudos e as experiências a respeito tivessem sido feitas por um fisiologista como Richet e um catedrático de mecânica aplicada como o Professor Crawford, da Universidade de Belfast. Mas como explicar a emissão ectoplásmica, e particularmente as causas psicofisiológicas desse processo? Gustave Geley admitiu, o que fez também Crawford, a existência de *controladores espirituais*, ou seja, de agentes extrafísicos. Não aceitando essa explicação

teríamos de procurar outra, e de qualquer maneira chegaríamos, como aconteceu com Carl Jung, a uma conclusão transcendente.

No caso particular da *precognição*, de que tratamos no capítulo anterior, surgiu entre os parapsicólogos uma curiosa controvérsia. Não se tratava de negar o fenômeno, suficientemente demonstrado, mas de negar, através dele, a psicocinesia. Esta, como já vimos, é a ação da mente sobre a matéria. Assim, quando as experiências de Rhine provavam que a mente do sensitivo agia sobre os dados lançados à mesa por uma máquina especial, alguns parapsicólogos levantavam a hipótese, inicialmente formulada por Nash, de que o sensitivo antevira pela *precognição* o resultado do jogo. O curioso, neste caso, é a tentativa de negar o fenômeno objetivo para ressalva das leis físicas, embora se fosse obrigado a admitir o fato transcendente da *precognição*. Mais uma vez, como se vê, a transcendência se impõe.

A intervenção de Carl Jung – se assim podemos dizer – nos debates parapsicológicos, foi antes de natureza filosófica do que psicológica. Não quis ele negar a validade das pesquisas, mas a validade da interpretação. Jung entendeu que os fenômenos *psi*, não estando sujeitos aos limites de tempo e espaço, são de natureza transcendente, não comportando nenhum enquadramento nas categorias lógicas de causa e efeito. Sua proposição é a da existência de uma ordem não-causal no Universo, regida pela sincronicidade. Uma volta ao problema colocado por David Hume, mas agora em forma de transcendência, delimitando-se as áreas de causalidade de sincronicidade nos planos da dicotomia platônica de sensível e inteligível.

Todas essas discussões cabem apenas no campo científico, que se apresenta, como sabemos, dividido segundo o esquema platônico. As ciências se interessam pelo objetivo, mas reconhecem, embora como epifenômeno, a existência do subjetivo em forma psicológica e cultural. A própria natureza epifenomênica do subjetivo o condena perante a investigação científica. É natural, portanto, que ao encarar o problema da ação subjetiva nos fenômenos objetivos, apareça logo a reserva e a repulsa ao transcendente. No campo filosófico, entretanto, as perspectivas são outras.

Poderíamos começar por uma pergunta ingênua: qual a natureza da vida? Se admitirmos a vida como epifenômeno (posição típica do materialismo) ela nada mais será do que um efeito das ações e reações íntimas da matéria. Mas, nesse caso, restará o problema da causa dessas ações e reações. E se admitirmos a vida como o resultado dialético da ação de um princípio não-físico sobre a matéria (espiritualismo), reconheceremos a natureza vital, e portanto normal, do paranormal. Quer dizer: a dualidade imanente-transcendente que caracteriza os fenômenos *psi* não é propriamente uma característica destes, mas de todos os fenômenos ou do universal. Tendemos assim para a aceitação do *númeno kantiano* e fazemos a eliminação espinosiana do sobrenatural para reconhecermos em tudo apenas a Natureza.

De uma maneira ou de outra, com o epifenômeno ou com o *númeno*, não conseguimos fugir ao transcendente. Porque o próprio epifenômeno, como o indica a etimologia do termo, é um processo de transcendência reconhecido na sociologia marxista como superestrutura. Assim, ao contrário do que pretende o próprio Professor Joseph Banks Rhine em suas digressões filosóficas e políticas sobre as conseqüências da investigação parapsicológica, a prova científica da existência de *psi* não nega a validade do Materialismo Histórico, mas apenas delimita essa validade no plano do imanente. Não sendo possível, nem mesmo para o materialismo científico e filosófico, negar o transcendente, que sempre subsiste, será forçoso reconhecer a sua presença e a sua importância no processo histórico. Esse reconhecimento não invalida, mas amplia e enriquece as conclusões da observação e da experimentação na matéria (Ciências físicas).

Reafirma-se, portanto, através desse curioso problema do imanente e do transcendente nos fenômenos *psi*, a tese da dialética-palingenésica. Transcendente e imanente mostram-se de maneira clara, porque ainda não suficientemente fundidos, quando estudamos a fase pré-histórica do Mitológico. Posteriormente, na História, o imanente se sobrepõe ao transcendente na elaboração da síntese. Esta, entretanto, só se verifica no plano da Palingenesia, no momento em que o Mito e a História se fundem, para que imanente e transcendente de novo transpareçam na

Natureza através da Vida. E então, só então, na realidade palíngênica, o *agora* existencial revela o seu verdadeiro sentido, ou seja, como quer o *relativismo-crítico*, o *presente como síntese do passado e do futuro*.

Cada vez que nos defrontamos com o *agora* no processo palíngênico, estamos ao mesmo tempo diante do *ontem* e do *amanhã*. No *agora* somos o resultado do que éramos no *ontem*, realizamos a essência que, segundo Sartre, lá se encontrava “em suspenso”. Mas, por outro lado, temos novamente “em suspenso” a essência que realizaremos no *amanhã*. Isto está mais de acordo com a concepção existencial do homem como *projeto*, concepção que Sartre limitou ao transcurso de uma única existência, por isso mesmo frustrada.

Assim, a frustração sartreana do homem, “essa paixão inútil”, não é uma realidade objetiva nem subjetiva, mas apenas uma limitação mental do filósofo. Numa perspectiva palíngênica, Sartre poderia enxergar o futuro do homem dentro das próprias condições dialéticas do Marxismo, dessa Filosofia que ele considera a única do século, mas cujas raízes hegelianas autorizam a volta ao espírito.

5.

Razão da dialética palingenésica

A proposição da tese da dialética-palingenésica pareceu precipitada a alguns estudiosos, que nos advertiram quanto aos resultados ainda precários da investigação parapsicológica. Podemos resumir assim os principais argumentos contrários: se a Parapsicologia ainda não saiu da simples verificação de alguns fenômenos mentais, não superou o campo da mente, não podemos avançar, apoiados nos seus dados rudimentares e imprecisos, no campo das vastas ilações históricas. Outros, ironicamente, perguntaram-nos: “Pode o jogo de dados do Professor Rhine mudar a nossa concepção do mundo?”.

A resposta não nos parece difícil. Basta formularmos outras perguntas, como estas, por exemplo: o jogo de objetos de Galileu, na torre de Pisa, não mudou a antiga concepção? A dança das rãs, de Galvani, não abriu novas perspectivas às Ciências? A chaleira de Fulton não modificou a navegação mundial e os transportes terrestres? Porque não poderiam o jogo de dados e mesmo o baralho do Professor Rhine produzir efeitos semelhantes? Tanto mais que essas duas formas de jogo, os dados e o baralho, têm o seu lugar de honra na história das grandes concepções humanas.

Mas não nos percamos em divagações e procuremos analisar essas objeções. O Professor Rhine partiu das observações mais simples, utilizando-se de objetos comuns em respeito às exigências de objetividade e clareza da metodologia científica. Para verificar a existência ou não dos fenômenos de telepatia e submeter as ocorrências ao controle estatístico recorreu às cartas de baralho. No início as do baralho comum. Foi o seu colaborador, o Professor Karl Zener, quem idealizou as cartas parapsicológicas que têm hoje o seu nome: cartas Zener.

Tratando-se de apenas cinco figuras, cada maço de baralhos com 25 cartas, uma vez embaralhado, apresenta com absoluta segurança a margem de acaso ou azar na realização das experiências. O Professor Soal, como já vimos, substituiu essas figuras

por animais: o elefante, a girafa, o leão, o pelicano e a zebra. Cada uma dessas figuras tem a sua marca dramática e as letras iniciais dos nomes são diversas, não permitindo confusões ou ambigüidades na verificação experimental. Poderíamos também falar ironicamente no jogo do bicho do Professor Soal. Mas esse jogo produziu os mais belos resultados, provando cientificamente a existência da telepatia.

Quanto aos dados do Professor Rhine vimos que eram a princípio os dados comuns de jogo. Posteriormente foram aperfeiçoados com a finalidade de assegurar-se maior garantia na sua livre queda. Também a maneira de atirá-los sobre a mesa evoluiu, fabricando-se aparelhos especiais para evitar o contato das mãos. No caso dos dados as cautelas deviam ser as mais rigorosas, pois tratava-se de verificar a ação da mente sobre a matéria de maneira direta. Uma função mental considerada absurda, e até mesmo *intrinsecamente impossível*, não obstante a nossa própria existência nada mais seja do que essa mesma ação mental sobre a matéria.

Rhine teve de partir de coisas simples e concretas, seguindo as exigências de clareza e distinção do método cartesiano, ainda imperantes na metodologia científica. E se a Parapsicologia não conseguiu até o momento elevar-se das experiências humildes até às grandes investigações da antiga Ciência psíquica inglesa ou da Metapsíquica francesa, isso ainda se deve a esse mesmo respeito pelas exigências das Ciências. Mas apesar de todas essas limitações físicas impostas à investigação de fenômenos extrafísicos, a verdade é que a Parapsicologia já avançou o suficiente para provar a existência, como sustenta Rhine, de um universo não-físico. Embora obrigada a rastejar na mesa de jogo, ela conseguiu arrancar a mente das limitações sensoriais. Não é isso admirável?

Hoje, nos grandes centros universitários da Europa, da Ásia e da América a Parapsicologia é uma ciência que tem o seu campo objetivo bem definido e permite o doutoramento na defesa de suas teses. A telepatia, a clarividência e a *precognição* estão provadas e comprovadas através de milhares de experiências e investigações. E a psicocinesia ou ação direta da mente sobre

objetos do mundo exterior é também considerada como demonstrada, por cientistas da envergadura de Rhine, de Soal e de Price, além de outros cuja citação exigiria uma longa lista. E isso apesar de ser a psicocinesia o grupo fenomênico menos estudado e investigado, em virtude da intensidade dos preconceitos científicos referentes à possibilidade dos fenômenos incluídos na sua denominação.

Assim, embora a Parapsicologia esteja ainda na fase de descoberta de um novo mundo, as provas que já conseguiu efetivar são suficientes para abalar a rigidez da concepção física ou materialista que até agora imperou na Ciência moderna. Se juntarmos a essas provas do campo psicológico as que nos são oferecidas no próprio campo físico pelas descobertas da Física Nuclear – que assume dia a dia as proporções de uma verdadeira para-física – veremos que Pitirim Sorokin, da Universidade de Harvard, tem razão ao acreditar que nos encontramos numa fase de transição para nova forma de cultura.

Se até agora a nossa cultura se limitou aos dados do campo sensorial – apesar das dúvidas de Descartes e das experiências psicofísicas de Webber e Fechner sobre os limites das sensações – é evidente que não podíamos conceber a dialética histórica senão nas suas possibilidades concretas. Mas no momento em que rompemos o arcabouço físico da nossa formação cultural, abrindo perspectivas novas dentro da própria investigação científica da Natureza, seja no plano subjetivo ou no objetivo, é evidente que a dialética histórica do Marxismo se projeta de volta no rejeitado espiritualismo hegeliano. Queiram ou não queiram os que, como Bertrand Russel, insistem na sustentação da concepção materialista, a verdade é que a natureza não-física do Universo se abre diante dos nossos sentidos atônitos como uma vasta perspectiva.

Dessa maneira, não há nenhuma precipitação na formulação de uma hipótese da dialética-palingenésica. Hipótese, aliás, que não se apóia apenas nas investigações parapsicológicas e no desenvolvimento extrafísico da própria Física, mas num poderoso, vasto e profundo substrato histórico que desde a era tribal vem marcando a presença do espírito nos acontecimentos huma-

nos. Outra consequência natural da Parapsicologia é esse descondicionar do pensamento que representa a reintegração do homem na realidade natural. Rompendo o condicionamento artificial da evolução científica, feita nos limites estreitos do raciocínio *fisicista*, a Parapsicologia nos liga novamente às raízes espirituais da espécie.

Dois fatos científicos de maior importância apóiam a tese da dialética palingenésica: a descoberta da antimatéria (que mostra a possibilidade de um antiuniverso) e a teoria do Universo oscilante de Ernst Öpik, que restabelece a hipótese grega do desaparecimento periódico do Universo e sua reconstrução cada trinta milhões de anos. Hipótese, dirão. Sim, mas hipótese baseada em dados rigorosos da investigação científica e aceita pelo mundo científico. O Universo que se destrói e reconstrói é um Universo palingenésico.

6.

Carington e a Parassociologia

A nova forma de cultura a que alude Pitirim Sorokin não pode ser inteira ou absolutamente nova. Sua novidade está na reformulação das bases atuais da Teoria Geral do Conhecimento. Mas essa reformulação, por sua vez, será apoiada em elementos fundamentais da cultura atual. Elementos que, como a pedra rejeitada da parábola, vão agora servir para construção de um edifício amplo e mais arejado, de um novo templo do saber, para usarmos essa expressão mística bem adequada às fases de renovação.

Esses elementos são justamente aqueles que foram postos de lado pelo desenvolvimento do racionalismo iluminista como resíduos de um passado místico: os conceitos de uma realidade não-física e da sobrevivência espiritual do homem. Aos dados que apresentamos no capítulo anterior, justificando a tese da dialética-palingenésica, podemos acrescentar os da doutrina parapsicológica de Whately Carington, que realizou experiências de importância substancial no Laboratório de Psicologia da Universidade de Cambridge sobre a transmissão telepática de desenhos, como vimos anteriormente.

Carington era desses parapsicólogos que não têm medo de palavras. Para ele não havia palavras feias no dicionário. Por isso não teve dúvidas em aceitar a dicotomia espírito-matéria para tentar uma explicação dos fenômenos observados. E graças a essa coragem ofereceu à Parapsicologia uma contribuição das mais fecundas. Preocuparam-lhe sobretudo os desvios de percepção no processo extra-sensorial. E a investigação nesse sentido revelou-lhe coisas curiosas, induzindo-o a uma medida de economia de hipóteses: a redução de toda a *ESP* (*percepção extra-sensorial*) a uma forma única, a telepatia precognitiva.

O próprio Carington admitiu que “forçava a mão” para fazer essa temerária redução. Mas partindo do princípio de que é preferível trabalhar com firmeza em âmbito menor, atreveu-se a realizá-la. Ao mesmo tempo, porém, que economizava em hipó-

tese, quanto às modalidades dos fenômenos, via-se obrigado a esbanjar no sentido interpretativo. Essa contradição é plenamente justificável, pois se a simples existência da telepatia já lhe acarretava tantas preocupações de ordem qualitativa, que dizer da multiplicidade de *ESP*, que o obrigaria a esforços muito maiores?

Carington verificou que o objeto telepático em si, e portanto o objeto material, “nada tinha a ver com o fenômeno”. Quer isso dizer que a transmissão telepática se efetuava de mente a mente, sem qualquer relação com o mundo objetivo. Vejamos como isso aconteceu. Carington abria um dicionário, tomava a primeira palavra utilizável para o caso, fazia um desenho e o afixava em seu gabinete. O sensitivo captava, à distância, não aquele desenho, mas o que seria feito no dia seguinte. Entretanto, nem o próprio Carington sabia qual ia ser esse novo desenho que dependia da palavra a lhe ser novamente oferecida pelo dicionário. Era um caso típico de *precognição*.

A única maneira de explicar essa ocorrência, encontrada por Carington, foi a hipótese do associacionismo paranormal. Essa hipótese consistia na existência de um sistema de relações inconscientes que permitia o processo telepático, não como simples transmissão e recepção de mensagens, mas como uma forma de comunhão mental. Assim, quando o percipiente se dispunha a receber as mensagens de Carington, sua mente comungava com a do experimentador e todas as ocorrências ligadas ou associadas à experimentação em marcha se lhe tornavam acessíveis.

A conseqüência lógica dessa hipótese era a admissão da existência de entidades psíquicas que Carington designou por *psícon* e *sensa*. A mente, e portanto o espírito humano, seriam uma estrutura de átomos extrafísicos: os *sensa* produzidos sensorialmente pelo contato com o mundo exterior; e os *psícon*, imagens sutis daqueles, de natureza puramente mental. O espírito voltava a ser o feixe de imagens de Berkeley. Nada mais justo que esse feixe, uma vez ocorrida a morte do indivíduo humano, subsistisse no plano extrafísico. Desapareciam os *sensa* mas sobreviviam os *psícon*.

Partindo daí, Carington sustentou a hipótese da sobrevivência da estrutura *psicônica* após a morte do homem. E acrescentou que essa estrutura – o espírito liberto do corpo – poderia entrar em relação com outras estruturas da mesma natureza e conseqüentemente comunicar-se com os vivos através dos processos mediúnicos. Analisando, por exemplo, o livro *Raymond*, de Sir Oliver Lodge, declarou não haver nada de estranho em que o filho de Lodge, morto na guerra de 1918, revelasse ao pai a existência de um mundo extrafísico semelhante ao mundo físico. E isso porque os *psícon* de Raymond haviam sido formados pelos *sensa* da sua vida física.

A doutrina de Carington, mesmo que desprezemos as suas ilações metafísicas, contribuiu para abrir novas perspectivas à investigação dos fenômenos *psi*. A rigidez esquemática do processo de transmissão telepática, semelhante ao das transmissões telegráficas, foi substituída pelo dinamismo da *associação do conhecimento paranormal*. O processo de *ESP* se revelou mais complexo do que parecia até então. As novas experiências, que ainda agora se desenvolvem nessa orientação nova da hipótese de Carington, poderão decidir por uma reformulação fecunda de muitos aspectos da problemática parapsicológica.

Mas voltando à tese da dialética-palingenésica, vemos que Carington contribuiu para a sua formulação abrindo as perspectivas para a elaboração de uma verdadeira Parassociologia. As entidades psíquicas de Carington, como *estruturas psicônicas*, em inter-relações fora do plano material e ao mesmo tempo com suas possibilidades de relações com as estruturas mergulhadas neste plano – caso de Raymond, por exemplo – ampliam o campo sociológico levando-nos de volta à cosmossociologia de que falava Durkheim a respeito das cidades gregas, onde homens e deuses conviviam naturalmente. Carington abriu, dessa maneira, na Parapsicologia, a possibilidade de uma Parassociologia que virá fortalecer a tese da dialética-palingenésica.

Na verdade essa Parassociologia já é, há muito tempo, uma realidade social desconhecida pelas Ciências. No mundo inteiro os homens vivem em permanente relação com criaturas espirituais. O próprio Positivismo não pôde escapar ao reconhecimento

de que *os mortos governam os vivos*, embora apenas através da dinâmica cultural. Carington, à maneira de Rhine, nada mais faz que dar forma científica a uma realidade natural e universalmente reconhecida. Essa realidade só é nova para as Ciências.

Há alguns anos, o sociólogo Gilberto Freyre propunha, em artigo na revista *O Cruzeiro*, a criação de uma sociologia do sobrenatural para explicar relações extra-humanas. Alegava que mesmo admitindo-se apenas a existência imaginária de entidades espirituais não se podiam negar as suas relações com os homens e a sua influência na vida social. Essa tese das *relações imaginárias* lembra a influência mitológica na dinâmica social. A teoria de Carington oferece a essas relações a possibilidade de uma efetivação no plano da realidade pesquisada e demonstrada pelas Ciências.

7.

Implicações sociológicas

As proposições de Carington estabelecem teoricamente, no campo da Parapsicologia, o problema das relações metafísicas. Trata-se de um velho problema que nada tem de extraordinário, pois desde todos os tempos os homens se viram embaraçados com ele. Mas Carington tem a vantagem de colocar esse problema em termos de hipótese científica, tomando-se a palavra *hipótese* no seu verdadeiro sentido científico, ou seja, o de orientação de pesquisa. Parapsicologicamente dispomos, assim, de uma possibilidade de investigar as relações sociais paranormais, que se manifestam de maneira mais evidente no campo das manifestações espíricas e espiritóides. Por este último termo entendamos os fenômenos anímicos e fisiológicos que podem ser confundidos com manifestações *psicônicas*, segundo a proposição de Carington.

Mesmo, porém, que deixemos de lado esse problema das relações de entidades extrafísicas com as criaturas humanas, no sentido de uma parassociologia de natureza mediúnica, teríamos ainda pela frente o problema das implicações sociológicas das *funções psi*. Não podemos ignorar no contexto social a existência dessas funções e o papel que elas exercem. A Sociologia, portanto, vê-se obrigada a desbordar dos seus limites atuais ao impacto das comprovações efetuadas pela investigação parapsicológica. Imaginemos o que isso provocaria no espírito positivo de Comte ou Spencer e compreenderemos a reação dos sociólogos atuais a uma proposição dessa espécie. Não obstante, à semelhança da Física, que avança dia a dia e inelutavelmente nos rumos da Parafísica, a Sociologia já não mais poderá ignorar os problemas levantados pela constatação da existência das *funções psi*.

Na vida normal as manifestações *psi* ocorrem numa verdadeira gama que vai do simples pressentimento até os casos de telepatia, clarividência e *precognição*. No plano das ocorrências patológicas, como o demonstrou Ehrenwald, essas manifestações adquirem vigorosa significação, pois tanto podem ocasionar desequilíbrios quanto, devidamente estudadas, prevenir e corrigir

os estados psíquicos anormais. Carl Wickland, da Faculdade de Medicina de Chicago, publicou há tempos um curioso livro sobre o assunto. Trata-se de um relato de suas experiências na clínica psiquiátrica. Experiências de ordem espiritual, mas que nem por isso deixam de contribuir para o esclarecimento das implicações sociológicas das *funções psi*. Seu livro tem o título, não raro considerado sensacionalista, mas na verdade apenas explicativo de sua posição: *Trinta Anos entre os Mortos*.

No capítulo final desse livro diz Wickland: “É imprescindível que as investigações psíquicas sejam realizadas por homens de Ciência, que dela se encarreguem homens dispostos a pôr de lado todos os preconceitos, livres de qualquer prevenção, a fim de poderem sopesar todas as provas e classificar os descobrimentos que se venham a fazer”. Esse trecho nos mostra que a posição de Wickland não é espiritual no sentido místico, mas na linha do esclarecimento científico do problema, por ele não apenas investigado mas sobretudo vivido.

Casos como este do psiquiatra Wickland e os de William Crookes, Charles Richet, Gustave Geley, William Crawford e mais recentemente os de Rhine, Soal, Price, Björkheim e tantos outros mostram-nos que as *funções psi*, no presente como no passado, influem até mesmo nos problemas da Sociologia da Cultura. Poderíamos ainda evocar os casos clássicos de Sócrates, Plotino, Descartes e Joana D'Arc para acentuar a importância dessa influência no processo cultural. Isso sem contar as múltiplas ocorrências de intuições e revelações de tipo iluminista verificadas com cientistas, artistas, escritores, poetas e músicos por toda parte e em todas as épocas.

Quando falamos, pois, de uma Parassociologia, podemos considerar a proposição em dois planos: no referente às implicações de *psi* na vida normal ou cotidiana e no referente às ocorrências paranormais, que tanto podem ser as manifestações ostensivas de faculdades extrafísicas quanto os problemas do misticismo e da psiquiatria. As investigações parapsicológicas modificam a posição desses problemas, obrigando-nos a encará-los com mais vasta compreensão. A complexidade do *aqui* e do *agora* existen-

ciais se mostra mais profunda e mais exigente diante dos dados dessas investigações.

Por outro lado há a considerar todo o rol de conseqüências sociais das diversas formas de manifestação das *funções psi*. Declarou recentemente uma ilustre psiquiatra paulista, a Dra. Maria de Lourdes Pedroso, em entrevista à imprensa, que toda a civilização ocidental, como o demonstra a sua denominação específica de “civilização cristã”, provém da ocorrência de manifestações metergéticas na Palestina. Abstraindo-nos do sentido espiritual do Cristianismo e encarando-o apenas na sua significação sociológica, principalmente nos quadros da Sociologia Cultural, teremos de dar razão à psiquiatra. As *funções psi*, não apenas do homem que produziu a revolução cristã, mas de todos os que foram partícipes desse movimento de importância fundamental para aquilo que o padre Chardin denomina *fenômeno humano*, foram realmente responsáveis pela transformação do mundo.

O *fenômeno humano*, portanto, implica aspectos fundamentais que foram até agora negligenciados na sua avaliação científica. A negligência decorria de fatores conhecidos: de um lado a posição retrógrada do misticismo religioso impedindo o acesso ao conhecimento do paranormal; de outro lado a barreira levantada pelo ceticismo dos que pretendiam reduzir a Ciência aos objetivos materiais. A investigação parapsicológica, como bem o afirmou o Professor Rhine, vem arrancar o pensamento atual desse dilema desesperante ao provar-lhe cientificamente a existência de um Universo extrafísico. Liberto assim do peso do objetivo, que o próprio desenvolvimento das Ciências físicas já superou, o pensamento atual está em condições de alargar as suas perspectivas no plano do subjetivo. E é na amplitude dessas perspectivas que podemos falar das possibilidades evidentes da Parassociologia, decorrentes do avanço já realizado em todo o mundo pela investigação parapsicológica.

Alfred Still reconhece em seu livro *Nas Fronteiras da Ciência e da Parapsicologia* que as provas científicas da materialização de espíritos são realmente sérias, *embora não seja necessário admitirmos que se trata de espíritos*. Se a questão de rótulo é

assim tão importante chamemos a essas entidades de *estruturas psicônicas*. A teoria de Carington poderá servir de salvo-conduto aos *fantasmas* de Crookes e Richet para entrarem no mundo científico das interpretações sociais. Tanto mais que na realidade social natural há muito eles já se acomodaram.

Os homens mais ilustres, dizia Kardec, são às vezes tão fúteis que se arreceiam de palavras. Não permitamos que as palavras sirvam de barreira aos que desejam tomar conhecimento das novas dimensões da Sociologia. A expressão criada por Carington agrada mais aos que se interessam pelas novidades da terminologia científica. Ao invés dos *fantasmas dos mortos*, que dão calafrios a muitos espíritos positivos, deixemos que as *estruturas psicônicas* passem livremente pelo mundo dos vivos, enriquecendo com seus *psícons* as nossas relações sociais.

8.

Psi e as transformações sociais

Procuremos examinar a dualidade sociológica das implicações de *psi* a que já nos referimos. De um lado temos as implicações na vida normal ou cotidiana. À primeira vista são ocorrências de segunda importância, sem maiores conseqüências para a vida social. Na verdade elas não somente influem na conduta dos indivíduos e dos grupos, mas determinam essa conduta. Os *arquétipos coletivos* de Jung, os *instintos do eu* de Freud; a *vontade de poder* de Nietzsche; a *compensação* de Adler e outras hipóteses do gênero bastariam para mostrar a importância da *percepção extra-sensorial* na conduta. Aliás, toda a Psicologia moderna e o desenvolvimento da Psicologia Social são suficientes para advertir-nos quanto à necessidade de uma investigação a respeito dessas influências.

Não queremos substituir as hipóteses psicológicas acima mencionadas pelas hipóteses parapsicológicas. Pelo contrário, servimo-nos delas para exemplificar as implicações de *psi* na conduta. Toda a História se apresenta repleta de episódios nesse sentido. Das profecias trágicas de Cassandra, em Tróia, aos augúrios oraculares da Grécia e Roma, até às vozes de Joana D'Arc, as intuições de Napoleão e as previsões de Lenin, há toda uma seqüência de fatos paranormais balizando o processo histórico. O mesmo se dá no plano individual. O homem que pressente a queda de um avião e troca a sua passagem no aeroporto, movido por um impulso do qual a seguir se arrepende, mas graças ao qual salva a sua vida, há de compreender que *psi* foi de importância fundamental para a sua conduta num momento decisivo.

Tanto no plano da Psicologia Individual quanto no plano da Psicologia Coletiva ou de grupo e no plano mais vasto da Psicologia Social as implicações de *psi* não são apenas admissíveis, mas sobretudo evidentes e altamente significativas. O chamado *momento psicológico* nada mais é que o deflagrar de um processo coletivo de *psi*. Isto é mais fácil de compreender quando nos lembramos que as investigações parapsicológicas não se restrin-

gem ao psiquismo humano, tendo demonstrado como os grupos animais se conduzem através de suas *funções psi*. A *percepção extra-sensorial*, como um radar orgânico individual, produz a conjugação necessária no plano coletivo para que um grande conjunto se forme, em termos *gestálticos*, orientando a conduta de toda uma coletividade e decidindo os rumos da História. Humberto Mariotti lembra, a propósito, as fases culminantes da Revolução Francesa e da Revolução Russa, mas podemos lembrar também as proposições teóricas de Kurt Lewin sobre a conduta de grupos em momentos de tensão coletiva. Nesses momentos, poderíamos dizer com Carington, entidades *psicônicas* individuais se agrupam formando entidades sociais.

Voltando aos *arquétipos coletivos* de Jung, devemos lembrar o estudo clássico de Mannheim em *Ideologia e Utopia*. As aspirações ideológicas têm o seu momento de deflagrar, que tanto pode ser favorável como negativo. Nos dois casos acima citados, o da Revolução Francesa e o da Revolução Russa, o momento de deflagrar foi positivo. Os materialistas atribuem o sucesso às condições objetivas, mas dificilmente poderiam mostrar como e porque essas condições se formaram e chegaram a um ponto favorável. Mannheim acentua: “O aparecimento e o desaparecimento de problemas em nosso horizonte intelectual são governados por um princípio ainda obscuro. A própria ascensão e o desaparecimento de sistemas completos de conhecimento podem ser reduzidos, em última análise, a determinados fatores, tornando-se, assim, explicáveis. (...) Da mesma forma, deveria a Sociologia do Conhecimento procurar investigar as condições em que problemas e disciplinas se formam e desaparecem”.

O reconhecimento da existência das *funções psi* em âmbito individual e coletivo desloca o problema das transformações sociais do plano das simples condições materiais para o das condições psíquicas ou psicossociais. Compreendemos então que há algum motivo não descoberto, não percebido, para que, em dado momento, a revolução social se alastre e chegue a triunfar “no elo mais fraco da cadeia imperialista”, enquanto nos elos mais fortes se torna impossível. Compreendemos que as condi-

ções econômicas e sociais não são suficientes por si mesmas, pois as transformações só se realizam, de maneira pacífica ou violenta, nos momentos em que as *funções psi* atingiram uma fase culminante de percepção da nova realidade que se aproxima. Trata-se de um caso de *precognição* coletiva.

Tudo isso ocorre, como vemos, no plano da vida normal, no processo natural do desenvolvimento de fatos sociais. Até aqui não intervêm as hipóteses de Carington sobre a existência de uma parassociologia do intermúndio, ou seja, de um processo de relações extrafísicas entre entidades *psicônicas* sobreviventes à morte do corpo e as criaturas humanas. Ao admitirmos, porém, esse processo mediúnico de relações passamos a outra série de conseqüências. As *funções psi* assumem, nesse caso, importância muito maior, nos termos da proposição de Mariotti sobre a dialética palingenésica. A sobrevivência do espírito na forma de entidades *psicônicas* proposta por Carington ou na forma mentalista de Price e outros, esta simples sobrevivência implica novos e muito mais vastos processos de relação social através do tempo. E a hipótese palingenésica, conseqüência lógica da hipótese de Carington, oferece-nos então a perspectiva de uma continuidade histórica que podemos chamar de conseqüente.

Vejam as decorrências disso. Se admitimos, como explicava Ernesto Bozzano, a existência no homem de uma *percepção extra-sensorial* e de uma possibilidade, também, de ação extrafísica, é evidente que admitimos a sua natureza transcendente. Rompemos a concepção organocêntrica a que continuamos apegados após o rompimento da concepção geocêntrica. De certa maneira a tendência centralizadora do pensamento, que foi superada pelo heliocentrismo no plano cósmico, refugiou-se no organocentrismo biológico, ou seja, expulso da Astronomia, escondeu-se na Biologia. A descoberta científica das *funções psi* vem atacar essa tendência no seu último reduto, revelando a possibilidade de vida e de atividades vitais fora dos organismos físicos. O homem transcende a si mesmo, projeta-se fora das suas condições imediatas de vida. As *estruturas psicônicas* vivem e agem independentemente de seus antigos organismos físicos.

É claro que dessa simples projeção resultam conseqüências numerosas e de mais elevada significação. Se a vida humana, como a de todos os outros organismos, não se extingue com a perda do instrumento orgânico, e se a concepção palingenésica admite a volta das *entidades psicônicas* à vida orgânica, desaparece a solução de continuidade do processo histórico, tanto para os indivíduos que dele participam quanto para as coletividades. O *agora* existencial tem importância não apenas agora e não somente para este indivíduo que o vive, mas também no futuro e para aquele indivíduo que lá se apresentará, embora noutra forma e noutras condições. Refletindo sobre isto percebemos o mundo novo de responsabilidades e esperanças que a dialética palingenésica nos descortina.

O “princípio ainda obscuro” a que se refere Mannheim torna-se claro diante dos resultados ainda incipientes da investigação parapsicológica. As relações sociais formam um contexto muito mais amplo do que o visível no plano material. A Sociologia do Conhecimento só poderá penetrar além do contexto visível quando levar em consideração a existência das *relações psi* e o fato da sua importância básica para o desenvolvimento da cultura. As transformações sociais e culturais mostram-se regidas, à luz da Parapsicologia, por leis psíquicas ainda desconhecidas, mas que já se tornaram acessíveis à pesquisa científica. *Psi* pode encerrar o segredo dos fatores obscuros que precipitam as revoluções culturais e políticas.

Compreendemos melhor esse problema quando nos lembramos da tese *gestáltica* de que não vivemos na realidade concreta, mas numa realidade psíquica. O nosso mundo – o mundo humano das relações sociais – não coincide com o mundo físico. Todos os psiquiatras e psicoterapeutas sabem quanto têm de lutar para integrar seus clientes até mesmo na factícia realidade social, que na verdade é psicológica.

Vivemos no mundo dos nossos anseios, das nossas ilusões, das nossas esperanças e dos nossos desesperos muitas vezes sem razão. Essa imensa rede psíquica estendida sobre a realidade física é regida por suas próprias leis que, em geral, independem das leis físicas no processo da dinâmica social.

9.

Psi e a revolução cristã

Rompida com a prova científica da existência das *funções psi* a concepção organocêntrica da vida, a tendência egocentrista do homem sofre a sua última derrota no campo da Filosofia e da Ciência. O orgulho humano, que na sua futilidade fizera do nosso planeta o centro do cosmos, e posteriormente da nossa forma animal de vida o centro do psiquismo, a única possibilidade de manifestações vitais inteligentes, foi abatido no seu último reduto. *Psi* abre as portas do mundo extrafísico, segundo afirmou Rhine, e completa a revolução da Física Nuclear revelando a outra face do cosmos, até agora apenas vislumbrada pela intuição filosófica, artística e religiosa.

Ao fazer isso *psi* transfere o problema humano do temporal para o atemporal, para a duração. O conceito estático de eternidade não seria admissível, a menos que aceitássemos a imobilidade aristotélica. Na duração o dinamismo psíquico se apresenta em sua plenitude, como o revelam as experiências parapsicológicas, superando todas as barreiras conceptuais de espaço e tempo. Temos então, aquele *universo pleno de deuses* de que falava Tales, não no sentido greco-mitológico mas no sentido *psi*, ou seja, da existência de entidades psíquicas além de todas as nossas possíveis barreiras. É claro que essa consequência lógica de *psi* não poderá ser cientificamente demonstrada senão no futuro, com o avanço da investigação além das próprias barreiras físicas do método quantitativo. Mas teoricamente ela se impõe desde já, desde o momento em que, como num passe de mágica, dentro das próprias condições rigorosas da investigação de laboratório, as cartas *Zener* e os dados de Rhine abriram a primeira brecha na concepção física do Universo.

Colocados, assim, diante daquela realidade extrafísica que Carl Du Frei chamava *outro lado da vida*, verificamos imediatamente algumas consequências para as relações sociais, da mais alta importância filosófica, política e econômica. Na primeira dessas ordens, a filosófica, temos a reafirmação prática do princípio teórico da liberdade. Os experimentos de *precognição*

parecem contrariar esta dedução, revelando uma estrutura determinista do processo existencial. Essa primeira impressão decorre da nossa prisão conceptual, nos limites de tempo e espaço. A *precognição*, se de um lado revela a existência de um determinismo na seqüência dos eventos, de outro lado demonstra a possibilidade de penetração da mente nesse determinismo e conseqüentemente a sua possibilidade de ação sobre ele. A mente não é apenas espectadora passiva dos acontecimentos, mas a modeladora e condutora destes. Esse fato se patenteia particularmente nas experiências de telepatia precognitiva, onde se verifica, como nas observações de Carington, que o pensamento deflagra uma ordem causal ou sincrônica de eventos. É o caso das estruturas *psicônicas* ou das estruturas mentais, em que o percipiente consegue penetrar descobrindo os elementos não-revelados que constituem todo um plano de experimentação.

O princípio de liberdade, tão limitado no plano existencial, mas que assim mesmo serviu para a definição sartreana da essência do homem como sendo a própria liberdade, reafirma-se e amplia-se nessa outra face do existencial que é a existência extrafísica, em termos de *psi*. Domínio do espaço e do tempo, ação da mente sobre a matéria e sobre a estrutura determinista dos eventos extrafísicos: são estas as características da liberdade psíquica muito mais ampla e fecunda que a liberdade humana do plano temporal. A mente é livre de penetrar o espaço e o tempo em todos os sentidos – do que podemos ter a nossa experiência comum através do pensamento – e livre para se determinar a si mesma e determinar a cadeia de eventos que lhe convém ou não desencadear. Não temos apenas a reafirmação, mas também a ampliação do princípio de liberdade.

A seguir, na ordem política – que também se abre para as perspectivas místicas da *polis celeste* – temos a reafirmação e a ampliação do princípio de igualdade. Os homens já não são iguais somente perante a lei, no plano dos direitos convencionais, mas também e sobretudo perante a sua funcionalidade, a sua função na ordem cósmica. A igualdade humana rompe as comportas do convencionalismo, supera os conflitos do organocentrismo – provenientes da extrema variabilidade orgânica no

plano étnico – e projeta-se como realidade extrafísica, superando o existencial (que no caso se apresenta simplesmente como o circunstancial) para afirmar-se como essencial. Os homens são essencialmente iguais, como o comprova a observação de suas possibilidades mentais, intelectuais e emocionais (ou estéticas) na própria observação comum. A natureza mesma das *funções psi*, como manifestações de um psiquismo primitivo comum aos animais e ao homem, revelando apenas graduações evolutivas, demonstra a igualdade psíquica fundamental como potencialidade sujeita às mesmas leis e aos mesmos processos de atualização, de maneira universal.

Assim como no plano biológico o recém nascido é potencialmente igual ao adulto, no plano psíquico a igualdade potencial se apresenta válida, e ainda mais, enriquecida pela irreduzibilidade e a irreversibilidade do psiquismo. As experiências de *psi* com retardados mentais demonstrou que a atrofia psíquica é apenas decorrente das deficiências orgânicas do plano físico, podendo os retardados, como os psicopatas em geral, exercer suas *funções psi* tão bem ou melhor que os indivíduos normais.

No tocante à economia, *psi* nos arranca da infra-estrutura material como o mineiro que arrancasse minérios das entranhas da terra para convertê-los em utilidades da superestrutura cultural. A economia de *psi* não é simplesmente econômica, mas ético-econômica. Nesse novo plano da ético-economia nossos conceitos se elevam acima da matéria e da energia, para atingirem, além do que conhecemos comumente por psiquismo, a área de *psi* propriamente dita. Nessa área temos uma superestrutura de *funções psíquicas onde a fraternidade se apresenta como lei*. As experiências parapsicológicas revelam a inviabilidade de *psi* entre pessoas que não se estimam. A simpatia é condição básica para a sintonia mental e psíquica que produz os resultados significativos na experimentação de laboratório. Simpatia, sintonia, harmonia, eis os termos que nos podem abrir as portas da concepção ético-econômica do Universo, reafirmando e ampliando o princípio da fraternidade.

Dessa maneira vemos que *psi* nos aparece como a seqüência lógica do processo histórico do Cristianismo. A revolução cristã,

que minou a estrutura de injustiças do mundo clássico e preparou o advento do mundo contemporâneo através do Renascimento e da Revolução Francesa, renova-se e amplia-se na conquista desta nova concepção do homem e do mundo que a Parapsicologia nos propõe. Não nos esqueçamos de que, segundo Wilhelm Dilthey e Whitehead, o milênio medieval não foi mais do que a preparação do Renascimento, predispondo o homem para a volta à cultura clássica, mas através do enriquecimento conceptual do Cristianismo. *Psi* prossegue essa revolução ao provar cientificamente a transcendência do homem.

Estamos no fim de outra fase de preparação histórica. O processo dialético se evidencia novamente: à fase teológica do medievalismo (com acentuação metafísica) sucede a fase positiva da era científica. Aquela preparou o advento da razão, esta prepara o advento da intuição. Às formas fragmentárias – porque racionais, analíticas, da percepção e do conhecimento – sucedem-se as formas *gestálticas* da percepção intuitiva que proporcionam o conhecimento global. Passamos da tese teológico-metafísica à antítese científico-positiva, e desta à síntese psicológica que se inicia com as investigações da Parapsicologia. Aos três estados da lei positivista de Augusto Comte o Professor Rhine acrescenta o *estado psicológico*, com a descoberta científica das *funções psi*, repetindo o gesto de Kardec em abril de 1868, como se pode ver na *Revue Spirite*.

10.

Psi e a civilização do espírito

O Cristianismo é uma revolução em marcha. Sua finalidade é instituir na Terra o Reino de Deus. O manifesto do Reino é o Sermão da Montanha. Mas como chegar à realização desse manifesto na ordem social, quando nos afastamos do seu princípio básico que é a natureza espiritual do homem? A partir da pregação de Jesus a revolução cristã se desencadeou. Não demorou muito e punha abaixo o mundo clássico greco-romano para iniciar uma nova ordem. Essa nova ordem começava por um longo processo histórico de fusão conceptual. Daí o *caldeirão medieval* de que fala Dilthey, em que a concepção greco-romana do mundo se fundiu lentamente com a concepção judeu-cristã. Arnold Toynbee coloca o problema em termos de física ondulatória: fusão da onda grega com a onda siríaca.

Victor Hugo já o dissera, no prefácio de *Cromwell*: “Uma religião espiritual, suplantando o paganismo material e exterior, se infiltra no coração da sociedade antiga, mata-a e sobre o cadáver de uma civilização decrépita depõe o germe da civilização moderna”. Nada mais claro e mais preciso. O Cristianismo se infiltra na velha estrutura minando-lhe os alicerces. Quando sopra a tempestade bárbara o Império não resiste. Mas em meio à ruína total alguma coisa se mantém firme e vai dirigir o caos; é a estrutura político-religiosa da Igreja, que se apresenta como síntese formidável das conquistas do passado. Encarna a estrutura imperial romana, o monoteísmo judaico e o politeísmo mitológico, a dogmática do mosaísmo e o racionalismo grego, o direito romano e a mística evangélica.

Delta histórico em que deságuam e se misturam os rios das diversas civilizações, o Cristianismo é o momento de sístole da evolução humana. Por isso mesmo se apresenta terrível e contraditório. É o *point d'optique* da expressão hugoana, em que “tudo o que existe no mundo, na história, na vida, no homem, tudo pode e deve ali se refletir, mas sob a vara mágica da arte”. O desespero judaico e o trágico grego se misturam à esperança cristã da salvação, e dolorosamente se funde a concepção român-

tica do mundo que florescerá na galanteria cavalheiresca e eclodirá em frutos no Renascimento. A Reforma e a Contra-Reforma assinalam o momento da diástole histórica do Cristianismo, o conflito fecundo em que o germe se rompe para que a germinação se realize. Morre o grão de trigo, segundo a expressão evangélica, para multiplicar-se na colheita futura.

A civilização contemporânea é ainda um momento da diástole. Mas os sinais da sístole já são visíveis. Na diástole o Cristianismo alienou-se, fragmentou-se e perdeu-se no mundo. Mas o fez para conquistá-lo. Na verdade ele apenas continuou a infiltrar-se nas estruturas arcaicas, mas agora para apossar-se delas, dominá-las e fundi-las preparando o Reino de Deus. O racionalismo nos deu as Ciências, que superaram as superstições mitológicas e quiseram reduzir o mundo a uma equação matemática. O homem se transformou em número – não o fecundo número pitagórico, mas a fria e estéril cifra do economismo utilitarista – e esse número passou a existir em termos de soma, multiplicação, subtração e divisão. A qualidade desapareceu alienada na quantidade. Mas como a qualidade é substância e a quantidade é apenas atributo, a primeira voltará a se impor.

A sístole cristã é o momento de volta à qualidade, à essência, ao Ser, ao homem como homem e não como número, ao homem como espírito e não como acidente biológico. O racionalismo se salva da alienação quantitativa superando suas próprias limitações através do avanço científico. É por isso que o rompimento da concepção física do mundo se verifica no próprio campo da Física: os números se opõem ao homem e o definem como o antinúmero, da mesma maneira por que o mundo, na concepção sartreana, se opõe à consciência e a define como não-mundo. Nas ciências psicológicas esse fato se patenteia de maneira dramática através das experiências quantitativas da Parapsicologia. O método fragmentário conduz à reunificação do objeto, as provas quantitativas reafirmam a qualidade una do psiquismo. Isso é o que permite a Rhine proclamar que a Parapsicologia devolve à Psicologia *o seu objeto perdido*.

É assim que vemos o retorno do homem a si mesmo através da descoberta parapsicológica de suas *funções psi*. Torna-se

agora possível, não apenas em sentido individual, mas no sentido coletivo, obedecer à ordem do Oráculo de Delfos – ”conhece-te a ti mesmo”. *Psi*, essa espécie de mistério moderno, racionalmente definido por uma letra grega, surge como nova esfinge no caminho de Édipo. Por isso muitos a temem, outros zombam dela, outros querem negá-la, outros reduzir a sua significação ao mínimo possível e outros, ainda, simplesmente desviá-la do caminho. Mas eis que ela está aqui, diante de nós, irremediável e irrevogavelmente. Não há como escapar ao seu fascínio. Denis de Rougemont disse que o Cristianismo primitivo aprendeu a falar grego para cumprir sua missão universal. O mundo moderno será espiritualmente alfabetizado por uma letra grega.

A importância de *psi*, como se vê, é fundamental para o momento de transição que estamos vivendo. A demonstração científica da natureza espiritual do homem, ainda apenas em início, mas já suficientemente realizada pela investigação parapsicológica, abre a possibilidade de interpretação científica dos princípios evangélicos. Surge, não somente no plano da cogitação filosófica, mas na polaridade teórico-prática das ciências modernas – a hipótese parapsíquica como potência atualizada na experimentação – a possibilidade de construção de uma civilização do espírito que superará as limitações da civilização materialista do presente. O homem-cósmico da astronáutica é também o homem-psíquico das *funções psi*. E é graças a essa verdadeira ação de pinça – o ataque sincrônico através da Física e da Psicologia – que o arcabouço materialista cederá mais rápido do que o supõem os seus defensores.

O mundo consciencial ou a *República dos Espíritos* que René Hubert proclama, na corrente neokantiana do relativismo-crítico, já não se assemelha à República de Platão mas a um resultado fatal do processo dialético hegeliano. Este processo, por sua vez, revela a sua mola oculta, que o Marxismo e o Existencialismo sartreano ignoraram: é o elã vital bergsoniano em trânsito psíquico através das formas orgânicas. A Parapsicologia animal revela a identidade psíquica do reino biológico, quebrando mais uma vez a aparente dicotomia cartesiana. As *funções psi* dos animais se elevam no plano hominal, onde a conquista e a elabo-

ração da razão as enriquecem, predispondo-as à criação do novo tipo de racionalismo com que precognitivamente sonharam os escolásticos: o *racionalismo-fideísta*, signo sob o qual se desenvolverá a *civilização do espírito*.

Mas o que podemos entender por esse tipo de civilização? O racionalismo-fideísta é a síntese da razão e da fé, a unificação do espírito. O homem dividido reencontra a sua metade perdida, segundo o mito platônico. O amor então se realiza na plenitude do espírito. Se o homem racional era incerteza e desespero, conquista e ganância, em oposição ao homem de fé, que era acomodação e espera, mortificação e medo, o novo homem espiritual será compreensão e esperança, na percepção intuitiva das suas potencialidades, o que vale dizer da sua perfectibilidade. O desabrochar das *funções psi* o terá sobrelevado às contradições da dialética evolutiva.

Não se trata de um simples sonho, pois são as próprias investigações científicas que abrem essas perspectivas para o nosso século. Estamos no limiar de um mundo renovado pelo poder do espírito, que é o construtor das civilizações.

11.

Psi e o desenvolvimento moral

A investigação das *funções psi* tem as conseqüências inevitáveis de um mergulho nas profundezas do psiquismo. Alguns parapsicólogos de tipo fanaticamente científico não querem reconhecer esse fato e protestam contra as ilações de Rhine no campo das conseqüências morais, sociais, políticas e ideológicas da Parapsicologia. Mas o que mais valoriza o trabalho de Rhine e seu grupo é exatamente a amplitude de vistas que o caracteriza. Rhine não é apenas um pesquisador, é também um pensador. É um pensador capaz de tratar os resultados de suas experiências não apenas de maneira matemática e lógica, mas também emocional.

É precisamente nesse ponto que o carro pega, segundo alegam os seus adversários. Porque um cientista deve ser frio, racional e não emotivo. Deve ser sobretudo positivo, não passar além daquilo que os dados da experiência objetivamente oferecem ao seu exame. Essa é a mentalidade típica do mecanicismo. O cientista apresentado como uma espécie de *robô*, de homem metálico que abdica da parte fundamental de sua natureza humana para funcionar como diafragma de máquina fotográfica. Rhine não é assim nem deseja parecer assim. Como Einstein, tem a coragem de sentir febre diante das conclusões da sua pesquisa.

Em seu livro *The Reach of the Mind*, apresentando os resultados de mais de quinze anos de investigação, começa por colocar o que chama, com muita razão, “o problema central do homem”. Sua primeira frase é socrática: “Vós e eu, os seres humanos, o que somos?” E ele mesmo responde: “Ninguém o sabe”. A seguir exclama: “É quase incrível essa ignorância do conhecedor a respeito dele mesmo!” Sim, porque o homem é um conhecedor insaciável que estende a sua curiosidade em todas as direções, que tudo conquista e domina, menos a si mesmo. O que leva Rhine a advertir: “Os historiadores do século XXI ficarão assombrados ao constatarem que o homem demorou tanto em concentrar as suas investigações sobre o problema da sua própria essência”.

Mais assombrados ficarão ao se lembrarem de que Sócrates já proclamava a necessidade do *conhecer-se a si mesmo* antes do *conhecer o mundo*. A pesquisa científica de *psi* não pode, por isso, limitar-se à zona periférica das percepções. Deve aprofundar-se, como o faz Rhine, em termos de estrutura e essência. Inútil criticá-lo por isso. O processo de investigações *psi*, uma vez desencadeado, terá forçosamente de prosseguir até às suas últimas conseqüências. E as últimas conseqüências, tanto na prática científica quanto na cogitação filosófica, tanto na experiência quanto no pensamento – na ordem empírica e na racional – são sempre de sentido moral.

Rhine acentua este aspecto contraditório do nosso tempo: enquanto nas Faculdades de Teologia preparam-se jovens pregadores instruídos em velhos princípios de fé, nas Faculdades de Medicina, a poucos metros de distância das primeiras, formam-se jovens médicos instruídos nos princípios da descrença. E ambos, o sacerdote e o médico vão operar no meio social, muitas vezes encontrando-se aos pés do mesmo leito, cada um com sua verdade particular, oposta e irreduzível à verdade do outro. O mesmo enfermo, entretanto, aceita e ajusta as duas verdades diante dos dois perigos que enfrenta: o da morte e o da sobrevivência.

A incapacidade da Ciência para provar que o homem é apenas corpo só encontra equivalente na incapacidade da Religião para provar que o homem é espírito. Nada mais justo que nessa situação de conflito insanável o Existencialismo sartreano nos proponha a moral da ambigüidade. Moral, aliás, que antes de sua formulação por Simone de Beauvoir já superava na prática os antigos padrões morais derruídos ao impacto das transformações sociais e culturais. Acusado de espiritualismo, no sentido de preconceito prejudicial à investigação científica, Rhine responde com a colocação das cartas na mesa. Literal e efetivamente é essa a sua atitude. As cartas e os dados sobre a mesa para que o problema seja solucionado nos termos da evidência cartesiana.

No final de *The Reach of the Mind* declara serenamente: “Se as futuras descobertas excluïrem toda possibilidade de aceitação da hipótese da sobrevivência podemos antecipar, com segurança,

que o desaparecimento das teorias de toda a espécie sobre a ressurreição não seria mais lamentável que o da existência dos antigos anjos alados, ou o da velha doutrina do enxofre entre os intelectuais das escolas teológicas de hoje”. As conseqüências morais que Rhine pretende tirar da investigação de *psi* não são de ordem espiritualista ou materialista, mas de ordem real ou verídica. O que importa não é a posição mental diante dos fatos, mas a realidade das comprovações. Porque tanto é prejudicial, do ponto de vista científico, o preconceito espiritualista quanto o materialista. Ambos, como assinala Ernst Cassirer, acabam por fazer os fatos empíricos deitarem no leito de Procusto das simples teorias.

A verdade, portanto, e não as suposições – a verdade que ressalte dos fatos – eis o que importa. E essa verdade, como o demonstra Rhine, já não admite contradições no estado atual das investigações parapsicológicas. Quando publicou o livro a que aludimos, as investigações ainda não haviam atingido o desenvolvimento de hoje. Mas assim mesmo Rhine podia afirmar que “as experiências de *ESP* e *Pk* demonstram que a mente está livre das leis físicas”. E acrescentava: “Estas investigações oferecem a única comprovação indiscutível que pode contribuir para a solução do problema da liberdade moral”.

A conclusão de Rhine é um anúncio dos novos tempos. É um programa do Reino, que renova em bases científicas o manifesto do Sermão da Montanha. A descoberta das *funções psi* e de seu alcance oferece bases experimentais para a formulação de uma nova moral. Não a moral ambígua destes tempos de incertezas e de contradições, mas a moral positiva dos tempos que já se abrem diante de nós, a moral apoiada no conhecimento da natureza extrafísica do homem. Uma coisa é a crença nessa natureza, outra coisa, e bem diversa, é a certeza científica. Como dizia Denis Bradley: “Afirmar *eu creio* não é o mesmo que afirmar *eu sei*”. Por isso *psi* se apresenta no quadro científico do nosso tempo como o resgate moral da Ciência e, portanto, da razão. A malsinada razão atinge em *psi* o momento de afirmar a sua vitória decisiva, superando a si mesma. Dessa vitória e dessa

superação resulta a *moral psi* que, na *precognição* de Rhine, estruturará o novo mundo.

Muitos perguntam o que entendemos por uma razão que supera a si mesma. Basta olhar para a graduação do processo racional em nosso mundo para ter a resposta. Vamos da razão da ignorância à razão da astúcia (a chamada razão diabólica), até à razão do sábio. Mas acima desta existe a razão do sábio-santo, que é o verdadeiro sábio, a razão iluminada pela intuição e a fé.

Porque a razão é a experiência vital dinamizada no espírito em forma de categorias mentais. Essa experiência e suas categorias dinâmicas se elevam ao plano da intuição e com ela se fundem na visão global e endopática do todo. A razão que supera a si mesma é a que rompe os limites sensoriais e se eleva além do tempo e do espaço nas asas de *psi*.

12.

Psi e o problema da crença

Ao estudar as relações de *psi* com o problema da crença tocamos inevitavelmente na velha questão da origem das religiões. O que são as religiões primitivas, senão simples crenças? Mas de onde provêm essas formas de crença, tão difundidas que tanto as encontramos nas regiões polares quanto nas zonas tropicais, nas épocas remotas, reveladas pela paleontologia, quanto na atualidade? Como sabemos, a tese da chamada antropologia inglesa, a partir de Tylor e Spencer, é a da excitação da imaginação primitiva pelo mistério do mundo. Mas há uma tese contrária, além da teológica. É a dos antropólogos espiritualistas como André Lang, Max Freedom Long, Cesare de Vesme e Ernesto Bozzano, que situam no plano da fenomenologia supranormal o problema da crença na sobrevivência.

Particularmente importante, para o estudo do caso, é o livro de Bozzano, *Popoli Primitivi e Manifestazioni Supernormali*, que ainda em 1946 foi reeditado por *Edizioni Europa*, de Verona, com introdução de Gastone de Boni. Importante porque Bozzano apresenta uma sinopse do problema, acrescentando informações valiosas sobre as investigações de Freedom Long entre as tribos da Polinésia e enriquecendo o volume com numerosos casos que equivalem a demonstrações positivas de suas próprias conclusões. Discípulo de Spencer, a quem presta homenagem no texto, Bozzano chega mesmo a propor uma extensão da teoria spenceriana, de maneira curiosa mas rigorosamente lógica, ampliando as proposições sensoriais do mestre no plano da *percepção extra-sensorial*.

A unanimidade esmagadora da crença na sobrevivência por todos os povos do mundo, em todas as fases da História, bastaria para nos indicar a origem natural dessa crença. A tese teológica, endossada pela proposição cartesiana da idéia inata de Deus, não tem condições para enfrentar as exigências científicas modernas. Mas a tese paranormal ou supranormal de Bozzano enquadra-se nessas exigências, encontrando possibilidades de comprovação experimental no campo das atuais investigações parapsicológi-

cas. Consideradas as *funções psi* como naturais, como faculdades comuns da espécie humana, compreende-se que as suas manifestações nos povos primitivos dessem motivo à crença na sobrevivência. Essa crença, como o afirma Bozzano, não teve a sua possível origem na simples imaginação – tanto mais que a imaginação primitiva não parece susceptível de ilações abstratas dessa natureza – mas na realidade objetiva dos fatos, dos fenômenos paranormais.

Richet propôs no *Traité de Metapsychique* a teoria do condicionamento da *percepção extra-sensorial*, à crença. Soal comprovou em experiências de *voz direta*, realizadas em Cambridge, a importância desse possível condicionamento. Mas o fato de haver a sujeição de determinados *fenômenos psi* à crença dos sensitivos não nega a validade dos mesmos. Pelo contrário, esse fato coloca imediatamente o problema da origem da crença, mostrando a relação direta desta com as *funções psi*. O sensitivo católico, por exemplo, que ao perceber uma visão extrafísica luminosa empresta-lhe as características do santo de sua devoção, ou o sensitivo espírita que lhe dá a forma de um espírito de pessoa sua conhecida estão condicionados pela crença. Mas essa crença, por sua vez, tem um condicionamento de origem, pois surgiu no passado em virtude da existência dos fenômenos *psi* e posteriormente se desenvolveu no processo natural de racionalização das experiências.

Não estamos, é evidente, diante de uma nova questão de prioridade, semelhante à do ovo e da galinha, porque neste caso a crença requer um motivo para formar-se. Ao mesmo tempo o motivo está suficientemente demonstrado na própria investigação histórica, uma vez que a manifestação do paranormal é um fato histórico inegável. Assim as *funções psi*, agora cientificamente demonstradas, como manifestações de faculdades naturais do homem (e até mesmo dos animais) modificam a nossa posição diante do problema da origem das religiões. Essa modificação é de tal importância que vale, como o demonstrou Bozzano, por uma revisão da escola antropológica inglesa à luz das novas conquistas da Ciência.

Seria temerário afirmarmos, segundo o argumento ontológico, que a idéia de Deus nos prova a sua existência porque corresponde a uma *percepção extra-sensorial* do Ser Supremo. Não se pode dizer que *psi* confirma a Teologia, o que seria absurdo. Mas é evidente que *psi* confirma a origem empírica da crença e conseqüentemente a origem natural da religião. As conseqüências deste fato são de tal alcance que bastariam para justificar a investigação dos *fenômenos psi*. Diante da realidade extrafísica demonstrada pela Parapsicologia, a posição do homem no Universo modifica-se fundamentalmente. Já não podemos pensar na vida humana como uma ocorrência efêmera e sem sentido na ordem natural, uma vez que ela revela possuir um substrato de natureza transcendente, ou em última instância ser esse próprio substrato. Assim as aspirações universais de transcendência do homem impõem-se ao nosso raciocínio com a força das constatações objetivas.

Este problema nos leva a considerar em maior amplitude a tese de Rhine referente à polaridade dos *fenômenos psi*. Se a *percepção extra-sensorial* é o pólo subjetivo desses fenômenos e a psicocinesia é o seu pólo objetivo, então o problema da crença deixa de ser apenas subjetivo. A posição individual do homem diante da possibilidade de existência de formas de vida superiores, não materiais, passa imediatamente para o plano das experiências coletivas.

Explica-se dessa maneira a passagem histórica da crença, como fenômeno individual, de ordem psicológica, para o plano social e, portanto, para a ordem lógica. Noutras palavras: a crença deixa de ser uma posição pessoal da mente diante da experiência individual para se transformar no processo de racionalização religiosa, consubstanciando-se nos dogmas de fé. Temos assim a polaridade de Rhine no plano histórico: a crença como o pólo subjetivo da percepção do Universo extrafísico e a religião como o seu pólo objetivo, aquele em que a realidade abstrata se concretiza no plano social.

Lembremos um exemplo. Tales de Mileto afirmava: “O mundo é pleno de deuses”, ou seja, é cheio de deuses. A afirmação decorria de uma crença ou de uma visão paranormal? Tales via

os deuses ou apenas aceitava a tradição mitológica? (Deuses eram todas as entidades espirituais, pois sua condição era divina, superava a condição humana.) Pelo que sabemos dele, não era um homem de crenças. Sócrates ouvia o seu *daemon* ou gênio e contradizia as crenças do seu tempo. Ambos estavam diante de fatos positivos, de realidades transcendentais mas objetivas (como são objetivos os elementos abstratos da Matemática e da Lógica) e revelavam o que percebiam pelos seus próprios sentidos físicos, os olhos de um e os ouvidos do outro.

Dessa experiência sensorial (pois o extra-sensório se traduzia em percepções sensoriais) ambos, Tales e Sócrates, elaboraram novas crenças. A percepção do Universo extrafísico se traduziu, para ambos, nas formas subjetivas da crença. Mas quando Tales e Sócrates quiseram concretizar suas crenças no plano social, em forma de novas religiões, tiveram de enfrentar a reação da religião dominante.

O problema da polaridade de *psi* se torna bem claro nesse exemplo: a crença é o pólo subjetivo do fenômeno religioso e a religião (como estrutura social) o seu pólo objetivo.

13.

Psi e o realismo

O estudo que procuramos fazer, no capítulo anterior, das relações de *psi* com a crença, levou-nos naturalmente a outro tipo de relações: as de *psi* como realismo. Não obstante a ambigüidade do termo, sua origem literária o tem definido ultimamente como uma posição existencial. O real aparece em nossa atitude diante do mundo como o *aqui* e o *agora*, o presente, e conseqüentemente o dado imediato ou o *amanual* de Heidegger. Assim, realismo é a nossa integração no real, a nossa vivência das coisas como elas são dadas ao nosso *aqui* e ao nosso *agora*, no espaço e no tempo. Humberto Mariotti, que já citamos várias vezes, ao colocar o problema das relações entre a Parapsicologia e o Materialismo Histórico, indica a necessidade de um “realismo espiritual”, que supere o “realismo marxista”. Este é o problema fundamental do momento e não pode ser resolvido apenas no campo religioso ou filosófico: terá de sê-lo no campo científico.

O materialismo marxista não é outra coisa senão uma atitude realista. Mas qual a realidade encarada pelo Marxismo? A realidade do dado imediato, mas um dado submetido à elaboração ideológica, um dado convertido em esquema. A realidade marxista é a da *coisa* no seu sentido existencial; a realidade linear de Zola ou o realismo do objeto, levado à tela pelo cinema italiano. A força desse realismo está precisamente no seu imediatismo. Contra ele ergue-se o idealismo religioso e filosófico – essa dupla forma de fuga para Passárgada – que só pode interessar aos que amam a ilusão e buscam a utopia, segundo afirmam os chamados espíritos positivos.

Mariotti encara o problema e adverte: “Se o realismo marxista não for superado por um realismo espiritual que o supere em tudo, a consciência materialista continuará a se impor, e vão ser os protestos dos idealistas e religiosos. As realidades espirituais, se de fato existem, deverão ser expostas ao homem moderno com a mesma objetividade dos fenômenos físicos e sociais”. A esta posição de Mariotti só temos a opor uma objeção: a de que não podemos dividir a realidade e criar outra forma

de realismo esquemático, a título de espiritualismo. Elaborar um “realismo espiritual” seria opor um esquema a outro, pura e simplesmente.

Ao provar, como afirma Rhine, a existência de um universo extrafísico, a Parapsicologia não nos oferece uma nova realidade mutilada, mas, pelo contrário, propõe-nos o restabelecimento da realidade total. No campo da Física e da Biologia abrem-se novas perspectivas para esse restabelecimento, com os progressos da Física Nuclear, o desenvolvimento da Biônica e da Cibernética. Mas, enquanto essas novas direções mergulham no imediato, perfurando sem querer o poço do futuro, emaranhadas na velha concepção materialista, a Parapsicologia, pelo contrário, rasga deliberada e corajosamente o véu conceptual do organocentrismo para mostrar o reverso da medalha. Com isso nos coloca num *imediato* de duas faces, oferecendo-nos um novo tipo de realismo com a inevitável polaridade físico-psíquica. É uma felicidade que na própria União Soviética o Professor Vassiliev, por exemplo, tenha preferido o estudo das *funções psi* ao exame das simples estruturas orgânicas da vida.

As relações de *psi* com o realismo foram evidenciadas quando tratamos do problema da origem das religiões. Do meio-realismo de Spencer vimos Bozzano partir para o realismo total de Lang e Freedom Long, distendendo as perspectivas teóricas do organicismo spenceriano na direção do extra-sensorial. Temos aí um exemplo claro do que *psi* pode oferecer-nos, no tocante à superação do realismo marxista. Embora essa superação esteja sendo feita, como já vimos, de maneira histórica e, portanto, irreversível, em todas as zonas ontológicas do objeto, pelas várias Ciências que alargam as suas possibilidades de investigação, somente a Parapsicologia realiza o avanço conceptual necessário.

Podemos dizer que de certa maneira a natureza analítica das Ciências continua fiel a si mesma nesta hora de transição cultural. As Ciências procedem por unidades, partindo da análise do átomo para a análise das moléculas e das células, nesse esmiuçamento típico da experimentação materialista, da investigação sensorial. A Física descobre o reverso do átomo; a Biologia, a

contraparte da célula; a Química, a face oculta da molécula. Mas a Psicologia, ampliando-se nas áreas marginais da investigação parapsíquica, retorna inevitavelmente à sua natureza filosófica ao defrontar-se com a realidade de *psi* e constatar a impossibilidade de seccionar novamente o *imediato*. Essa exigência lógica de enfrentar o todo de maneira *gestáltica* faz da Parapsicologia uma espécie de Renascença Psicológica. Como acentua Rhine, a Psicologia volta ao seu objeto perdido – a alma – e o faz da mesma maneira por que o *Quattrocento* italiano voltou à cultura clássica, ou seja, procurando compreendê-la de novo em maior profundidade.

O realismo de *psi* não é nem pode ser apenas *psi*. Felizmente isso parece bem compreendido pelos principais parapsicólogos que não pretendem fazer das suas investigações o *abre-te sésamo* do conhecimento total, mas pretendem apenas conquistar o terreno esquecido, a terra de ninguém que se estende aos lados do nosso saber científico. O simples fato de considerar-se a Parapsicologia como disciplina complementar, de natureza efêmera, destinada a sondar as áreas paralelas ao campo da Psicologia, revela a sua humildade. A importância das pesquisas parapsíquicas não está na teoria ou no ato em si das pesquisas, mas nas conseqüências que delas advêm.

Opor, não ao realismo marxista, mas a este, ao positivismo, ao materialismo e ao existencialismo sartreano uma forma nova de realismo é a missão da Parapsicologia. Para tão grande feito não necessita ela de se transformar numa ciência autônoma, nem de gerar uma nova filosofia. Basta-lhe a glória humilde de provar, como o está fazendo, através dos próprios métodos de investigação do materialismo, a existência de outro componente da realidade, negligenciado pelo imediatismo. Quando essa tarefa estiver cumprida as pretensões atuais da Biônica e da Cibernética, que se desenvolvem nos rumos de uma concepção mecanicista da vida, tendente a fazer do homem uma espécie de *robô* cósmico, estarão frustradas naturalmente. Mas a contribuição de ambas para o esclarecimento dos problemas científicos será tão importante, na medida dos respectivos limites, quanto a da Parapsicologia.

Ao integrar o realismo ou a concepção realista do mundo na sua totalidade, com a junção do psíquico ao físico, como duas faces de um mesmo rosto, *psi* terá aberto as portas de um novo mundo. O real não será mais o simples imediato e o objeto apresentará, na sua perspectiva ontológica, a dupla realidade de que se constitui. *Psi* nos dará o realismo total da conjugação espírito-matéria, essa polaridade universal a que o realismo imediatista do século procura fugir.

Porque é em vão que o homem se esquiva à realidade ontológica do seu próprio existir. A *sua* realidade não está na existência, mas no *ser* que gera e determina o existir. Heidegger, que considera o problema do *ser* como o único problema realmente filosófico, só tratou da existência como um meio de atingir a realidade ontológica e mergulhar na verdade ôntica. A pesquisa parapsicológica tem um procedimento heideggeriano: *a finalidade do seu método quantitativo é a qualidade*. Os signos das cartas Zener e os números dos dados de Rhine são instrumentos de manifestação do poder do espírito no plano material da pesquisa científica. A captação quantitativa desse poder, fragmentariamente manifestado nos processos de investigação, conduz ao realismo ontológico em que o conhecimento se integra na plenitude da realidade vivencial, constituída pela polaridade espírito-matéria.

14.

Psi na medicina

Interessam os fenômenos *psi*, e mais particularmente as *funções psi*, ao estudo da Medicina e ao preparo dos médicos? Jan Ehrenwald, em artigos publicados na revista *American Journal for Psychotherapy*, em outras publicações especializadas e por último no seu livro *New Dimensions of Deep Analysis*, acentua o seguinte: “As implicações de *psi*, como revelação de um novo aspecto da mente humana, têm tamanho alcance que reclamam a revisão e a recolocação de numerosos pressupostos teóricos relativos à estrutura da personalidade, às relações psicossoma, à localização cerebral e à natureza do nosso mundo perceptivo em geral”.

Nesse curioso livro *Novas Dimensões da Análise Profunda*, Ehrenwald coloca os problemas de *psi* no quadro de suas observações e experiências da clínica psiquiátrica, relatando casos e revelando as relações de *psi* com as estâncias psicanalíticas da personalidade. Esses estudos são revalidados pelas experiências e pesquisas de Eisenbud, Paderson-Krag, Ullman, Fodor, Joost Merlok, Gillespie e outros. O Professor Rhine, em *O Novo Mundo da Mente*, dedica um capítulo ao estudo das relações entre a Biologia e a Parapsicologia, advertindo: “Seria difícil medir a importância das conseqüências de *psi* num campo tão vasto como o da Biologia”. Noutro trecho, Rhine acentua: “As investigações parapsicológicas, através de seus métodos experimentais, penetrou no nível inconsciente da personalidade, muito além da profundidade atingida pelas explorações clínicas da Psiquiatria”.

As investigações de *psi* no mundo animal e as relações de *psi* com o estado e as funções fisiológicas de organismos animais e humanos são outros campos de investigação que, devidamente aprofundados, desembocam no delta das Ciências Médicas. Robert Amadou, em seu livro *La Parapsychologie*, ensaio histórico e crítico sobre as investigações de *psi*, declara: “A tendência contemporânea da Medicina de considerar o homem em sua totalidade e não descuidar, nem no diagnóstico nem na terapêuti-

ca, nenhum de seus elementos constitutivos, não lhe permite descartar-se dos *fenômenos psi*. A Medicina psicossomática ou córtico-visceral terá de utilizar o conhecimento dos fenômenos parapsicológicos tanto na etiologia das enfermidades como nas relações entre o médico e o enfermo”.

Os dados mais recentes da investigação de *psi* nos Estados Unidos, na Europa, na Rússia e mesmo na Argentina mostram cada vez mais a importância da Parapsicologia como vigorosa contribuição científica ao esclarecimento dos problemas médicos. As experiências de Vassiliev em Leningrado, em posição contrária à de Rhine na *Duke University* quanto à interpretação ideológica, não obstante confirmam e ampliam as perspectivas de *psi* no campo das relações psicossomáticas. A afirmação corajosa de Rhine de que *psi* demonstra a existência de um elemento não-físico no ser vivo serviu em parte para afastar da Parapsicologia os materialistas, mas as conseqüências de seus trabalhos práticos fizeram o contrário. As investigações da telepatia à distância, que obtiveram êxito, levaram os cientistas americanos e russos, empenhados na conquista do Espaço, a se interessarem seriamente pelas possibilidades cósmicas de *psi*, por suas possíveis aplicações na aludida conquista.

A própria Medicina espacial está hoje vivamente interessada nas investigações parapsicológicas. Diante dessa situação geral assume a importância de uma atualização do ensino médico no Brasil o projeto de lei encaminhado pelo deputado Campos Vergal, na Câmara Federal, instituindo cátedras de Parapsicologia em nossas Faculdades de Medicina. Consideramos que o projeto necessita de várias adaptações e correções, mas não há dúvida que representa um passo concreto no sentido de fazer-se alguma coisa de prático nessa direção. Ao que parece a proposição foi encarada como de segunda importância e até mesmo como simples tentativa de interferência de um mundo estranho – o mundo das crenças espiritualistas – no campo fechado das Ciências positivas. Nada mais justifica essa posição retrógrada diante de um problema científico que se encontra na maior evidência em todo o mundo civilizado. Os grandes centros universitários mundiais estão hoje empenhados no estudo e na

investigação dos *fenômenos psi*, e isso nas duas áreas em que se divide o nosso mundo em conflito, a capitalista e a socialista.

Tivemos ocasião de abordar o problema das implicações de *psi* na Medicina em palestras pronunciadas em centros acadêmicos de nossas Faculdades de Medicina. Os debates que seguiram às palestras revelaram, ao mesmo tempo, o inteiro desconhecimento do problema pela maioria dos estudantes e a hostilidade da maioria dos médicos presentes à interpretação parapsicológica de fenômenos paranormais indiscutivelmente entranhados no campo da Medicina, como os do caso Arigó. A posição geral de médicos e estudantes não revelava uma atitude científica, mas uma atitude determinada por velhos preconceitos e conseqüentemente defensiva, como se a Parapsicologia constituísse uma espécie de ameaça à integridade das Ciências Médicas da atualidade.

Não obstante, o simples fato de ter havido convites para as palestras, a manifestação interessada de numerosos estudantes e de alguns médicos presentes revelam que nem mesmo a citação enfática do caso Arigó consegue criar uma barreira intransponível. Isso demonstra que há uma área favorável ao exame do problema. Aliás, após a publicação da primeira edição deste livro três cursos de Introdução à Parapsicologia foram dados pelo Instituto Paulista de Parapsicologia nas três Faculdades de Medicina existentes em São Paulo (capital), por iniciativa dos respectivos Centros Acadêmicos.

Nunca será bastante insistir neste assunto. Porque é evidente que estamos num momento decisivo da História em que a mente humana, através das concepções científicas inclusive no campo até há pouco irreduzível da própria Física, depara com novas perspectivas para a compreensão do mundo e do homem. Não devemos permitir que num terreno da mais alta importância como o da Medicina essas perspectivas sejam afastadas, com inegáveis prejuízos para o nosso avanço cultural e a nossa atualização científica. *Psi*, como afirmou Amadou, não pode mais ser ignorada ou subestimada pelas Faculdades de Medicina.

O campo da Psicoterapia, em todas as suas variantes, é amplamente iluminado pelas pesquisas parapsicológicas. Não se

pode mais admitir, como afirmam Rhine e Pratt (*Parapsychology*, 1962) qualquer confusão entre estados psicopatológicos e manifestações paranormais. O médico de hoje deve saber distinguir com precisão entre uma coisa e outra ou estará irrevogavelmente atrasado no campo de sua profissão.

Além da importância já proclamada dos fenômenos *psigama* na Psicoterapia em geral, Rhine e Pratt acentuam, face às últimas observações de médicos-parapsicólogos, a significação de *psika-pa* (fenômenos físicos) na Biologia e na Medicina. Os casos de Medicina popular paranormal, como o de Arigó, encarados sumária e preconceituosamente pela maioria dos médicos, revelam, em nosso país e nos demais (Veja-se o caso Edgard Cayce nos Estados Unidos) a necessidade urgente do ensino da Parapsicologia em Medicina.

15.

Parapsicologia e Espiritismo

Os domínios da Parapsicologia são um enclave no vasto império do Espiritismo: um pequeno território autônomo, recortado pelos cientistas no campo da imensa fenomenologia espírita. Os livros de Parapsicologia, por isso mesmo, costumam citar o Espiritismo e os fenômenos espíritas como antecedentes dessa nova Ciência. Um exemplo típico desse procedimento é o livro do Professor Ricardo Musso, do Instituto Argentino de Parapsicologia, que traz o expressivo título: *En los limites de la Psicología*, mas seguido de um subtítulo bastante significativo: *Desde el Espiritismo hasta la Parapsicologia*.

Para os psicólogos que, tendo à frente o Professor Joseph Banks Rhine, da Universidade de Duke, reiniciaram as pesquisas metapsíquicas neste século, dando-lhes nova orientação sob esse novo nome, o Espiritismo representa uma fase antiga e superada do trato com o paranormal. É o passado. E com ele a Metapsíquica, cujas experiências e investigações estão sendo submetidas a rigorosa e penosa revisão. As relações entre o Espiritismo e a Parapsicologia não são, portanto, amistosas, como pensam geralmente espíritas e não-espíritas. Pelo contrário, têm sido até bastante ásperas, pois os parapsicólogos não desejam qualquer confusão entre os dois campos. O *enclave científico*, orgulhoso como um Principado de Mônaco, retém ciosamente o que conseguiu conquistar do vasto império que o rodeia e ameaça desmantelá-lo por completo no futuro, se os espíritos puderem ser eliminados.

A tese parapsicológica é a seguinte: *O Espiritismo surgiu em virtude de interpretações apressadas de fenômenos desconhecidos. Escapando ao controle das Ciências, esses fenômenos ofereceram larga margem à credence humana. Depois surgiu a Metapsíquica, pretendendo colocar o problema nos devidos termos. Mas essa Ciência também se perdeu no emaranhado dos fenômenos paranormais, avançando demasiado rapidamente nas suas investigações. Agora a Parapsicologia tem de repor tudo novamente em seus lugares. E isso sem pressa, sem precipitar*

conclusões, avançando devagar e com a mais absoluta segurança, que o terreno é traiçoeiro.

A tese espírita é bem outra. Tentemos resumi-la: A Metapsíquica e a Parapsicologia representam esforços científicos para a explicação dos fenômenos espíritas. Louváveis esforços que farão os homens de ciência compreenderem a verdade do Espiritismo, dando-lhes uma visão mais ampla e mais bela da vida universal. Não importa que a Parapsicologia rejeite o Espiritismo e até mesmo o despreze. O que importa é que ela prossiga nas suas investigações, pois estas a levarão fatalmente ao reconhecimento da realidade espiritual. Como o Espiritismo não quer outra coisa para todos os homens, a existência desse pequeno e orgulhoso enclave científico, no seu território, longe de incomodá-lo, só pode dar-lhe satisfações.

Mas nem todos os espíritas entendem essa tese. Alguns pensam que a Parapsicologia é apenas uma nova denominação – orgulhosamente dada pelos cientistas, com o fim exclusivo de fugirem à verdade – ao vasto império do Espiritismo. Outros chegam a temer que os espíritas, fascinados pelo brilho aparente e a prosperidade desse Principado de Mônaco, acabem se perdendo no pano verde das suas cartas de baralho e dos seus jogos de dados. Ficam indignados quando vêem espíritas militantes entregarem-se a atividades parapsicológicas. E outros, ainda, certamente os mais felizes e ingênuos – que ganharão o Reino dos Céus – entendem que todo parapsicólogo é um espírita disfarçado de cientista para minar e sabotar o edifício das *ciências materiais*.

Como vimos no confronto das duas teses, a aspereza existente nas relações entre o Espiritismo e a Parapsicologia decorre apenas da falta de compreensão. Se os parapsicólogos abdicassem dos seus preconceitos positivistas ou pragmatistas, e se os espíritas, por sua vez, abdicassem dos resíduos de dogmatismo que ainda alimentam, essas relações seriam as mais amistosas e compreensivas. É o que, felizmente, já vem ocorrendo em várias áreas. Na Alemanha, na Inglaterra, nos Estados Unidos e aqui mesmo, no Brasil, alguns parapsicólogos e espíritas já aprende-

ram a dar-se as mãos, jogando fora os seus preconceitos e os seus possíveis temores.

Tanto a Parapsicologia quanto o Espiritismo objetivam exclusivamente a descoberta da verdade sobre a natureza humana. Aquela realiza o seu trabalho no campo das Ciências positivas, servindo-se dos métodos a elas inerentes; este o faz no campo das Ciências culturais, servindo-se também da metodologia específica. O Espiritismo surgiu de um processo de síntese do conhecimento: a conjugação das experiências científicas e religiosas do homem, num momento exato de fusão, permitiu o aparecimento de uma concepção nova, de natureza global, para o estudo dos problemas humanos. Por isso, Kardec afirma que o Espiritismo é uma Ciência, mas que trata especificamente do elemento inteligente do Universo, ou seja, uma Ciência espiritual. Não se pode confundi-lo com as Ciências chamadas positivas que tratam do elemento material do Universo. Mas é evidente que as duas formas de Ciência devem conjugar-se para abrangerem todos os aspectos do Universo. A Parapsicologia surgiu das pesquisas psicológicas, perfeitamente integrada nos quadros e nas exigências das Ciências positivas. Podem e devem, portanto, marchar lado a lado na conquista do objetivo comum.

Para esclarecer melhor o que acima dissemos basta lembrar que o Espiritismo não trata apenas do exame dos fenômenos paranormais. Ao examinar esses fenômenos ele toma uma posição analítico-sintética e não somente analítica. *Não vê os fenômenos em si, como o faz a Parapsicologia mas os fenômenos em si ligados a um contexto.* Por isso o seu método é cultural e não apenas científico. As Ciências materiais são fragmentárias e esmiúçam os fenômenos. *O Espiritismo é global e entrosa os fenômenos em si mesmos e no contexto a que pertencem. Psicologicamente podemos dizer que o procedimento do Espiritismo é gestáltico, ou seja: ele se preocupa com a forma global e não com os detalhes.*

Os parapsicólogos entendem que essa posição do Espiritismo é arcaica, pertence ao passado místico da Humanidade. Para eles a verdade só pode ser descoberta pela análise, pelo esmiuçamento dos problemas, isolados e submetidos ao processo cartesiano

de divisão. Mas o Espiritismo não despreza a análise. Procura apenas colocá-la no devido lugar, como uma simples fase do processo do conhecimento. Aliás, o próprio desenvolvimento das Ciências positivas está sendo feito nesse sentido. O método *gestáltico* em psicologia e a teoria da relatividade na física são exemplos disso. O que nos mostra que o Espiritismo está bem firmado na sua posição, que não é arcaica mas adiantada, representando uma antecipação no campo do conhecimento. Enganam-se os parapsicólogos que desprezam o Espiritismo. E mais ainda se enganam os espíritas que, empolgados pelo desenvolvimento atual das Ciências positivas, entendem que a Parapsicologia vai realmente tomar o lugar do Espiritismo e arquivá-lo nas estantes empoeiradas do passado.

Para maior clareza podemos dizer que os parapsicólogos são como os mineiros que cavam no escuro, arrancando os minérios da terra. Os espíritas são como os pedreiros que constroem à luz do sol, sobre a terra. É evidente que o trabalho dos parapsicólogos interessa de perto aos pedreiros do Espiritismo. E não há razão nenhuma para os pedreiros se assustarem com o trabalho penoso dos mineiros. Os espíritas, portanto, não devem menosprezar nem superestimar os domínios da Parapsicologia, que na verdade estão encravados – na exata expressão da palavra francesa *enclave* – nos próprios domínios do Espiritismo.

A investigação parapsicológica já venceu a sua primeira fase – a da constatação da existência do extrafísico no Homem e no Universo – e está avançando para a demonstração da supervivência do homem após a morte. Rhine dedica-se, no momento, à elaboração de metodologia especial necessária a essa comprovação científica que vai aos poucos realizando, no exame dos *fenômenos teta*, de manifestação de entidades espirituais. Enquanto isso podemos assinalar a área da concepção espírita já plenamente confirmada pela pesquisa parapsicológica.

Ao afirmar que as *funções psi* são comuns a toda a espécie humana a Parapsicologia confirma a tese espírita da *mediunidade generalizada*. Reconhecendo a diversificação dessas funções em dois campos, o subjetivo e o objetivo, endossa a divisão espírita das manifestações inteligentes e dos fenômenos físicos. Susten-

tando a independência da mente, que percebe e age sem se servir dos órgãos corporais, restabelece a dualidade relativa de corpo e espírito. Provando a ação psicocinética, confirma a tese espírita das relações alma-corpo. E, por fim, reconhecendo a existência de fenômenos mentais possivelmente produzidos por *mentes desencarnadas* confirma a divisão espírita dos fenômenos mediúnicos em dois campos: os anímicos (produzidos pela própria alma do médium) e os espíritas (produzidos por espíritos desencarnados). O campo de *psigama* está hoje dividido em duas áreas – a de *ESP (percepção extra-sensorial)*, e a de *Teta*, manifestações de espíritos. Além disso, ao tratar da existência de pseudo-fenômenos paranormais a Parapsicologia endossa as explicações espíritas a respeito da existência dos chamados *fenômenos espirotóides*.

Assim, as novidades parapsicológicas, que deviam “aturdir os ingênuos spiritistas” nada mais fazem do que reafirmar tardiamente as teorias espíritas, já confirmadas pelas experiências do Espiritismo há mais de um século. Não é de admirar que os adversários do Espiritismo queiram reduzir a Parapsicologia à triste condição de um *pavlovismo* ou um *behaviorismo* paranormal. É o único recurso que lhes resta diante do avanço das Ciências na comprovação progressiva das pesquisas e teorias espíritas.

A posição de Rhine no tocante à questão da sobrevivência é declarada nos seus últimos livros e artigos. O Professor Jorge Ayala, da Universidade do México, declarou-nos pessoalmente: Rhine segue por etapas – a primeira foi a prova de que os fenômenos existem; a segunda, a prova de que a mente não é física; a terceira será a da sobrevivência espiritual do homem. A equipe de Puharich, que realizou pesquisas com Arigó e outros médiuns, tem o mesmo objetivo.

É importante assinalar que até agora as pesquisas parapsicológicas não provaram nada contra o Espiritismo. Pelo contrário, só têm confirmado, passo a passo, a doutrina espírita em seu aspecto científico.

16.

Os padres mágicos

O desinteresse dos meios universitários e das instituições científicas no Brasil pelo desenvolvimento mundial da Parapsicologia deixou-nos expostos à invasão da charlatanice. É uma lei do progresso cultural, já bastante conhecida. Em todos os campos em que a Ciência se recusou a entrar com a sua frágil mas eficiente lanterna, surgiram os charlatães de tocha em punho. Os fenômenos paranormais ocorrem entre nós, tanto como entre todos os povos. Mas devem haver algumas circunstâncias que nos favorecem nesse terreno. Possuímos, talvez, maior número de médiuns que qualquer outro país. Muitos deles se transformaram em charlatães porque não encontraram amparo e orientação e nem mesmo a mais leve atenção de parte das organizações científicas, a não ser para persegui-los e processá-los.

O caso Arigó teria sofrido essa metamorfose, não fosse a simplicidade rústica e a honestidade natural do médium. Os nossos meios científicos tudo fizeram para converter Arigó num charlatão e depois metê-lo na cadeia. Como a transformação foi impossível, insistiram até os seus últimos dias em prendê-lo mesmo assim. Parodiando conhecido ditado popular, pensam os nossos homens de Ciência que mais vale um médium na cadeia do que mil em liberdade. Mas por mais que fizeram, Arigó resistiu. Foi uma rocha de inabalável minério. E além disso os médiuns em liberdade se multiplicam por toda parte. A ciência indígena se desespera e pede ajuda à religião. Já que não é possível acabar com os médiuns, que pelo menos possamos exorcizá-los. É aí que entram em cena os padres mágicos.

Louis Pawels e Jacques Bergier entendem que estamos no momento do despertar dos mágicos. O livro de ambos, traduzido e publicado no Brasil, não fez o sucesso esperado. Porque entre nós os mágicos já haviam despertado antes. E o fizeram da maneira mais apropriada, respeitando a mais antiga tradição espiritual: no meio sacerdotal. Num ambiente cultural subdividido por numerosos conflitos, os padres mágicos surgiram sob aplausos. Vinham explicar aquilo mesmo que Pawels e Bergier

explicavam em seu livro: que o fantástico é uma realidade natural, acessível aos que não dormem o sono intelectual. E o faziam de maneira muito mais simples, através de cursos populares ilustrados por exposições hipnóticas e mágicas de teatro.

De um momento para outro vimos surgirem algumas figuras curiosas que ensinavam a doutos e incultos, a sábios e incipientes, várias *ciências novas*. Frei Boaventura Klopemburg, por exemplo, e Irmão Vitricio, “introdutor da letargia no Brasil”, que se esparramou em espetáculos de teatro e televisão, “provando” que os fenômenos mediúnicos nada mais eram do que encenações letárgicas. Até hoje ninguém conseguiu uma prova de que a letargia seja uma ciência diferente da hipnologia. Mas para que provas, quando temos as exposições teatrais? O Padre jesuíta Oscar Gonzalez Quevedo invadiu escolas superiores, estações de televisão, auditórios e páginas de jornais e revistas para ensinar uma *nova parapsicologia “made in Madri”* que fez furor em todos os setores. O iluminado sacerdote dava cursos sobre comunicações de além-túmulo e provava que médiuns e estudiosos do Espiritismo não passavam de beócios e ingênuos. A verdade escorria dos dedos do padre como chuva de verão, fácil e passageira: *O inconsciente é um gênio desconhecido; quem faz tudo isso é o inconsciente.*

Simpático, sorridente, estribado numa auto-suficiência de espantar mouros da costa, o P. Quevedo distribuiu os seus cursos pelo meio universitário, concedeu entrevistas farfalhantes a jornais, revistas ilustradas e estações de televisão e acabou publicando um calhamaço que reúne a sua profunda sabedoria: *A Face Oculta da Mente*. O que há de oculto nesse grosso volume foi revelado pelo conhecido estudioso do assunto, o metapsiquista e espírita Carlos Imbassahy, com seu livro *A Farsa Escura da Mente*. Basta confrontar os dois volumes para se ver a que despropósitos chegou a *ciência infusa* do P. Quevedo, no seu afã de provar a genialidade do inconsciente.

No fundo, as conclusões do padre são mais otimistas que as do famoso doutor Pangloss. Não existem fenômenos espíritas, mas, em compensação, *todos nós somos geniais*. Que importa se não podemos provar a sobrevivência do homem após a morte?

Temos uma prova muito mais valiosa: a de que *cada um de nós carrega um gênio oculto no inconsciente*. É verdade que, conscientemente, podemos ser uns pobres diabos. Mas isso é passageiro. Lá dentro, nas criptas e furnas secretas do inconsciente, que o pobre Dr. Freud não foi capaz de penetrar, dorme sempre o gênio desconhecido. O P. Quevedo penetra nas furnas, sacode o dorminhoco, desperta-o, admira-se ele mesmo da sua façanha e exclama, como na conhecida anedota: “*Che vedo!*”.

Somos uns gênios incubados. Talvez a morte nos desperte para a genialidade inconsciente. Não basta isso? Não, o P. Quevedo ainda não se contenta com isso. Seu otimismo encontra apoio nas teorias do maravilhoso Dr. Giuseppe Galigaris: *Podemos refletir o Universo na pele!* Seria possível maior maravilha? Que campo novo para os dermatologistas! Antigamente podíamos ter o diabo na pele. Hoje, podemos ter o Universo. O P. Quevedo explica a razão dessas coisas espantosas: “... *a manifestação das faculdades paranormais é o resíduo do extraordinário poder que possuía a natureza humana quando foi criada, poder que desfrutaria num paraíso terrestre*” (*A Face Oculta da Mente*, pág. 329). Dessa maneira, o padre nos revela uma herança que desconhecíamos. Até agora, só nos haviam ensinado que herdamos o pecado. O padre descobre e nos conta que herdamos também os poderes celestes de nosso pai Adão, o pecador. Podemos recuperar um pouco do paraíso perdido através das mágicas geniais do nosso inconsciente.

Na verdade, as mágicas não são do inconsciente, são do padre. Ou melhor, dos padres mágicos que andam fazendo exposições de palco e televisão, no afã de negar a possibilidade de comunicação espiritual com os que partiram da Terra. Curiosas contradições humanas! Quem diria que justamente os sacerdotes, incumbidos de lembrar aos homens a sua natureza imortal, iriam voltar-se contra as provas da sobrevivência e apelar até mesmo para os truques de magia e os passes hipnóticos a fim de *provar* que os fenômenos espíritas não existem? Pois é o que temos aí, aos nossos olhos. Padres e frades *faquirizando* contra o Espiritismo, organizando grupos de sensitivos previamente treinados para exposições teatrais, fazendo artes em público e

afirmando que somos herdeiros de poderes paradisiacos, puramente materiais.

Mas surgem, às vezes, coisas inesperadas. O P. Quevedo declarou insistentemente que entendia de magia teatral. Mas como afirmou, muitas vezes mais, que pelo poder da mente dominava o corpo, impedia o fluxo sangüíneo nos ferimentos e suprimia a dor, ninguém pensou nos seus poderes mágicos. Até que alguns mágicos de verdade, mágicos profissionais, que trabalham em palcos e circos, ganhando honestamente a vida na prática de uma velha arte, tão nobre como qualquer outra – sem jamais enganarem a ninguém, pois todos sabem que se trata de uma arte e não de poderes estranhos – resolveram assistir os cursos do padre. Assistiram, viram tudo e ficaram indignados. Sim, porque o padre fazia mágicas e dizia que estava fazendo ciência! Então, modestamente, os mágicos de verdade resolveram protestar. E o fizeram com o maior respeito pela genialidade inconsciente dos ilustres reverendos.

A revista “Miríade Mágica”, órgão do Núcleo Mágico de Niterói, resolveu tratar do assunto em seus números 9 e 10, de abril-maio de 1965. Num artigo sério, intitulado *A propaganda e seus Efeitos*, os mágicos aplaudem as habilidades do padre mas discordam de certos exageros. Vejamos um trecho, com a devida vênia:

“Ainda agora, com o objetivo de adquirirmos alguns conhecimentos, para melhoria de nossos trabalhos, freqüentamos as conferências proferidas pelo ilustre professor de parapsicologia P. Oscar Gonçalves Quevedo, S. J., no curso intensivo dessa ciência, e ficamos convencidos de que se deve apoiar e colaborar no sentido de combater as superstições e credences que levam a humanidade a inferiorizar-se, acreditando em fraudes conscientes e inconscientes”.

Até aqui, como se vê, a maior boa vontade, a intenção de aprender e o evidente respeito para com o ilustre professor. Mas, a seguir, os mágicos reagem na defesa da profissão e também na defesa da lealdade mágica, como se vê neste trecho:

“... embora reservemo-nos o direito de discordar de certas afirmativas do reverendo professor, como a de que o ilusionismo fraudava, principalmente pela sua declaração de ser cultor de nossa Arte e havê-lo demonstrado efetivamente, em todas as ilustrações do curso, como sejam: visão paraótica, estrada hipnótica, visão através dos corpos opacos, baralho-rosário, pantomimesia, mnemotecnia, adivinhação extra-sensorial, cumberlandismo ou crime simulado, hipnose teatral e um pouco de faquirismo, espetando um estilete no braço”.

Está aí o rol de mágicas que o P. Quevedo oferece aos seus alunos de parapsicologia. No curso acima referido, segundo o articulista, o padre declarou “alto e bom som” que se tratava de experiências científicas entre aspas. Na maioria dos cursos, e mesmo em programas de televisão, não apareceram essas aspas. Pelo contrário, tivemos a oportunidade de ver apenas as aspas do touro da verdade vacilando ante as negaças do toureiro espanhol. Mas voltemos aos mágicos. Ouçamo-los:

“... em o Jornal do Brasil vimos uma sua fotografia com o estilete espetado no braço, e no histórico a afirmativa de que ficara um buraco de cinco milímetros de diâmetro, sem sangrar e sem que o paciente sofresse qualquer dor. Ora, embora não pratiquemos esta faceta do ilusionismo, sabemos como é praticada, por havermos auxiliado a apresentá-la e conhecermos os seus truques ‘científicos’. Acreditamos que a alegação (mentirosa) do buraco, pode gerar credence até em pessoa ilustrada. Quanto à dor, a letargia apresentada entre nós pelo Irmão Vitricio já a explicou suficientemente (para empregarmos um termo também bastante pretensioso), além de devermos considerar que o maior dorimento é o da periferia, e, por isso mesmo, o estilete é biselado (o truque)”.

A seguir, o articulista explica que o ilusionista *não pretende fraudar, iludir ou enganar*, mas apenas ilusionar. E acentua: *ilusionista que não ilusiona comete fraude*. Assinala ainda que o ilusionismo não pretende atacar nenhuma religião, nenhuma crença. É apenas uma arte. Todos os que vão assistir a um espe-

táculo sabem que estão vendo artificios e não fenômenos de qualquer espécie. Que bonita lição de honestidade profissional nos dão os mágicos, em sua modesta revista! Ouçamo-los ainda:

“Se alguém faz a levitação sem truques (os corpos celestes aí estão para o comprovar) não se depreende daí que o contestemos. Apenas declaramos que usamos truques para simularmos o que é, ou o que asseveram ser real”.

Para encerrar o artigo, que se refere especialmente ao problema da publicidade, o articulista de “Miríade Mágica” exclama, certamente aturdido com as “maravilhas” que havia presenciado: *“Cuidado pois com a publicidade! Não permitamos os exageros que nos poderão prejudicar”*. E nada mais foi dito. Mas significativamente recebemos um exemplar desse número da revista, cuja distribuição é feita apenas entre os mágicos profissionais. Esperamos que o remetente não se aborreça com a publicidade eventual que estamos fazendo da sua revista e da sua profissão. Não temos outra intenção senão aquela mesma que o orientou: a de mostrar aos homens de boa-fé que, segundo a lição evangélica, devemos ser mansos como as pombas mas não podemos esquecer a prudência das serpentes.

De tudo quanto aí fica, tire o leitor as suas conclusões. Os padres mágicos constituem um dos capítulos mais curiosos da história da Parapsicologia no Brasil. Não podíamos deixar de registrá-lo neste volume, como uma contribuição para os futuros historiadores. E também (porque não?) como uma justa homenagem à habilidade dos padres mágicos, que têm dominado platéias numerosas e conquistado auditórios ilustres. Aliás, o *Livro de Atos* refere-se a alguns mágicos da era apostólica, como o caso de *Elymas, o encantador* (13:6-12), a quem Paulo advertiu que não continuasse a perturbar os retos caminhos do Senhor, e o tão conhecido caso de Simão, o mago (8:9-24), a quem Pedro repreendeu, por não ter o coração reto diante do Senhor.

Novo livro do P. Quevedo foi publicado recentemente, em dois volumes, com o título de *As Forças Físicas da Mente*. Afirma o autor que existem duas forças nos fenômenos paranormais: “... umas vezes há exteriorização de força material, outras

vezes de força espiritual”. Isto é o que se chama descobrir a pólvora, pois tanto no Espiritismo, quanto na Metapsíquica e na Parapsicologia todos os autores sabem disso. Os dois volumes do padre não vão além do emaranhado de contradições de seu livro anterior: *A Face Oculta da Mente*. Sua finalidade é apenas combater o Espiritismo.

O curioso é um padre publicar dois volumes para contradizer a principal descoberta científica do século, feita e proclamada pela escola de Rhine: a de que *a mente não é física*. A mente, pois, não possui forças físicas, e como ensina Rhine, age “por vias não físicas sobre a matéria”. Nos fenômenos físicos paranormais exteriorizam-se forças físicas do médium sob a ação das forças mentais ou espirituais do próprio médium ou dos espíritos. Essa interação *mente-corpo* é princípio básico bastante estudado e confirma cientificamente a relação *alma-corpo* que é fundamento das religiões. Gustave Geley explicou a emissão do ectoplasma como o resultado da ação de “controladores espirituais” sobre os médiuns. Este problema só continua a ser problema para os materialistas.

Índice Bibliográfico

- AMADOU, Robert – La Parapsicologia, Paidós, Buenos Aires, 1956, trad. de Ratto e Duval.
- BINET-SANGLÉ – La Folie de Jesus, Albin Michel, Paris, 1929. BOREL, Emile – Traité du Calcul des Probabilités et ses Applications, Librairie Gauthier-Villars, Paris, 1918.
- BOSSERO, Santiago – Las Vidas Sucessivas, Editorial Victor Hugo, Buenos Aires, 1953.
- BOZZANO, Ernesto – Da Mente a Mente, Edizioni Europa, Verona, 1946. I Morti Ritornano, idem, 1946. Popoli Primitivi e Manifestazioni Super-normali, idem, idem.
- CHARDIN, Teilhard – Le Phénomène Humain, Seuil, Paris, 1956.
- CONAN DOYLE, Arthur – História do Espiritismo, Pensamento, São Paulo, 1960.
- CRAWFORD, Williams – Experiments in Psychal Science, Watkins, Londres, 1918. Mecânica Psíquica, Lake, São Paulo. 1963.
- DESCARTES, René – Discours de la Méthode, Gamier, Paris, 1950.
- DUNNE, J. W. – Un Experimento com el Tiempo, Aguilar, Barcelona, 1950.
- EHRENWALD, Jan – New Dimension of Deep Analysis, Allen & Uwln, Londres, 1954.
- FRANÇA. José Quadros – Destros e Canhotos, Melhoramentos, São Paulo. 1969.
- HART, Hornell – The Psychic Fifth Dimension, S.P.R., N. Y., 1935.
- HUGO, Victor – Préface de Cromwell, Larouse, Paris, 1949.
- LOMBROSO, Cesare – Fenomeni Ipnotici e Spiritici, La Lettura, Milano, 1910, e tradução brasileira de Carlos Ibassahy, Lake, São Paulo, 1960.
- MANHEIM, Karl – Ideologia e Utopia, trad. de Emilio Willem, Globo, Porto Alegre, 1950.

- MURPHY, John – *Origins and History of Religions*, Manchester University Press, 1950.
- PUHARICH, Andrija – *The Sacred Mushroom*, Doubleday, N. Y., 1959.
- QUEVEDO, Oscar Gonzalez, S. J. – *A Face Oculta da Mente*, Edições Loyola, São Paulo, 1964. *As Forças Físicas da Mente*, idem, idem, 1968.
- RHINE, Joseph Banks – *The Reach of the Mind*, L. Faber, Londres, 1948. *New World of the Mind*, William Sloane, New York, 1953.
- RICHTER, Charles – *Traité de Metpsychique*, Felix Alcan, Paris, 1922.
- ROCHAS, Albert De – *Les Vies Successives*, Charconae, Paris, 1908.
- SCHEILA, Ostrander e LYN, Schroeder – *Psychic Discoveries Behind the Iron Curtin*, Prentice-Hall, New York, 1971.
- SCHRENCK-NOTZING, Albert von – *Lés Phénomènes Physiques de la Mediunité*, Payot, Paris, 1925.
- SILVA MELLO, A. da – *Mistérios e Realidades Deste e do Outro Mundo*, Civilização Brasileira, Rio, 1960. *Religião: Prós e Contrás*, idem, 1963.
- SINET, A. P. – *Incidentes de la vida de la sra. Blavatsky*, Editorial Teosófica Maynadé, Barcelona, 1921.
- STILL, Alfred – *Nas Fronteiras da Ciência e da Parapsicologia*, Ibrasa, São Paulo, 1965.
- WICKLAND, Karl – *Treinta anos entre los muertos*, Sudamericana, Buenos Aires, 1939.
- WILKINS, Hubert, e Sherman, Harold – *Trougths Trough Space, e Pensamientos a traves del espacio*, tradução de C. A. Jordana, Editorial Sudamericana, Buenos Aires, 1944.
- ZOLLNER, J. F. – *Física Transcendental*, edição brasileira: *Provas Científicas da Sobrevivência*, Edicel, São Paulo, 1966.

Vocabulário

(Explicação de termos técnicos usados neste volume)

Aporte – Introdução de objetos em locais fechados, ou retirada de objetos desses locais, por meio de uma possível lei de interpenetração da matéria, ou por outro processo desconhecido.

Animismo – Fenômenos produzidos pelo próprio médium ou sensitivo, ou pela sua própria alma. Ver a obra de Ernesto Bozzano, Animismo ou Espiritismo, ou a de Alexandre Ak-sakof, Animismo e Espiritismo.

Aqui e Agora – Categorias da Filosofia da Existência, ou Existencialismo, que significam: o momento presente, o mundo.

Ambidestrismo – Capacidade de utilizar-se das duas mãos, com a mesma agilidade.

Catalepsia – Estado de rigidez muscular, determinado pela hipnose ou por processos histéricos, com paralisação dos movimentos.

Clarividência – Na Parapsicologia, visão à distância ou através de obstáculos; no Espiritismo, visão de entidades espirituais ou de objetos, episódios e cenários espirituais, tendo também o significado parapsicológico.

Clariaudiência – Percepção de vozes estranhas, exclusivamente pelo sensitivo. No Espiritismo, percepção das vozes dos espíritos, músicas e outros sons do mundo espiritual.

Controle – Processo de verificação dos fenômenos, evitando-se a ocorrência de fraudes; espírito-guia do médium.

Criptestesia – Percepção de objetos ocultos; clarividência.

Cumberlandismo – Falsa telepatia, praticada no teatro, pela primeira vez, pelo prestidigitador inglês Cumberland, através da percepção dos movimentos inconscientes das pessoas.

Desdobramento – Projeção do *Eu*; bilocação; fenômeno de materialização, de natureza anímica, em que o próprio espírito do médium se torna visível e palpável, fora do corpo.

Dupla vista – Percepção de cenas em forma de projeção cinematográfica, como a morte de uma pessoa ainda viva, ou o acidente com uma pessoa ausente, sem que se perca a visão de realidade concreta.

Ectoplasma – Substância esbranquiçada e gelatinosa que sai do corpo do médium, pelos orifícios naturais ou pelos poros, e que, segundo Richet, que criou a palavra, tem irresistível tendência a formar membros ou corpos humanos; o elemento orgânico do fenômeno de materialização, que se exterioriza também na forma de um fluido visível ou invisível, às vezes sensível ao tacto.

Escrita automática – Escrita produzida sem domínio consciente do sujeito. Na Psicologia, escrita produzida pelo inconsciente do sujeito; no Espiritismo, o mesmo sentido, e mais a psicografia, escrita dos espíritos através dos médiuns.

Entidades psicônicas – Formações ou estruturas de *psícons*, ou átomos psíquicos, segundo a teoria de Whately Carington, que constituem a sobrevivência da mente à morte do corpo.

Existencial – Referente ao Existencialismo ou Filosofia da Existência, que encara o homem e os seus problemas durante a vida material, no processo histórico.

Gestalt – Palavra alemã (forma) usada para designar a Psicologia da Forma, que trata dos processos da percepção.

Ideoplastia – Formações mentais objetivas; imagens formadas com modelagem do ectoplasma pelo pensamento; segundo Richet, Imoda e outros, fantasmas espirituais artificialmente criados pelo pensamento; modelagens mentais, que podem ser fotografadas.

Materializações – Formação de objetos, membros humanos ou corpos inteiros, por meio de ectoplasma; no Espiritismo, tem ainda o sentido de corporificação transitória de espíritos, nas sessões, por meio do ectoplasma.

Médium – Intermediário, sensitivo que serve para a comunicação de espíritos; termo usado tanto no Espiritismo quanto na Parapsicologia.

Metergia – Produção de fenômenos objetivos (do grego: ergon, trabalho) por ação à distância: movimento de objetos, ideoplastias, pancadas ou ruídos, formações ectoplásmicas, *voz direta*.

Palingenesia – Gerar de novo; reconstrução de um objeto ou de um ser desaparecido; reencarnação.

Poltergeist – Manifestação de espíritos-batedores, através de pancadas ou ruídos diversos; infestação de espíritos; casas assombradas (do alemão: polter, perturbador; geist, espírito).

Sincronicidade – Princípio que rege os fenômenos psíquicos, como o de causalidade rege os fenômenos físicos. Teoria de Karl Jung, para explicar os fenômenos paranormais, que não se produziram por causa e efeito, mas por coincidência significativa, de maneira sincrônica ou simultânea.

Transe – Estado de dissociação psíquica, de dormência ou inconsciência, em que se verificam fenômenos paranormais, comunicações mediúnicas, produções ectoplásmicas, etc.

Vidência – Capacidade de ver espíritos; clarividência.

FIM